

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

MARCELA SOBREIRA SILVA

Cotidiano e experiência no trabalho rural da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata, Minas Gerais:
as trajetórias de vida de Dona Alzira e Dimas

BELO HORIZONTE

2011

MARCELA SOBREIRA SILVA

Cotidiano e experiência no trabalho rural da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata, Minas Gerais:
as trajetórias de vida de Dona Alzira e Dimas

Dissertação apresentada ao Departamento de
Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais,
como parte dos requisitos para a obtenção do título
de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Linha de pesquisa: Trabalho, Sociabilidade e Saúde

Orientadora: Prof^a. Dra. Vanessa Andrade de Barros

BELO HORIZONTE

2011

Folha de aprovação

À Inêidina e ao Marcelo - minha origem.

À Clarice e ao Del - meu lar.

À D. Alzira e ao Dimas - meu aprendizado.

AGRADECIMENTOS

À professora Vanessa, pela preciosa orientação e pelos ensinamentos de pesquisa - sobretudo pela delicadeza e paciência com as quais se ocupou de meus receios, dúvidas e enganos.

Ao Dimas, pela vida que compartilhou, pela experiência que me proporcionou, pela história que construiu. À sua esposa, Otaviana, que tantas vezes me acolheu e me recebeu com alegria em sua casa.

À D. Alzira – fortaleza e sensibilidade – pela admirável trajetória a mim confiada. Sua história me faz ter a certeza de que a vida concreta é sempre mais complexa e rica do que a teoria.

Ao José Jamir, que tornou possível o meu encontro com esses trabalhadores – corpo e alma deste estudo.

Ao programa de pós-graduação em Psicologia, especialmente à Flávia, que me orientou sobre os procedimentos burocráticos.

Aos amigos, Carolyne e Jesus, pelo apoio e companheirismo nos momentos mais críticos e angustiantes do árduo trabalho de dissertar.

À querida amiga-irmã, Ana Carolina, pelo muito que compartilhamos e vivemos – ideais, conquistas, frustrações, mudanças, indagações, projetos e desafios.

Aos meus irmãos, Rodrigo, Flávio e Saulo, pelo carinho, cuidado e atenção.

Aos meus pais, Marcelo e Inêidina, por tudo que me ensinaram e proporcionaram. As palavras são sempre pequenas e insuficientes para expressar o que representam em minha vida.

Aos meus amores, Del e Clarice, cuja tolerância e presença me fizeram superar as dificuldades recorrentes durante a construção deste trabalho.

O mundo não está feito de átomos.

O mundo está feito de histórias.

Muriel Rukeyser.

RESUMO

Silva, M. S. *Cotidiano e experiência no trabalho rural da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata, Minas Gerais: as trajetórias de vida de Dona Alzira e Dimas*. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

A produção da cana-de-açúcar no Brasil é lançada como promessa para o progresso do país, e o investimento nesta produção tem sido cada vez maior, especialmente no estado de Minas Gerais. As iniciativas para esse investimento vêm expandindo os canaviais sob o respaldo de uma história que reproduz e alia a produção da cana-de-açúcar ao desenvolvimento econômico e social. Essa história, contada de acordo com os interesses governamentais e econômicos, resume toda a produção da cana-de-açúcar em articulações políticas datadas em grandes eventos. Nela, não aparecem os trabalhadores rurais – vidas humanas presentes nos canaviais, centro mantenedor dessa produção. Eis o contexto em que se apresenta esta pesquisa. Enquanto a história oficial da cana proclama abertamente o avanço econômico e a projeção do Brasil no cenário internacional, histórias de vida e de trabalho permanecem ocultas. Diante dessa reflexão, opera-se um modo de pesquisar baseado na Psicossociologia e Sociologia Clínica: recolher trajetórias de vida atravessadas pela produção da cana-de-açúcar, ir ao encontro daqueles que efetivamente podem dizer e expressar o significado deste processo produtivo. Os relatos de Dimas e D. Alzira, trabalhadores rurais que estiveram envolvidos nesta produção nos anos 1970 e 1980, são repletos de conteúdo e vivências; seus depoimentos revelam um cotidiano opressivo que impõe más condições de trabalho e se mantém pelo poder da hierarquia. Os desgastes na saúde do trabalhador e no meio ambiente também são evidentes. As trajetórias desses trabalhadores são marcadas, ainda, pelo engajamento político e nos certificam que a história que denominamos concreta - aquela que se constrói com e a partir da vida do trabalhador rural - é contraditoriamente diferente da história oficializada pelo governo.

Palavras-chave: Trabalho. Cotidiano. Experiência. Cana-de-açúcar. Método história de vida. Engajamento político.

ABSTRACT

Silva, M. S. *Daily life and experience at rural work of sugar cane in Lagoa da Prata, Minas Gerais: the life trajectories of Dona Alzira e Dimas*. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

The production of sugar cane in Brazil is released as a promise to the country's progress and investment in this production has been increasing, especially in Minas Gerais. The initiatives for this investment are expanding cane fields under the endorsement of a history that reproduces and allies the sugar cane's production and the economic and social development. This history is told in accordance with the governmental and economic interests and summarizes the entire production of sugar cane in political articulations of important events. This history doesn't show the rural worker – human life present in the cane fields, maintainer of this production. While the official history of cane openly proclaims economic advancement and projects Brazil on the international scene, stories of life and work remain hidden. Given this consideration, this research proposes a method based on psychosociology and clinical sociology: we collect life trajectories crossed by the sugar cane production and reach out to those who actually can say and express the meaning of this production process. Dimas e Alzira, the rural workers involved in the sugar cane production during the 1970s and 1980s, reports the oppression and the bad conditions of the work in sugar fields. The exhaustion on worker health and on the environment is evident. But, the trajectories of these rural workers are also marked by the political engagement. This fact certifies that the real story is contrary to the official history.

Key-words: Work. Daily life. Experience. Sugar cane. Life story method. Political Engagement.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3 METODOLOGIA.....	16
3.1. A CAMINHO DA HISTORICIDADE: O MÉTODO HISTÓRIA DE VIDA	17
3.2 VIDA CONCRETA NA “CIDADE VERDE”: PESQUISA DE CAMPO E ANÁLISE DOS DADOS	20
4 NOTAS SOBRE A HISTÓRIA.....	26
4.1 A REALIDADE SOCIAL BRASILEIRA	27
4.2 A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA.....	29
4.2.1 História oficial e história concreta: recuperando definições	29
4.3 A HISTÓRIA OFICIAL DA USINA DE LAGOA DA PRATA/MG	31
4.4 A HISTÓRIA CONCRETA DA CANA-DE-AÇÚCAR EM LAGOA DA PRATA/MG.....	34
4.4.1 A trajetória de vida de D. Alzira	34
4.4.2 A trajetória de vida de Dimas.....	41
5 COTIDIANO E TRABALHO NA PRODUÇÃO DA CANA-DE AÇÚCAR.....	49
5.1 TRABALHO RURAL NA CANA: O COTIDIANO VIVIDO POR D. ALZIRA.....	50
5.1.1 Condições de trabalho	50
5.1.2 Os direitos violados.....	51
5.1.3 Migração.....	52
5.2 COTIDIANO E OPRESSÃO PSICOSSOCIAL: UMA CONDIÇÃO RURAL.....	54
6 OS DESGASTES DA CANA: SAÚDE DO TRABALHADOR E MEIO AMBIENTE	66
7 ENGAJAMENTO POLÍTICO E TRANSFORMAÇÃO NOS CANAVIAIS	81
7.1 EXPERIÊNCIA E LUTA: SABER DA VIDA E DO TRABALHO	81
7.1.1 Sem medo de assombração	81

7.1.2 Experiência e história	83
7.1.3 As comunidades eclesiais de base (CEB's)	85
7.2 O SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE LAGOA DA PRATA/MG	88
7.2.1 História da luta sindical de Lagoa da Prata/MG.....	88
7.2.2 A greve de 1989	92
7.3 COTIDIANO EM TRANSFORMAÇÃO: TRABALHO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO.	94
 8 AS IMAGENS DA HISTÓRIA CONCRETA	 100
 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 104
 REFERÊNCIAS	 107

1 APRESENTAÇÃO

O trabalho que se apresenta debruça-se sobre a história, a ela se dedica e direciona o seu olhar; trabalha a história como matéria humana que se faz presente no mundo social e confere sentido à vida de tantos homens, de tantas mulheres. Seria melhor, então, dizer que manuseamos histórias, no plural, para, assim, tentar abordar as várias possibilidades. A história é-nos, portanto, o objeto.

Esta pesquisa tem também o seu objetivo: compreender o mundo produtivo da cana-de-açúcar, de modo especial, o cotidiano e a experiência dos trabalhadores rurais nele envolvidos. Isso porque, uma história se conta sobre essa produção e, nela, os acordos e negociações econômicas pretendem à verdade única e inquestionável.

Essa história, linearmente articulada, principalmente a partir do surgimento da grande indústria nos anos 1930, é construída pelo governo e repercutida pela população, conferindo à produção da cana-de-açúcar o *status* de promotora do desenvolvimento econômico e do progresso nacional. (Godoy, 2004)

Entretanto, lembramos, não existe a história, mas histórias e, neste estudo, temos duas: a oficial, construída e divulgada pelo governo, e a concreta, fruto da vida dos trabalhadores rurais e das experiências vividas nos canaviais. Através da história concreta, questionamos aquela oficialmente veiculada, pois compartilhamos o pensamento de Lefebvre (2008) de que

o crescimento econômico e o desenvolvimento social não podem mais se confundir. Durante muito tempo identificou-se o crescimento em todas as direções – demográfico, econômico, tecnológico – com o desenvolvimento social qualitativo. Ambos foram confundidos, considerando que o crescimento levaria ao desenvolvimento, que cedo ou tarde o quantitativo levaria ao qualitativo. (p. 150)

A nossa imersão no universo rural da produção da cana-de-açúcar foi pautada nos ensinamentos da Antropologia; aguçamos o nosso olhar e o nosso ouvir (Oliveira, 1996), de modo que o conhecimento dessa realidade pudesse ser construído com e a partir dos trabalhadores e de todo o material por eles oferecido: relatos, reflexões próprias, fotos, vídeos e documentos.

Nosso modo de pesquisar respalda-se, ainda, na Psicossociologia e Sociologia Clínica, cuja concepção de história vai além daquela que se faz acima do mundo concreto e de todos. Segundo Ferrarotti (1990), a história que desencadeia fatos e acontecimentos de maneira mecanicamente articulada, nada revela sobre os seres humanos que vivem e significam a realidade social. Por esse motivo, o aparato teórico da Psicossociologia e Sociologia Clínica dedica-se à metodologia de história de vida, como forma de recuperar o vivido, repleto de sentidos e significados.

Através do método história de vida, resgatamos a trajetória dos trabalhadores rurais, Dimas e Dona Alzira, que expuseram seu vivido familiar e social, relatando experiências de vida e de trabalho. Esses trabalhadores falaram de si, daquilo que lhes passou e tocou, de perdas, sofrimentos e superações e, falando de si e das próprias experiências, expuseram o mundo social e concreto da cana-de-açúcar: seu cotidiano e desgastes humanos e ambientais.

A pesquisa de campo, realizada nos anos de 2009 e 2010, nos lançou a um período passado e a um local específico – os anos 1970 e 1980, na cidade de Lagoa da Prata, MG – quando e onde os trabalhadores entrevistados, Dimas e D. Alzira, estiveram mais envolvidos no processo produtivo da cana. Com esse tempo e espaço do mundo social da cana e seu confronto com a história oficial, ocupamo-nos neste trabalho.

Para tanto, contamos com os ensinamentos marxianos que nos convocam a pensar o trabalho como central para a formação do homem e da sociedade. Trabalho como atividade sensível, ação sobre o mundo que o transforma ao mesmo tempo em que constrói o ser humano. (Chasin, 2009) É a atividade sensível que insere o ser humano em sua objetividade e o inaugura no mundo dos homens, concretamente estabelecido, cotidianamente construído; por isso, alicerçamos a nossa pesquisa no trabalho – fundamento explicativo do homem e de seu universo social.

Investigando o trabalho rural da cana-de-açúcar, muito nos foi revelado sobre a vida cotidiana e, para compreendê-la, recorreremos aos estudos de Heller (2008) que não se priva de pensar o cotidiano como a substância social, centro dos acontecimentos históricos. E, ao contrário do que anuncia a história oficial, o cotidiano dos canaviais revela as más condições de trabalho e uma organização hierárquica rigorosa, delineando uma realidade marcada pelo que Weil (1979) caracteriza como opressão, cujo cerne mantenedor é o poder. Em nosso estudo,

convencionamos denominá-la opressão psicossocial, pois compreendemos que a realidade social reverbera sobre a subjetividade e origina processos psicológicos próprios ao indivíduo. (Gaulejac, 2001)

Somados à condição opressiva vivida pelo trabalhador rural na produção canavieira, manifestam-se os desgastes da saúde do trabalhador e do meio ambiente. O abuso dos agrotóxicos na agroindústria da cana configura um meio e uma série de normas no trabalho inadequados aos valores humanos; a alta toxicidade desses produtos agride o trabalhador e o meio ambiente, prejudicando a biodiversidade natural tão necessária à vida. Tal realidade conduz-nos ao pensamento de Canguilhem (2001) e de Schwartz (2007) a respeito da urgente necessidade de desenhar um trabalho que esteja mais de acordo com as normas da vida, e não da produção.

A experiência vivida e compartilhada pelos trabalhadores abrangeu, ainda, a luta coletiva e o engajamento político, em uma busca pela transformação das condições de trabalho e de vida e pelo cumprimento de seus direitos. O testemunho dessas trajetórias de trabalho e de luta revela-nos a vida como território de passagem, onde os acontecimentos inscrevem marcas e deixam os seus vestígios. (Bondía, 2002)

Entretanto, esses acontecimentos não são abordados na versão oficial sob o olhar e a experiência dos trabalhadores. Nesse sentido, o nosso estudo é justificado pela necessidade de se elaborar um conhecimento que seja construído e protagonizado pelos trabalhadores e não pelos acordos políticos e econômicos. Estes, relatados pelo governo, respaldam os novos investimentos na indústria sucroalcooleira¹.

Sabemos, ainda, que o mundo rural, com suas características e especificidades, é pouco abordado em estudos da Psicologia em geral e do trabalho. Nossa tentativa foi, portanto, aproximarmo-nos da realidade rural da produção da cana, em uma abordagem guiada por aqueles que a experienciaram.

¹ O Estado de Minas Gerais é, atualmente, o terceiro maior produtor de cana-de-açúcar do Brasil. Estima-se que, de 2005 a 2014, sejam investidos R\$ 8,5 bilhões em 40 projetos de expansão ou implantação de usinas que farão com que o Estado mais que triplique sua capacidade produtiva. (Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, 2009)

Abordaremos, no primeiro capítulo, “Notas sobre a história”, as definições história oficial e história concreta, localizando o seu surgimento no contexto da realidade social brasileira. Apresentaremos, ainda, a história oficial da produção da cana-de-açúcar da cidade de Lagoa da Prata e as trajetórias de vida de Dimas e D. Alzira, trabalhadores rurais da usina canavieira daquela cidade.

Em “Cotidiano e Trabalho na produção da cana-de-açúcar”, compreendemos a vida cotidiana nos canaviais, que, marcada pela opressão psicossocial, caracteriza uma condição imposta ao trabalhador rural. A trajetória dos trabalhadores, que evidencia a violação de direitos, as más condições de trabalho e uma organização sustentada pelo poder hierárquico, desmorona a noção de desenvolvimento pronunciada pela história oficial.

No capítulo “Os desgastes da cana: saúde do trabalhador e meio ambiente”, enfatizamos os efeitos dos agrotóxicos sobre a saúde do trabalhador e os recursos naturais. Esses efeitos são devastadores e contradizem a concepção divulgada pelo governo de que os canaviais significam fonte de energia limpa e renovável.

Em seguida, no capítulo “Engajamento político e transformação nos canaviais”, discutimos o engajamento de Dimas e D. Alzira na busca por direitos, através da representação sindical. As Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s)² também exerceram um papel fundamental como lugar e possibilidade de reflexão sobre as dificuldades vividas. Revelamos, neste capítulo, as principais lutas travadas pelos trabalhadores e como eles foram capazes de transformar o cotidiano, representado pelo trabalho e pelo próprio espaço da cidade.

Na última parte deste estudo, apresentamos “As imagens da história concreta” através das fotografias – objetos biográficos que marcaram a história dos trabalhadores rurais da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata, MG.

² As Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s), veremos, são comunidades vinculadas à Igreja Católica que têm o objetivo de articular a palavra de Deus com a vida. Segundo Frei Betto (1985), as CEB’s possibilitam que a organização paroquial aconteça através de comunidades menores, onde os membros podem estabelecer laços mais estreitos entre si.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o cotidiano e a experiência vividos concretamente na produção rural da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata, Minas Gerais, através do recolhimento da história de vida de dois trabalhadores rurais: Dona Alzira e Dimas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- A) Investigar as dimensões sócio-ambientais da produção da cana-de-açúcar e suas repercussões na vida do trabalhador e no meio ambiente;
- B) Analisar o discurso governamental da produção da cana-de-açúcar que compõe a sua história oficial, através do confronto com a experiência vivida e relatada pelos trabalhadores rurais;
- C) Recolher trajetórias de vida de trabalhadores rurais envolvidos na produção da cana-de-açúcar, oferecendo-lhes a oportunidade de apropriação e reflexão sobre suas histórias;
- D) Estudar a atividade de trabalho rural na produção da cana-de-açúcar, sob a perspectiva da Ergologia.

*As coisas que podemos entender com a razão e sentir com
o coração são as coisas que a gente é capaz de olhar de
dentro e de baixo.*

Eduardo Galeano.

3 METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos traçados em nossa pesquisa inspiram-se na frase de Galeano, pois, ao questionamento sobre a história oficial da cana-de-açúcar, apenas um modo de pesquisar nos valeria satisfatoriamente: aquele que permitisse olhar a realidade “de dentro e de baixo”, ir ao encontro da vida concreta que se forma nos canaviais e construir um conhecimento a partir daquilo que nos oferece. Por isso, optamos pela metodologia de história de vida, amplamente desenvolvida no campo da Psicossociologia e Sociologia Clínica.

Com o método história de vida, pretendemos compreender o sujeito em sua relação com o social, escapando às normas estatísticas e aos determinismos macrosociais, apreendendo o vivido, o singular e a sua ligação com as condições concretas de existência. (Gaulejac; Marquez & Ruiz, 2006)

A história de vida é uma das técnicas que compõem o método biográfico e se lança ao desafio do entendimento do social, a partir do relato pessoal, ao mesmo tempo que se propõe o acesso ao sujeito, aos seus desejos e questões individuais, através do mundo social ao qual pertence. Isso porque, na metodologia de história de vida, compreende-se que o sujeito é uma síntese ativa do contexto social. (Gaulejac; Marquez & Ruiz, 2006) Ou seja, ser que se apropria das relações sociais, as interioriza e as transforma em estruturas psicológicas próprias; sujeito que condensa o social, mas que é único e irrepetível.

O sujeito, em sua singularidade, contém o social; por isso, é uma possibilidade de conhecimento da realidade daquele que se revela. E, ainda, em nosso estudo, é a descoberta de um caminho que supera as limitações da história oficial e nos leva à historicidade, fruto da vida concretamente experienciada. Por meio das histórias de vida relatadas, é que buscamos ter acesso ao desconhecido da história oficial da produção da cana-de-açúcar: a realidade configurada no mundo dos canaviais e na trajetória dos trabalhadores.

3.1. A CAMINHO DA HISTORICIDADE: O MÉTODO HISTÓRIA DE VIDA

O surgimento da História de vida está relacionado com a Escola de Chicago, nos anos 1920 e 1930, quando W. I. Thomas e F. Znanieck realizaram um estudo com os imigrantes poloneses nos Estados Unidos. A pesquisa resultou na publicação de *The polish peasant in Europe and America* que, dividida em cinco volumes, reuniu um grande número de entrevistas e histórias de vida desses imigrantes. (Becker, 1996)

Nos fins dos anos 1950, o método história de vida ressurgiu com o trabalho de Oscar Lewis em estudo dedicado a uma família mexicana: *The children of Sanchez*. Com um estilo de pesquisa próprio, Lewis qualificava o seu trabalho como “realismo etnográfico”, cuja orientação era permitir que os entrevistados falassem por si e de si mesmos. (Guttman, 1994)

Segundo Gaulejac; Marquez & Ruiz (2006), desde então, esse método parece estar “em moda”, fato que pode ser explicado pelas limitações dos métodos quantitativos, cuja técnica não permite compreender a sociedade em movimento, pois não acessa a singularidade, o sujeito produto e produtor dessa sociedade.

As contribuições da metodologia de história de vida para o processo da pesquisa são inúmeras e abrangem, entre outros aspectos, a possibilidade de mediação entre o individual e o social e o reconhecimento de um valor sociológico no saber individual. Neste estudo, especialmente, o método traz uma rica possibilidade: a crítica e a superação dos limites da história oficial. Para tanto, contamos com as contribuições teórico/metodológicas dos autores franceses Ferrarotti (1990), Lévy (2000) e Cabanes (2000) e da brasileira Ecléa Bosi (2003).

Para Lévy (2000), a história oficial, identificada por seu caráter objetivo, universal e imparcial, coloca-se “fora dos grupos e acima deles”. Tal história não é vivida pelos sujeitos reais e concretos, mas apreendida em uma pretensa organização coerente e linear dos fatos ocorridos. Tal apreensão não passa pelas experiências e circunstâncias próprias à realidade dos homens, pois se trata de uma história sem sujeito concreto, cujas informações e dados adquirem uma sequência lógica abstrata e inacessível.

Ou melhor, a história oficial é construída e forjada segundo os interesses das elites e elas é que são os seus “sujeitos não-identificados”, os responsáveis pelos grandes negócios e

acordos, os protagonistas dos grandes eventos e acontecimentos. Tal história é denominada por Ferrarotti (1990) como a história historicista, em que os fatos mecanicamente associados nada dizem dos seres humanos comuns que vivem e significam cotidianamente a realidade social. Confiar na construção historicista da história ou na sua versão oficial corresponde a instrumentalizar a vida humana, usurpar o ser de si mesmo e desautorizá-lo de sua própria vida, de sua própria humanidade.

Isso porque é na história cotidiana que o homem se inscreve e se faz; história como historicidade, como fruto do vivido e do seu significado pessoal e coletivo. Não há ser humano verdadeiramente engajado e autônomo sem a historicidade que rompe com uma concepção da história como sucessão de fatos direcionados a uma suposta verdade única, universal e inquestionável.

À recuperação da historicidade e do vivido repleto de sentidos e significados dedica-se a história de vida como método biográfico fundamentado pela Psicossociologia e Sociologia Clínica. Ela mesma (a história de vida) impõe-se o desafio: como sair do historicismo, incapaz de abranger a realidade da vida concreta, sem, no entanto, eliminar a temporalidade dos fenômenos humanos? Assim responde: a história vivida, substância do ser, é construída nas tramas e redes de relações dos grupos humanos, pessoas que na história oficial destinam-se ao desconhecimento, mas que constituem, na verdade, a “carne” sociológica real do processo histórico (Ferrarotti, 1990). E, enfim, propõe: o caminho da historicidade só pode ser realizado se o pesquisador traceja o encontro verdadeiro com aqueles que a vivem e realizam.

Nesse sentido, as implicações teórico-metodológicas são inúmeras, pois as lembranças lançadas diante do pedido “conte-me sua história” reivindicam as visões parciais e incompletas da história e renunciam ao monopólio da verdade objetiva pretensamente anunciada pela história oficial (Lévy, 2000). Confrontado com o material produzido a partir das trajetórias pessoais, o pesquisador depara-se com as diferentes versões dos fatos relatados e com toda a dinamicidade inerente ao processo histórico e tão negligenciada na abordagem historicista (Cabanis, 2000).

Portanto, o uso da história de vida como método de pesquisa opõe-se aos métodos tradicionais preocupados com a verdade objetiva e universal. Na medida em que conta sua história, o narrador implica-se subjetivamente no relato, com todas as suas concepções, sentimentos,

indagações e perspectivas, fazendo do trabalho de busca pelo vivido, uma busca constante pelo sujeito. Desprendida da verdade, a construção da trajetória de uma vida acaba por pressupor que os recuos, incertezas e esquecimentos do narrador conferem autenticidade à história que se conta (Bosi, 2003).

Certo de que não se encontra através da história de vida a universalidade das leis naturais e mecânicas, o pesquisador depara-se com a subjetividade de um narrador que não reproduz, mas refaz a história ao seu modo e forma de apropriação. Depara-se, então, com um ser humano que, como tal, é sujeito que não sofre passivamente, mas que protagoniza a vida (e porque não a pesquisa) e se reinventa a cada instante. Por isso, trata-se de um “pesquisado” que se retira da condição de objeto e se relaciona em pé de igualdade com o “pesquisador” (Ferrarotti, 1990).

Recolher história de vida é, sobretudo, relacionar-se. Entretanto, não se trata de um relacionamento qualquer, mas de um vínculo estabelecido em que o pesquisador vai para a entrevista desarmado de signos de classe, de status e de instrução. Ainda, um relacionamento que se origina de uma entrevista em história de vida “envolve a responsabilidade pelo outro e deve durar quanto dura uma amizade” (Bosi, 2003, p. 60). Tal orientação desmancha o pressuposto científico da neutralidade e opera o rompimento definitivo do método biográfico orientado pela Psicossociologia e Sociologia Clínica com as metodologias tradicionais.

Por isso, os questionamentos apontados sobre o valor científico da perspectiva da história de vida são comuns no âmbito da Sociologia. Como aponta Cabanes (2000), as argumentações elaboradas pelos críticos da história de vida preconizam que a abordagem biográfica tende a ocultar os aspectos sociais ou a reduzi-los a simples soma dos processos individuais.

Tal consideração é infundada, já que o uso da história de vida pressupõe uma concepção de homem que remete à sua inserção e formação no âmbito social. São as relações sociais que configuram e constroem o ser humano como tal e não há homem que não seja por elas engendrado. Por isso, o narrador não fala de si sem remeter às experiências vividas pelo seu grupo de pertencimento: sentimentos, imagens, ideias e valores de um indivíduo são, portanto, saberes compartilhados no âmbito coletivo e, através da história individual, o pesquisador tem acesso a uma realidade que perpassa uma classe.

Como destacam Barros & Silva (2002), por meio da história de vida,

[...] procura-se ter acesso a uma realidade que perpassa o narrador e o transforma. Trata-se de apreender o vivido social, o sujeito e suas práticas na maneira pela qual ele negocia as condições sociais que lhe são particulares. Pede-se ao sujeito que conte sua história da maneira que lhe é própria, de seu ponto de vista e, por meio dessa história, tentamos compreender o universo do qual os sujeitos fazem parte. Isso nos mostra uma faceta muitas vezes ignorada pelos pesquisadores: a do mundo subjetivo em relação permanente e simultânea com os fatos sociais (p. 136).

A realidade material e a realidade subjetiva implicadas dialeticamente na narrativa conferem à história de vida o seu valor como forma de produção do conhecimento. Para o sujeito que se conta, narrar é se localizar na história, se olhar e se sentir pertencente a uma coletividade humana. A história como historicidade configura-se como memória coletiva do passado, consciência crítica do presente, premissa operatória para o futuro (Ferrarotti, 1990) e convida ao engajamento do narrador e do pesquisador nos problemas e desafios impostos pelo contexto social.

Por isso, implicadas no questionamento da história oficial da produção canavieira, propomos ao recolhimento de trajetórias de vida de trabalhadores da usina canavieira de Lagoa da Prata, Minas Gerais. Buscamos o conhecimento histórico das condições de vida e de trabalho, que se configuram na realidade objetiva dessas pessoas, e fundamentamos a história de vida como método biográfico pautado na Psicossociologia e Sociologia Clínica.

3.2 VIDA CONCRETA NA “CIDADE VERDE”: PESQUISA DE CAMPO E ANÁLISE DOS DADOS

A grandeza e a imponência da produção da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata são os “receptionistas” da cidade, anunciada por um campo verde que conduz o olhar ao infinito. A cor homogênea da plantação só é contrastada pelo forte odor da vinhaça, pois além da indústria, ao longe, não há nada mais que se possa avistar, a não ser esse imenso tapete a que Lagoa da Prata deve o apelido de “cidade verde”. Caminhões e tratores são pontos raros e esparsos que não contrastam, mas compõem uma paisagem esteticamente completa e fechada em si mesma – sem contradições, duplas interpretações ou diferentes versões. Como a própria história contada pelos acordos políticos e grandes negócios, em tal paisagem não se veem os trabalhadores. Para encontrá-los, é preciso ir além da conformidade visual e da superficialidade de um cartão de visitas.

Por isso, desvendamos os caminhos de Lagoa da Prata e, no período de um ano, de julho de 2009 a julho de 2010, realizamos visitas à cidade que nos permitiram o encontro com trabalhadores e sindicalistas envolvidos no processo produtivo da cana-de-açúcar desde os anos 1970.

Provavelmente, um dos maiores desafios que se fizeram presentes em nossa pesquisa de campo tenha sido a inserção nesse mundo que nos era estranho e incomum, mas que almejávamos estar e conhecer. Nossa preocupação, entretanto, não se pautava na necessidade e na busca por uma abertura da pesquisa e do nosso próprio ser em relação ao que a realidade viesse a oferecer. Tais necessidade e busca já eram pressupostos deste estudo, sem as quais, sabemos, os objetivos não seriam alcançados. Preocupávamo-nos, prioritariamente, com a possibilidade de estranhamento por parte dos trabalhadores em relação a “essa desconhecida” que, de repente aparece e se interessa por suas vidas.

O convite “Conte-me sua história” soava como um pedido ao qual não poderíamos retribuir de maneira equiparada. Temíamos pedir demais e forçar uma relação que somente se estabeleceria com o tempo. De qualquer modo, não havia um método pré-definido, no sentido de procedimentos e normas a serem seguidos com rigor; a pesquisa estava aberta à dinâmica da realidade e a única orientação era: produzir um conhecimento a partir do que ela nos apresentasse. Sabíamos, ainda, que somente as visitas regulares possibilitariam a construção do vínculo e da confiança, fundamentais em nosso estudo³.

Em nossa bagagem, levamos uma lição de pesquisa da Antropologia: a apreensão dos fenômenos sociais requer o uso de, basicamente, três habilidades humanas – o olhar, o ouvir e o escrever. Segundo Oliveira (1996), o olhar, bem como o ouvir, são momentos preponderantes que se articulam e se complementam no processo de investigação. Ambos, olhar e ouvir, apoiam e servem ao pesquisador na caminhada que se constrói rumo à estrada do conhecimento.

Entretanto, olhar e ouvir não são aleatórios – senão prevaleceriam a curiosidade e a ingenuidade – mas respaldados em uma concepção de mundo e de ser humano. Em nossa

³ No período de um ano, as visitas foram realizadas em, pelo menos, um final de semana por mês, sendo que, nos últimos seis meses, definimos que, em cada visita, a permanência na cidade de Lagoa da Prata seria por uma semana.

investigação de campo, alguns respaldos foram fundamentais, dentre eles, a compreensão do homem como ser que se constrói em relação com o seu universo objetivo; ser que se transforma ao transformar o mundo que o cerca e que congrega, em sua atividade, em seu trabalho, objetividade e subjetividade, sendo, por isso, ser social. Como nos explica Chasin (2009),

o destaque enérgico deve recair, pois, sobre a determinação de que objetividade e subjetividade *humanas* são produtos da autoconstitutividade do homem, a partir e pela *superação* da sua naturalidade. O homem e seu mundo são produções de seu gênero – a interatividade universal e mutante dos indivíduos em processualidade infinita, que tem por protoforma o *trabalho*, a atividade especificamente humana, porque consciente e voltada a um fim. (p. 92) Grifos do autor.

Tratamos de pensar o trabalho como central na vida humana, na formação de sua subjetividade e do mundo social que o cerca. Categoria fundante do ser humano que o inaugura no mundo social, o trabalho é a capacidade de produção e reprodução da vida do homem e, por isso, possui caráter ontológico – não há homem sem trabalho. (Chasin, 1993)

Esse pressuposto filosófico conduziu de maneira preponderante o olhar e o ouvir de nossa investigação. Pensar o trabalho como categoria central e formadora do ser e do mundo social, é compreender o homem em sua vida concreta e saber que mundo objetivo e subjetivo são complementares e que somente essa relação – homem e mundo social – pode nos conduzir a um entendimento da realidade.

Por isso, a pesquisa de campo foi realizada nas próprias casas dos entrevistados e marcada por uma aproximação das pesquisadoras aos lugares de pertencimento dos trabalhadores, já que a matéria e as pessoas circundantes são propulsoras para o recordador que imerge no passado com as referências e as representações do momento presente. Bosi (1987) ensina que “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar”, de modo que, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. (p. 17)

A imersão no mundo concreto desses trabalhadores, em suas vidas cotidianas, foi a principal forma de coleta de dados e informações sobre o universo da produção rural da cana-de-açúcar. A metodologia de história de vida lançou-nos inteiramente nessa realidade, configurando um ouvir que, acrescido em qualidade, altera a relação entre o pesquisador e o pesquisado, transformando-a em uma interação. (Oliveira, 1996)

O registro dos relatos foi feito com o gravador e as observações possibilitadas pelo nosso olhar e nosso ouvir foram anotadas em um diário de campo. Tomamos nota, principalmente, nos momentos em que a gravação não se fazia possível (como nas situações em que caminhávamos pela cidade ou pelas mediações da empresa).

A pesquisa contou, ainda, com documentos, fotos e vídeos que compõem o acervo pessoal dos trabalhadores e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa da Prata. Esse material não só complementou nossa compreensão do mundo rural da cana, mas também foi um importante instrumento propiciador da palavra e do relato.

De um modo especial, trabalhamos com as reflexões de Dimas, escritas ao longo de sua vida e compartilhadas durante as nossas conversas. Se para Arfuch (2007), os diários, as cartas e até mesmo as páginas pessoais da internet compõem o espaço biográfico, ou seja, são formas de contar uma história ou uma experiência de vida, o mesmo podemos pensar em relação às reflexões: modo de expressão do ser, jeito singular de pensar a vida e o mundo e de se revelar. Os textos de Dimas foram lidos durante a pesquisa de campo, sendo alguns reproduzidos ao longo desta dissertação.

Recolhido o material que nos foi apresentado, partimos para a última habilidade que é descrita por Oliveira (1996) como fundamental no processo do estudo: o escrever. Enquanto o olhar e o ouvir são marcados pela imersão no campo, o escrever já se configura como um momento de afastamento e recolhimento do pesquisador. Inicia-se, assim, um período de organização e análise da experiência proporcionada pelo contato com a realidade pesquisada.

Em nosso estudo, esse momento foi marcado pela finalização das transcrições dos depoimentos e pela categorização das falas, de acordo com o conteúdo exposto. Quanto ao critério da transcrição, optamos pela proximidade da escrita com a fala do entrevistado, pois sabemos que a linguagem revela o mundo social ao qual o sujeito pertence. Alterações e pequenas intervenções no material foram feitas a pedido dos próprios trabalhadores. Para a categorização do conteúdo relatado, estabelecemos a primazia da vida concreta e, a partir dela, definimos os suportes teóricos a serem utilizados⁴.

⁴ Ressaltamos que, não apenas o suporte teórico, mas também os pontos da história oficial a serem mencionados foram definidos a partir da pesquisa de campo.

O período do escrever foi longo e delicado, conforme Lejeune (2008) já nos havia alertado. A tarefa de mergulhar no material coletado e retirar da realidade ali contida os elementos para o estudo da história oficial e as referências para o diálogo teórico é, de fato, um novo momento na construção do conhecimento. Nesse sentido, é o “escrever ‘estando aqui’, portanto fora da situação de campo, que cumpre sua mais alta função cognitiva”. (Oliveira, 1996)

Desse modo, a nossa escrita esforçou-se pela articulação entre o conteúdo da vida concreta dos trabalhadores e o suporte teórico, de forma que nos fosse possível produzir um conhecimento cuja base, de fato, se sustentasse na realidade.

Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo.

Clarice Lispector.

4 NOTAS SOBRE A HISTÓRIA

Olhar para o passado, para o outro e para si é localizar-se na história e nela encontrar os fundamentos do próprio ser, pois é na e sobre a história que o homem se faz e é a história o fazer de todo homem - eis aqui o pressuposto justificativo deste estudo científico. Intencionamos um trabalho (um fazer) sobre a história e, portanto, sobre o ser humano. Não se trata, porém, de qualquer história, nem de todo ser humano, mas atentamos, especificamente, à história da produção da cana-de-açúcar, aos trabalhadores que, nela envolvidos, construíram e constroem o significado de toda uma vida.

Tal escolha não é desproposital. Dedicamos às vidas omitidas na história da produção da cana-de-açúcar em sua versão oficial e que, retiradas do palco dos acontecimentos, permanecem assombradas pelo esquecimento.

Mais do que objetivo deste trabalho, a construção histórica nos apresenta como uma matéria-prima que, se por um lado ofusca a realidade concreta da produção da cana-de-açúcar, por outro, ilumina e traz para o centro dos acontecimentos as vidas humanas contidas neste processo produtivo.

Nesse sentido, definimos, para os fins deste estudo, duas histórias contraditórias:

- a história oficial, caracterizada como a versão do governo brasileiro, do setor agroempreendedor e suas negociações;
- a história concreta, construída pelos próprios trabalhadores em seus relatos de vida.

Esta divisão da história não surpreende, mas retrata uma realidade social que, operada por meio do capitalismo, edifica processos contraditórios. A compreensão dessa contradição, e a sua relação com a construção da história será o nosso esforço neste capítulo.

4.1 A REALIDADE SOCIAL BRASILEIRA

Os estudos sobre as realidades sociais, especialmente aquelas que permeiam a vida dos trabalhadores, devem compreender, sobretudo, o modo de produção capitalista e a configuração social que lhe é decorrente.

Nesta pesquisa, não nos parece necessário percorrer os diversos aspectos estruturais do capitalismo e suas diferentes formas de manifestação. Por ora, basta-nos saber que o capitalismo não opera “pela lógica da produção e satisfação dos indivíduos, mas por aquela delimitada pelo imperativo da produção e da valorização” e que, sendo assim, configura uma “exclusão recíproca entre trabalhador e meios de produção, como propriedade capitalista, como meio de fazer aumentar a não poder mais o valor do capital proprietário”. (Alves, 2010, pp. 7 e 8)

Desse modo, seja qual for o contexto em que se manifesta, a necessidade da acumulação progressiva é própria do capitalismo e se realiza por meio de sua primeira forma de exclusão – aquela entre trabalhador e propriedade, de onde surgirão as diferentes formas de desigualdade social. São esses os critérios indispensáveis para que toda e qualquer forma de capitalismo se estabeleça.

Embora o eixo de sustentação do capitalismo seja indubitavelmente o mesmo, devemos compreender que há formas específicas de elaboração deste modo de produção e que o “capitalismo, enquanto tal, nunca é idêntico em todos os lugares” (Alves, 2010, p. 7), mas diferencia-se de acordo com o contexto de surgimento e a herança histórica. Nas palavras de José Chasin (2000),

a *sociedade* pode se mostrar *mais* ou *menos* capitalista, *mais* ou *menos* expurgada de elementos pré-capitalistas, *mais* ou *menos* modificada pelo processo histórico particular de cada país. De maneira que há *modos e estágios* de ser, no ser e no ir sendo capitalismo, que não desmentem a *anatomia*, mas que a realizam através de concreções específicas. (p. 38). Grifos do autor.

Nesse sentido, o capitalismo no Brasil apresenta suas especificidades, configurando uma realidade social diversa da que se concretiza em outros países, principalmente naqueles que denominamos “desenvolvidos”.

Isso porque, em nosso país, o modo de produção capitalista emergiu a partir de um contexto marcado pelas relações de escravidão, configurando o que Chasin (2000) denominou “via colonial de entificação do capital”. Ou seja, no Brasil, a condição de colônia de exploração regida pelo sistema da escravatura não foi apenas o suporte, mas o próprio caminho de realização do capitalismo.

Assim, a produção não poderia ser outra, senão aquela regida pelo modelo agro-exportador, cuja acumulação de riquezas não se restringia à compra da força de trabalho, mas, conforme afirma Alves (2010), tinha “como objeto de exploração o trabalho comprado em sua totalidade no corpo do trabalhador”. (p. 8). Percebemos uma situação em que a rentabilidade do negócio e a maximização dos lucros erguem-se por meio da escravidão – “base de um sistema de produção mais eficiente e mais densamente capitalizado”. (Furtado, 1971, p. 42)

Nesse sentido, a produção da cana-de-açúcar estabeleceu-se como um dos eixos de sustentação da economia brasileira, cuja origem remonta ao período colonial – o embrião do capitalismo no Brasil. Sobre este empreendimento e sua configuração, Galeano (1979) afirma que

imensas legiões de escravos vieram da África para proporcionar, ao rei do açúcar, a força de trabalho numerosa e gratuita que exigia: *combustível humano pra queimar*. As terras foram devastadas por esta planta egoísta, que invadiu o Novo Mundo arrasando as matas, desgastando a fertilidade natural e exigindo o húmus acumulado pelos solos (p. 71). Grifo nosso.

A análise histórica de Galeano evidencia as condições específicas de entificação do capitalismo no Brasil, destacando a produção da cana-de-açúcar e as características que lhe são peculiares. Ressaltamos a intensa exploração do trabalho humano e o uso desmedido dos recursos naturais em um modo de produção que, por um lado, é marcado pelo enriquecimento e, por outro, pela instalação crônica da miséria e do abandono – contradição que sustenta o capitalismo.

O modelo agro-exportador, baseado na concentração de renda e de terra, foi a base concretamente estabelecida para o desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Suas repercussões envolvem o problema da desigualdade social que endossa este modo de produção ou, nos termos de Chasin, realiza a anatomia do capital.

4.2 A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

4.2.1 História oficial e história concreta: recuperando definições

Neste contexto materialmente configurado sob a égide do capitalismo, ergue-se a história. Entretanto, não se trata de uma história apenas, mas de histórias e versões tão contraditórias quanto a própria realidade social.

Especialmente sobre a produção da cana-de-açúcar, pudemos verificar duas formas de relatar e de transformá-la em história: aquela que é construída pelo governo e é amplamente disseminada, tornando-se a versão oficial da produção canavieira do país e aquela que envolve as trajetórias de vida de trabalhadores rurais e percorre a experiência, o vivido registrado em memória, construindo, assim, a história concreta.

Compreendemos que a história oficial da produção canavieira no Brasil assemelha-se com o que Benjamin (1994) denomina historicismo - a história que se pretende à universalidade e à verdade inquestionável. O historicismo, unívoco por natureza, formula uma sequência de eventos e os apresenta ao leitor como realidade total. Seu procedimento “é aditivo [...] utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio”. (Benjamin, 1994, p. 231)

Tempo homogêneo e vazio, porque sem sujeito concreto e sem experiência; tempo reduzido a fatos adicionados que atribuem à história a lógica linear do progresso e do processo evolutivo da técnica. Tempo articulado mecanicamente, acontecimentos encadeados que, na história oficial da produção da cana-de-açúcar, apresentam-se como acordos políticos e significam o desenvolvimento econômico.

A história concreta, por sua vez, não é cronologicamente articulada ou linearmente construída. Sua construção apoia-se na memória, sustenta-se no vivido e faz dele o significado da vida pessoal. Ao contrário da história oficial, que privilegia os fatos e seu encadeamento, a história concreta é recheada de sentimentos, afetos, sentidos e apropriações realizadas pelo sujeito em um duplo movimento entre o singular e o coletivo.

A história concreta da produção da cana-de-açúcar é representada, neste estudo, pelos relatos dos trabalhadores rurais – D. Alzira e Dimas – cujas experiências foram relatadas e analisadas.

Por que duas histórias, se a produção da cana-de-açúcar é apenas uma? Em que pese a contradição material inerente ao capitalismo, erguem-se histórias diferentes e parciais. A história oficial, assim como o historicismo de Benjamin, identifica-se com as classes dominantes ou, como preferimos dizer, com o poder econômico e político.

Apropriada e reproduzida nos diversos setores sociais, esta versão oculta “as ameaças que o progresso técnico e econômico promovido pelo capitalismo faz pesar sobre a humanidade”. (Löwy, 2002, p. 201) As misérias, os sofrimentos e até mesmo as superações só podem ser encontradas em uma busca que vai além e supera a concepção abstrata da história transformada em eventos e acordos articulados política e economicamente.

Os sujeitos desta história que se pretende concreta não poderiam ser outros, senão os trabalhadores. Por isso, ainda inspiradas por Benjamin, almejamos a história “a contrapelo, ou seja, do ponto de vista dos vencidos” (Löwy, 2002, p. 202). Despidas de pretensões universalizantes, compreendemos que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (Benjamin, 1994, p. 224)

A história oficial da produção da cana-de-açúcar no Brasil é, para nós, o relampejo do perigo; o perigo do encobrimento das diferentes versões e experiências vividas concretamente no processo produtivo, do esquecimento e, sobretudo, o permanente e sempre o mesmo perigo na história do capital: o domínio de uma classe pela outra que se serve de instrumento e renega a própria vivência.

Compreendidas as noções de história oficial e história concreta, bem como as suas relações com o sistema econômico do capitalismo, podemos apresentar as histórias da produção da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata, Minas Gerais. Neste momento, consideramos fundamental um prévio conhecimento da história da usina local e da trajetória dos trabalhadores rurais para que as análises realizadas nos capítulos posteriores sejam bem compreendidas e devidamente contextualizadas.

4.3 A HISTÓRIA OFICIAL DA USINA DE LAGOA DA PRATA/MG

Localizada no centro-oeste mineiro, a cidade de Lagoa da Prata conta com mais de 40.000 habitantes que vivem basicamente da agropecuária, da produção de cana-de-açúcar, da indústria e do comércio. Sua origem remonta a meados do século XIX e se justifica pela busca do ouro próximo às águas do Rio São Francisco. O crescimento populacional conquistado com a progressiva aquisição de terras fez com que a região se elevasse de povoado a distrito e, finalmente, a município, em 27 de dezembro de 1938.

O início da produção industrial da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata, assim como em praticamente todo o país, foi articulado politicamente e se concretizou através da aliança entre empresários, proprietários de terra e o governo federal, representado por programas que incentivavam esse setor produtivo.

O mentor da criação, instalação e funcionamento da usina foi José Mendes Macedo, o primeiro prefeito de Lagoa da Prata. Em relato recolhido pelo historiador Silvério Rocha de Oliveira, declara o prefeito:

Corria o ano de 1945 quando eu mantinha negócios na capital federal. Desde que me mudei de Lagoa da Prata, em 1940 – quando deixei de ser prefeito – e já residia em Belo Horizonte, de vez em quando ia lá para tratar de assuntos da empresa de que participava no Rio. Certo dia, via-me numa lanchonete carioca, na Barra da Tijuca, quando me encontrei com dois amigos bem conhecidos - de certa influência no Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA). Nesse contato, conscientizei-me da disponibilidade de cotas viáveis à instalação de usinas açucareiras bem como de destilarias de álcool, no país. Era um incentivo raro e interessante. Lutei pela causa, no IAA [...] Comentei as qualidades de terras existentes aqui e falei do engenho existente na Olaria que já produzia aguardente deste 1920. Eram só terras boas. Das melhores da região. Falei que minha sogra era proprietária de muitos mil hectares de terras férteis aproveitáveis àquele fim. E que eu também que era dono da fazenda dos Coqueiros – herdada do meu sogro - que era continuação dessas mesmas faixas produtivas. Ficaram de estudar o caso e ordenaram a vinda de uma comissão do IAA a estudá-lo. Surpreendendo-me, tudo veio rápido e a conversa acabou gerando frutos muito importantes. Pois, vieram logo. Aqui chegando, visitaram as fazendas indicadas, principalmente a Capoeira da Cana (onde hoje existe a usina). O assunto teve seguimento. Resultado: até aquelas cotas destinadas ao endereço inicial mudaram-se de rumo - vieram para Lagoa da Prata que obteve também igual número perfazendo 100.000, como início da participação na idéia. Confirmada a criação da usina com esse recurso inicial, procurei pessoas talvez interessadas e fui logo ao maior líder industrial conhecido na região: Jovelino Rabelo (e este trouxe um seu genro engenheiro para a orientação de tudo no começo desse mister: o Dr. Francisco Botelho Martins Vieira). Junto dele, fomos em busca de alguém ligado à questão e fomos convidando quem pudesse participar. Primeiro, trouxemos um dos maiores usineiros do nordeste – o pernambucano

Fileno de Miranda – que veio e trouxe o Dr. Edgar Piereck (seu genro – que acabou tornando-se seu porta voz) que era uma das maiores autoridades em usinas de açúcar e álcool; trouxemos o Deputado Dr. Djalma Pinheiro Chagas, porque precisávamos de apoio político também (e ele além de aderir ao movimento, pôde indicar um seu sobrinho para prefeito – Dr. Geraldo Pinheiro Chagas, o qual dirigiu este município num curto período: de 26/11/45 a 11/02/46); então, recursando, valemo-nos de empresários e banqueiros belorizontinos onde encontramos José Caetano Drumond, Lauro Mourão Guimarães, Pacífico Pinto da Fonseca, Joaquim Afonso Rodrigues, Raul Guimarães, Domingos Ribeiro de Oliveira e Silva, Pedro Teixeira de Menezes Júnior e Érico de Paula além dos fortes participantes locais: a minha sogra Maria Bernardes Lobato a D^a Naná – (que era dona das melhores terras destinadas àquele fim), Carlos Bernardes Lobato e José Teotônio de Castro (o Zé Vital), os quais se tornaram nos primeiros membros de diretoria e do conselho fiscal. Houve uma sucessão de acontecimentos e muitas reuniões principalmente no Clube Recreativo. E, finalmente, coroando o trabalho dos primeiros passos dados – no seguimento da idéia surgida no primeiro semestre do ano anterior - foi constituída a Companhia Industrial e Agrícola Oeste de Minas (CIAOM) para a exploração de suas atividades cujo objetivo era a instalação de uma usina açucareira com um anexo destinado à destilaria de álcool. Formalizou-se a sua constituição e logo foi registrada a empresa na Junta Comercial do Estado de Minas Gerais onde recebeu o número 29770, de 8 de agosto de 1946, dizendo-se criada no dia 3 desse mês e ano. O fato se deu nos primeiros dias do 2º semestre do ano de 1946. Criada e instalada, veio a produzir após ser autorizada pelo IAA e assim funcionou durante longo tempo ostentando o nome fantasia de "Usina São Francisco. Para consolidar o objetivo e chegar-se a tanto, uma firma francesa, sediada em Paris – a Fives Lilly, encarregou-se do fornecimento e da montagem do primeiro engenho destinado ao fabrico de açúcar (a usina propriamente dita), cujo trabalho ficou por conta de um técnico, vindo de lá, de nome Mr. León Cousar, enquanto o setor de instalação e produção de álcool (a destilaria) era dirigido por um encarregado da CODIQ – uma empresa paulistana, dirigida pelo seu encarregado conhecido pela alcunha de "Japão", visto parecer-se japonês (não tendo me inteirado do seu nome). Veio também, para dar início à produção, um prático experiente na produção de açúcar encontrado numa das usinas já existentes: o sêo Borges que era até chamado de Doutor. Desse jeito, foi-se indo até acontecer a primeira safra em outubro de 1948. Logo após iniciada a produção, a CIAOM foi transferida aos domínios do grupo financeiro do Dr. Antônio Luciano Pereira Filho, ora sob a direção do seu pai: Cel. Antônio Luciano Pereira, que dela se tornou Diretor Presidente. Isto aconteceu em 26 de fevereiro de 1949 (conforme ata registrada na JCEMG – nº 30.075 – em 19 de março de 1949.⁵

Em obra dedicada ao resgate histórico de Lagoa da Prata, Oliveira (1998) apresenta a produção açucareira nesta cidade em dois capítulos: “Indústrias – fonte de progresso” e “Acontecimentos marcantes – fatos e pessoas”. No primeiro capítulo mencionado, o autor descreve o surgimento da usina açucareira, cuja principal fonte de pesquisa foi o depoimento do prefeito José Mendes Macedo, aqui reproduzido.

Ainda no capítulo “Indústrias – fonte de progresso”, Oliveira (1998) expõe as transformações ocorridas na indústria, seus diferentes proprietários e nomes, suas adaptações quanto à

⁵ Disponível em: <http://www.lagoadaprata.net/index2.php?pg=historialp>.

estrutura física, seu progressivo crescimento econômico e os consequentes benefícios para o município.

Dentre as transformações na estrutura física da indústria, o historiador ressalta as vilas destinadas para a moradia de alguns trabalhadores da usina. Segundo Oliveira (1998), tratava-se de um “excelente lugar para se morar. Tinha de tudo que numa sociedade moderna é aspirado ou se impõe” (p. 285).

O autor ressalta que havia, nesse povoado, rede de esgoto, energia elétrica e água potável, além de um centro comercial que contava com supermercado, farmácia, padaria, bar, barbearia, centro médico e até cinema. As vilas contavam, ainda, com uma capela, uma escola que oferecia o primeiro grau completo e uma praça de esportes.

Oliveira (1998) afirma que a empresa sempre buscava melhorar a condição de vida dos trabalhadores e lamenta o fim do povoado, “onde tanta gente, por tanto tempo, viveu tão bem” (p. 285). As causas desse fim foram os atritos entre os trabalhadores e a empresa, que tiveram o seu auge “na violência do motim de 14 de junho de 1989 – de repercussão nacional –, de incalculáveis prejuízos” (p. 286), quando, então, foi acordado que as vilas não mais existiriam e os trabalhadores iriam morar na cidade.

No capítulo “Acontecimentos marcantes – fatos e pessoas”, Oliveira (1998) lembra de uma medida tomada pela empresa para driblar suas dificuldades financeiras: a implantação da “in natura” e do “boró”.

A “in natura” era a cobrança de uma taxa de 10% sobre o salário do trabalhador, destinada ao aluguel das casas do povoado. Esse recurso é referido pelo autor como um estranho posicionamento administrativo, já que o salário do trabalhador já era muito baixo, embora “correspondente ao serviço que presta” (p. 415).

O “boró”, por sua vez, começou devido a um adiantamento salarial realizado pela empresa em forma de vales que serviriam para as compras no comércio das vilas. Entretanto, esses vales acabaram por se tornar uma moeda paralela – o boró – que circulava no recinto empresarial e em alguns pontos comerciais da cidade de Lagoa da Prata.

oA história da usina de Lagoa da Prata, apresentada por Oliveira (1998), evidencia uma versão que se dedica, em um primeiro momento, às articulações políticas e econômicas e enfatiza os eventos protagonizados pelo poder. A referência do autor aos trabalhadores é sempre realizada nos âmbitos administrativos, ou seja, fala-se do trabalhador a partir dos acontecimentos da empresa e não por ele mesmo, por sua vida, sua trajetória. Como nos lembra Lejeune (2008), “o vivido das classes dominadas não está em suas próprias mãos”, pois “seu vivido é estudado de cima, de um ponto de vista econômico e político.” (p. 133)

Por isso, dedicamos a parte que se segue neste estudo às histórias de vida de D. Alzira e de Dimas e que, protagonizadas e contadas por eles mesmos, compõem a história concreta da produção da cana-de-açúcar na cidade de Lagoa da Prata.

4.4 A HISTÓRIA CONCRETA DA CANA-DE-AÇÚCAR EM LAGOA DA PRATA/MG

4.4.1 A trajetória de vida de D. Alzira

Trabalho: conteúdo da vida

Comecei a trabalhar desde a idade de 12 anos pra ajudar a sustentar a casa, né? Aos 13 anos eu entrei na usina Luciânia, trabalhei até... até 70, fiquei fora um tempo, depois voltei de novo e saí agora em 2009, fevereiro de 2009.

Eu tenho umas colega que no fim do meu período na usina, como diz o caso, elas luta até hoje pra ver se eu vou assar pra elas, eu falo: ‘não, de fogão, eu não to querendo nem o meu!’. Depois que eles colocaram o restaurante lá, né, aí tem o... é um restaurante que ganhou, eu acho que ainda é ele ainda, a licitação do restaurante lá pra servir alimentação pro povo lá, Nossa Senhora, elas vieram aqui, fizeram, queria porque queria que eu fosse pra lá pra... eu falei: ‘não, mas fogão eu não to querendo nem o meu. Não vou mexer com fogão de restaurante, como diz o caso, com esse monte de gente não!’. Porque lá eu trabalhei, os últimos dois anos que eu trabalhei lá, eu fazia era café lá pra empresa, né, era 150 litros de manhã e 150 de tarde, né, manual. E elas gosta demais da minha comida, tudo que eu faço elas acha que eu faço bem feito, sabe. Direto elas fica assim, aí, liga pra mim: ‘ah não, to morrendo de vontade de comer isso assim, assim, a senhora faz e manda pra mim?’, sabe? Então é aquilo, eu falei: ‘não, não to querendo isso não!’; ‘ah não, mas era tão bom se a senhora fosse pra lá! A gente tem certeza de que todo mundo ia gostar!’. Eu falei: ‘não, chega, já trabalhei demais, agora não quero mais não! Quero trabalhar só pra mim!’. Risos... a Cássia, tadinha, sofre até hoje, outro dia ela tava assim: ‘a senhora não ta fazendo doce mais não? to morrendo de vontade de comer os doce...’; eu falei: ‘daqui uns dia eu faço e mando pr’ocê.’ Risos... Diz elas que tudo que eu faço, eu faço com carinho, eu falei: ‘mas tem que ser, né? E você tem que gostar do que faz, né. Se você não gostar, não adianta!’.

Eu trabalhei muito tempo também de doméstica, mas nessa época eu era menina. É aquilo que eu falo, hoje essas menina, minhas neta aí desse tamanho não dá conta de arrumar uma casa!

Não dá! Não dá conta de arrumar uma casa, pra arrumar uma cozinha, nossa senhora, aquela coisa, eu do tamanho delas já tava cansada de trabalhar na casa dos outros, tomava conta de casa dos outros. Igual eu tomei conta da casa de uma professora, hoje ela é aposentada, dona de uma escola particular, onze horas o almoço tinha que ta na mesa! E isso era, por exemplo, eu que fazia tudo, lavava, passava, arrumava, cozinava, assava, fazia doce, fazia de tudo! Ela chegava, a comida já tava na mesa, porque ela acabava de almoçar, ela chegava da escola pública, ela tinha três turma de aula particular. Os menino já tava esperando ela no barracão no fundo, um barracão enorme, era quatro sala, esperando pra aula particular. Então ela acabava de almoçar e já passava pra aula, nunca teve um dia que ela chegava e o almoço não tava pronto. Hoje, fala isso pros menino de hoje, ta nem aí! Não tem responsabilidade, não é todos, mas a maioria não tem responsabilidade com as coisas não. E naquela época não, era criança, mas tinha responsabilidade com as coisa. Ela ainda falava ainda, por exemplo, antes de eu ir pra lá, tinha uma senhora já de idade que trabalhava lá, ela era de idade e tinha problema de audição; era a maior dificuldade, precisava de ver! Aí, a família dela pegou e não deixou ela trabalhar mais não, ela saiu e aí ela foi atrás de mim. Minha mãe falou com ela: ‘ela não ta acostumada a tomar conta de casa dos outro não, agora o que tocar pra ela fazer, ela faz! E faz bem feito, porque toda vida eu ensinei, mas ela não ta acostumada não, é a primeira casa que ela vai pra fazer esse tipo de serviço.’. Nossa senhora, pra mim sair de lá foi uma dificuldade! Lá fiquei muitos anos... só que pra você trabalhar de... até hoje ainda tem isso ainda, mas já melhorou bastante; pra você trabalhar de doméstica na casa do povo, eles não assina carteira sua, você não tem direito de nada, a não ser aquele salário que você ganhava por mês, você não tem direito de mais nada! Né, e você fica, por exemplo... é que naquela época também não era contado pra previdência, porque a previdência só de 14 anos pra cima, mas o que contasse você perdia tudo, igual muitas pessoas hoje não tem uma aposentadoria por causa disso. Trabalhou a vida inteira sem registro! Então se for contar os anos que eu trabalhei mesmo, é capaz que dá quase 50! Risos...

Depois, eu trabalhava de empreiteira na usina, na época dos empreiteiro, isso era na época de safra e a safra lá era só três meses. Mas quase todas as vez que a gente trabalhava, assinava na carteira, tenho até hoje a carteira, só que era no nome dos empreiteiro, Rafael Mendonça, Maria Gripina, era os empreiteiro. Isso eu trabalhei muitas vezes, serviço de empreiteira. Acabava a safra, acabava o serviço e voltava na próxima safra. Tinha época que eles fichava também pra gente fazer plantio, pra plantar, pra capinar. Nessa época era bão, com as empreiteira era bom, dava dinheiro. Porque você tirava várias tarefa, você ta entendendo, era tipo tarefa e cada tarefa era um dia de serviço. Aí, você tirava duas, três... até três podia, mais de três não podia não, por causa... enquanto tava liberando, né, quando você pegava uma tarefa fácil de fazer, nó, era bom demais! Essa época plantava cana também era por tarefa também, ia de carretinha, carretinha atrás do trator e tirava quatro carreta, você ganhava o dia e mais que você tirava, você ganhava a hora. Era melhor, essas coisa era melhor que hoje.

Igual nesse intervalo que tava falando pra você, de três meses a quatro na usina, 64, 68, a gente ia pras frente de café, apanhar café, apanhava café perto de Dores do Indaiá, Estrela do Indaiá... a gente ia pra lá e de quinze em quinze dias que a gente vinha em casa. Ia com minha tia, ia aquela turma de mulher, tinha uns barracão onde que a gente ficava; apanhar café. Depois aqui mesmo, no município aqui, é... do lado do Laranjeira ali, Agroeste, também ia apanhar café; ficava à toa não, quando num tava num lugar, tava noutro, porque lá tinha esse período, né, por exemplo, aquele período de colheita tava lá, acabava o período de colheita, por exemplo, ficava à toa, então a gente corria pros outros lado, igual essa época, era época do café. É outro serviço também, como é que fala, é... pesado, mas é gostoso, a gente acostuma, porque quando, por exemplo, ta apanhando um pé, ele ta carregadinho de café, a produção ta

boa, olha pra frente tem outro melhor ainda, então você não quer parar! Ih, apanhei muito café! Tem gente que fala: ‘cruz credo, mexer com café!’; eu falo: ‘pois eu gosto!’; café e cana! É um serviço que depende só da gente, né, porque serviço que depende de um grupo é difícil. Agora quando é um serviço, por exemplo, que você produz e depende só de você, ele é bom. Então o que você faz, é seu, agora quando é dum grupo, você morre de trabalhar, de fazer a sua parte, o outro não faz a dele, então não sai nada! Agora, serviço triste é o público, ai, minha Nossa Senhora! Eu falo que a pessoa que trabalha ou que depende do setor público, eles dá um infarto facinho! Porque eu trabalhei 3 anos e tanto na administração do Zezinho, é... foi... como é que é? 2000 a 2004. Eles me licenciou na usina pra prestar serviço no município, tava querendo fazer um serviço social e que envolvia o sindicato, aí na época, o prefeito falou: ‘tem 3 sindicato, mas o que eu quero é o sindicato dos trabalhadores rurais, quero um representante, vocês vai me indicar um representante’, e ele escolheu que era eu que era pra ir prestar o serviço, era pra criar o sindicato dos servidores, pra ajudar o sindicato dos servidores, organizar o servidor público, mas ô serviço ruim! Deus que me perdoe, eu falei: ‘é triste, viu!’. É isso que eu to te falando, por exemplo, o seu serviço depende do outro, e o outro não solta o serviço. E você morre de coisa, porque você precisa agora, eles vai soltar daqui 3 dias. Gente do céu, é horroroso, viu!

Então de tudo eu já fiz. Machado, foice, enxada, tudo o que você pensar, podão, caneta. Risos... então, como diz o caso, eu tive várias, várias, como é que fala, várias etapa da minha vida, uma época eu tava trabalhando lá no campo com enxada, outra hora com machado, né, tive uma época que eu tava na cidade, dentro do escritório trabalhando com a caneta, outra com podão, então, são várias, a história é recheada de tudo... É, mexi com tudo. Tudo quanto há. Fogão... ai, Jesus! De tudo um pouquinho...

Eu acho que a pessoa sem trabalho ela não.... isso é parte, a parte mais importante da vida é o trabalho. Eu acho que a pessoa sem ocupação, sem ter um trabalho é vazio.

Eclipse

Meu pai... minha mãe morreu ela tinha problema epilético e meu pai morreu de problema de coração. Era uma pessoa sadia, sabe, nessa época as pessoa quase não procurava médico, né, pra saber, não... tinha problema e não sabia. Porque a gente, eu mesmo não lembro de falar assim: ‘ah, meu pai tomou um comprimido, pra isso, pra aquilo’. Adoeceu assim e dentro de pouco prazo, levou dois meses, morreu. Meu pai morreu com 52 anos e minha mãe morreu com 41 anos. Ela deu derrame sete vezes e ela morreu, ela tava de resguardo sete dias. Lembro direitinho, foi uma época que deu um eclipse, você só ouvia falar assim: ‘vai escurecer e só a luz divina vai clarear’. E nesse dia ela foi enterrada. Eu sentava na minha cama à noite, todo dia, porque trabalhava o dia inteiro, né, toda vida, chegava em casa e ia fazer a lida da casa ainda, porque ela era problemática, doente, então tinha coisa que a gente não deixava ela fazer, na hora que a gente chegava é que a gente ia fazer, aí eu tinha tomado banho, sentada na minha cama, ela na cama dela e eu sentada na minha cama, a gente conversando e eu bordando, fazendo enxoval... risos... conversando nós duas e ela: ‘vai deitar, larga esses trem e vai deitar, porque senão amanhã você não acorda cedo’. Nessa época eu trabalhava lá na Mogi, nessa fábrica de bebida; eu falei: ‘agora mesmo, vou terminar isso aqui, agora mesmo eu largo’. Aí acabei de bordar uma flor que eu tava bordando e peguei, guardei os trem e pus no canto da cama. Tomei bença e virei pro canto, acordei com ela naquela ronqueira, já com derrame. E ela já tinha dado várias vezes. Aí não teve... levou pro médico, nessa época, como diz o caso, a gente tinha dois médico aqui. Levou, já chegou lá, o médico falou: ‘ah, acabou’. Foi cerebral, sabe, porque ela dava os outros, passava um tempo,

um mês, dois meses, ela voltava a falar direitinho, não perdia movimento nenhum e dessa vez não teve jeito não. Morreu todos dois novo. Ela morreu primeiro que ele, depois foi ele. E com isso, como diz o caso, você perde pai e mãe e ainda foi todo mundo embora e ficou só eu aqui. Tem muitos anos... nenhum dos meus filho conheceu os avós, do meu lado, nenhum dos dois. É, nenhum, quando eles morreram, eu era solteira ainda...

Esse terreno todo aqui era da minha família, até a última casa da esquina e tinha um cara rico aqui na Lagoa que roubava terreno dos outros, ele construía e começava a vender como se fosse dele. Então eu fui até o juiz procurar saber e... era ele, só ele podia me orientar nessa época, a gente não conhecia, nessa época a gente, como diz o caso, advogado aqui a gente nem sabia quem que era... fui direto lá e ele me ouviu e me deu o maior apoio! O maior apoio que ele me deu nessa época. Eu era meia doida, num... eu era meia... sabe, se eu falasse assim, por exemplo, vou em tal lugar, eu tinha que ir! Então se você agachar, se eu tivesse agachado, tivesse medo, aquela turma de homem chegar na sua casa, derrubando cerca, derrubando muro, derrubando tudo, o que você ia fazer? Você sozinha, você não tinha ninguém, não tinha pai, não tinha mãe, os irmão tinha ido tudo embora, só você, o que você fazia? Corria!! Trancava dentro de casa! Eu enfrentei eles! Eu menina! Eu enfrentei! Uma coisa que é sua, os outros chegar e querer te tomar? E ele me deu o maior apoio, falou: 'se eles aparecer lá, a senhora dá um pulinho aqui, que nós vai dar um jeito de chamar eles aqui'. Chamaram ele lá, ainda falou pra ele ainda, falou assim que ele tinha tanta terra, só que ilegal, que ele não pagava imposto nem nada, que era pra ele legalizar as terra dele e largar de, porque ele era português, então, ele falou que antigamente, os português roubou dos mineiro, né, dos brasileiro, e ainda tinha um português em Minas roubando terra dos mineiro; 'vai caçar jeito de legalizar as terra que você tem! E você ainda ta querendo tomar terra da coitada da menina que, como diz o caso, você acha que não tem ninguém por ela, mas ela tem eu, que sou juiz, por ela'. Aí ele não mexeu comigo mais não! Me deixou em paz. Aí depois eu casei, morei de aluguel muito tempo, eles roubaram tudo que tinha ficado aqui nas duas cratera e depois eu vim pra cá, construí aqui, ele mesmo, o juiz mesmo mandou me chamar lá e falou que era pra mim vim e construir, porque se alguém entrasse aqui, por exemplo, e construísse aqui, depois eu não tirava, porque tomava posse, né. Foi aonde que eu vim. Falei: 'ah, mas eu vou pra lá, eles vão me amolar de novo!'; ele falou: 'eles não vai te amolar mais, a senhora pode ir pra lá e dar jeito de... fazer nem que seja uma xoxa lá e entrar pra dentro!'. Aí a gente veio, retocou uma das casa velha que tinha aqui e ficou morando nela até que a gente conseguiu construir aqui. Ele trabalhava pra construir, o que ele ganhava pra comprar material pra construir aqui e eu trabalhava pra comer e beber. E aquela época que eu ainda falei pra você, que ele trabalhava e não fazia macaca, a gente não vendia os trem pra fazer dinheiro, né, porque eu trabalhava, foi na época que eu trabalhava no asilo, trabalhava 4 dias da semana lá e 2 dias eu trabalhava em outro lugar, fazendo, tipo faxina, aí eu trabalhava ganhava o dinheiro pra gente, como diz o caso, fazer a compra, pagar água, nessa época, porque luz nem tinha nessa época, era só água. E ele era pra comprar material, pra construir a casa. E a gente construiu, construiu esses quatro cômodo e depois foi emendando, fazendo pedaço, pra aqui, pra lá. Risos... e ta aí até hoje. 'Seu' Zé Marçal (o juiz), tadinho, lembro dele até hoje. Me ajudou muito, se não fosse ele, isso aqui já tinha catado o resto. Porque eles catou de muita gente aqui. Ia passando a perna em todo mundo, acho que quando ele via um que não tinha amparo, por exemplo, pessoa que não tinha ninguém por ele, ele ia invadindo. Eu brinco com as minha menina, elas fala comigo: 'é, Graças a Deus que a gente tem a mãe e o pai'. Eu falo: 'é, pois é, na idade d'ocês eu já tinha perdido há muito tempo!'.

Um motivo pra lutar

Eu casei com dezesseis anos. Parece que foi num baile que a gente conheceu um ao outro. Nessa época tinha muito baile, como diz o caso, em casa de família, aí a gente tinha uma tia que levava a gente, irmã do... tia do meu pai, era tia do meu pai e a gente chamava ela de tia também, que ela foi a dona desse terreno aqui. Ela levava a gente pra dançar e eu conheci ele. Meu primeiro namorado... risos...

Muitas pessoas sofre por não ter quem ajuda e às vezes nem sabe do que é direito, né. Tem o direito, mas não sabe correr atrás. Eu falo por mim mesma, porque antes de eu conhecer, antes de eu saber, por exemplo, alguma coisa, hoje meu marido é inválido, sofreu muito, novo, ficou inválido novo, porque eu não conhecia nada, não sabia de nada, não sabia dos direitos dele. Então foi daí, como diz o caso, eu passei a lutar. Foi quando o meu marido começou os problema de saúde dele, por conta do acidente. Aí que eu conheci o Dimas, porque a gente procurou o sindicato na época, né. E aí, como diz o caso, aí não soltou mais! Risos... aí eu comecei a participar das reuniões, da diretoria, né, ajudava, como diz o caso, nas reuniões com os trabalhadores, acompanhando mesmo, onde que eles ia, eu tava atrás! Foi aí que eu conheci o Dimas. 87. Um ano, tinha pouco tempo que o sindicato tinha sido criado.

O dele (marido) não tinha como falar assim, por exemplo, reverter aquilo, né... um acidente simples que ele sofreu e hoje ele é inválido, é uma pessoa que não dá conta de andar um quarteirão! Erro médico. Foi um acidente simples e que se tornou grave por um erro médico. Ele administrava a lavoura branca nessa época. Lavoura branca é plantio de arroz, de feijão, milho. Sempre, toda pessoa que tinha esse cargo dentro da usina, andava a cavalo e o cavalo caiu com ele. No cavalo cair, ele bateu com a coluna onde bateu, né, torceu a coluna e doía a perna, aí o médico daqui, ao invés de colocar, de fazer um raio x da perna pra ver o que era, não, colocou um gesso na perna dele e aí houve rejeição, porque não tinha osso fraturado, né, estourou as veias do corpo dele todinho. Ele é moreno claro, que nem eu, mais claro que eu um pouco, a perna dele, isso foi num domingo à tarde, à noite já no domingo, a perna dele tava quase da cor dessa sua calça, pretinha e na quinta-feira cedo, eu levei ele lá pro médico que atendeu ele, falando pra ele do jeito que ele tava, ele não quis nem saber, falou que era pra eu voltar na terça-feira da semana seguinte. Eu falei, mas ele não pode ficar assim, olha a situação que ele tá. O senhor não tirou o raio x da perna dele, então eu queria que o senhor fizesse o raio x, se o SUS não cobre, eu pago, não tô pedindo de graça. Ele mandou eu voltar na terça-feira, então você me dá uma guia pra outro médico olhar ele! Ele não quis me dar também. E isso foi só complicando. Depois de... me parece quinze dias, o médico da empresa de onde a gente trabalhava, eu trabalhei e ele também trabalhava, eu pensei assim, vamos atrás dele que esses médicos nossos vão olhar, aí que eu levei ele o Dr. Sebastião olhou e falou: “você tá é doido!” a primeira coisa que ele fez foi tirar a bota de gesso e falou assim: “olha, deu muita sorte que ele pôs um gesso bambo, porque senão, tinha que amputar a perna dele, porque o problema não era osso fraturado, o problema é que ele tinha torcido aqui, aí doía, o lado que torceu, né, o nervo fica mais curto e dói a perna. Aí foi ficando... ele internou ele, ficou lá dezoito dias e saiu pior do que ele entrou! E isso foi só complicando... ele ficou aqui, daqui ele foi pra Divinópolis, de Divinópolis, ele foi pra Belo Horizonte e, em Belo Horizonte, eles tratando ele de hepatite. Precisa de ver, foi um monte de coisa. Depois de quase um ano que ele tava aqui em Minas, aí ele foi pra Ribeirão Preto, porque o povo dele mora lá. Lá ele ficou quase um ano tomando remédio pra desintoxicar dos remédios errados daqui e fazendo exame, fazendo exame e eles não achavam nada, depois encontrou. Era o problema aqui e onde o arreio do cavalo tinha batido nele aqui, criou uma banha, tipo um isopor, foi jogando os rins dele pra cima e a bexiga dele acabou, bexiga, rim...

O acidente foi em 86 e ele ficou até 90 e... 90 nesse rolo. Ele ficou internado lá muito tempo, fez várias cirurgias, teve que cortar o intestino dele pra fazer outra bexiga, fazer canal de rins. Fez várias cirurgias, hoje ele tá aí, graças a Deus, eu dou graças a Deus de ele estar vivo. Tem dia que ele fica desesperado, eu falo: “meu filho, dá graças a Deus, você era pra tá... nem osso era pra ter mais!”. Se ficasse aqui não tinha não. Então, como diz o caso, com isso aí a luta serviu, porque hoje as pessoas, a gente orienta as pessoas, porque naquela época não tinha quem orientasse, a gente não tinha onde procurar ajuda em ninguém. Ninguém sabia dos seus direitos, hoje quem não sabe dos direitos é porque fica assim ó... tampa o olho e o ouvido, porque hoje não, graças a Deus, hoje não, então a gente fica... sente realizada, né, porque a gente pôde fazer alguma coisa, que eu ajudei não foi pessoas, na época que eu tava lá e que o Dimas também tava, a gente pôde ajudar não pessoas, por exemplo, da nossa categoria, do nosso, como diz o caso, dia-a-dia. A gente ajudou até gente que podia ajudar a gente que a gente achava que eles seria aqueles que a gente ia procurar ajuda eles, e eles que vieram procurar ajuda a gente. Então, a gente se sente realizada, né.

Ele aposentou por invalidez, né, e como diz o caso, o tratamento dele todo foi pelo SUS, lá em Ribeirão e aqui também. O que hoje muitas pessoas não conseguem. Tem gente aí inválida, invalidez quase igual a dele ou às vezes até pior que a dele por acidente de trabalho, não conseguiu nem aposentar por invalidez, pagou INPS e não conseguiu. Porque hoje você sabe, provar a invalidez hoje depende, toda vida dependeu, né, mas hoje parece que cada dia é pior, porque os médicos de hoje, a maioria, Deus que me perdoe, pelo amor de Deus, falar, assim, eles não honra o diploma deles. Pessoa que tem direito eles não dão e muitos que não têm, eles dão. Então, a gente vê, isso é... a corrupção é pra todo lado. A gente vê pessoas que fala assim, a gente sabe que não tem condição mesmo e pra eles tá beleza. Eu costumo falar assim, tá piscando o olho, tá vivo, então você pode trabalhar! Risos...

Aprender fazendo

Aquilo você fica a vida inteira, foi vinte anos de luta, né? Então, sindicato tem que entrar gente nova! Falei: ‘não, pra mim não dá mais não!’; o Dimas: ‘eu também não!’. Só que falava com eles, ninguém queria assumir, aí a gente montou, a gente tava na frente, né, montou a chapa sem eles saber que a gente tava saindo, até na última hora, aí na última hora, quando eles ficou sabendo, não tinha como voltar atrás. A gente falou com eles: ‘a gente não tá saindo! A gente tá deixando a diretoria, mas nós tá aqui no sindicato pro que der e vier! O que vocês precisar, a gente tá aqui pra ajudar! Né. Só que tem que ter gente pra assumir, uai, até quando nós vamos nessa?’. E com isso até hoje, quando eles precisa, dá uma ligadinha e a gente tá lá pra ajudar! Não dá conta de nada não, mas o que a gente puder fazer... mas foi dessa maneira, ninguém queria nada, “ai eu não, não dou conta!” Ninguém faz as coisa, por exemplo, ninguém nasce sabendo, é fazendo e aprendendo. Igual eu falo pra eles, por exemplo, eu sou uma pessoa que não tem estudo. Nenhum! E não tenho inveja de qualquer um que tem vários diploma! Porque eu falo assim: ‘tem gente que é formado em tudo, mas não tem vontade de fazer a coisa, né?’. E eu não tenho diploma nenhum e se depender de mim pra fazer as coisa, eu não tenho... vou no fim do mundo! Pra defender um trabalhador, eu ia no fim do mundo! E entendo muito de lei, por exemplo, melhor do que muitos que é estudado, então, o estudo não é tudo, porque eu falo assim, teve uma época, inclusive ela hoje, ela é formada em assistente social no fórum, ela queria pagar estudo pra mim pra Direito, diz ela que eu tinha que estudar! Eu falei: ‘depois de velha? O que que eu vou fazer?’; ‘não, nunca é tarde.’; eu falei: ‘não’; ‘não, a senhora tinha que estudar pra senhora ter um diploma, porque a senhora é formada, mais do que eu, do que qualquer um! Porque a senhora dá aula pra nós!’.

Eu falei: ‘que aula o que, Sá! Dou aula pra ninguém não, não tenho diploma nenhum. Eu

apenas tenho vontade de fazer as coisa. E sou fácil de entender as coisa também'. Não tenho medo de nada... a gente aprende fazendo as coisa, né. Porque eu falo assim, eu aprendi a ler, como diz o caso, foi lendo, fazendo, tendo vontade de fazer, nunca tive professor, nunca tive nem ninguém pra me ensinar, então o que você tem vontade de aprender, você faz! Agora depois de não ter vontade, não adianta, não vai a lugar nenhum!

Eu só estudei um ano! Depois eu fui trabalhar, aonde eu trabalhava como diz o caso, a gente ficava lá, por exemplo, dormia, antigamente um tal, por exemplo, pr'ocê trabalhar, você tinha que dormir no emprego e com isso, eu larguei a escola sem meu pai saber, quando ele ficou sabendo que eu tinha largado a escola eu tomei uma surra! Ele quase me matou! Porque ele brigava, ele foi um pai carrasco, sabe, aqueles pai de antigamente que era rígido mesmo! Mas nesse ponto aí ele foi um grande pai, a gente tem que, como diz o caso, assumir, nossa, bateu demais da conta! Aí voltei, estudei mais uns meses e aí não quis mesmo, sabe. Eu falei: 'pode matar, mas eu não vou mesmo!'. Então, eu não tive estudo nenhum. Aprendi fazendo. Eu sou ruim pra escrever, escrevo faltando muita letra, onde tem R, entendeu? Pra ler, a gente lê, mas pra escrever, escreve faltando. Agora, matemática, ninguém ganha de mim em matemática, história, mas aprendeu fazendo. Quantas vezes eu redigia, por exemplo, ofício no sindicato, nunca tive estudo nem nada... e vem as pessoa formada, igual secretária que tava lá que tinha que dá aula pra elas, eu tinha que ditar pra elas o que que elas ia escrever. Então, eu não sei, eu falo assim, é um dom de Deus? Deve ser, né? Porque não teve quem ensinasse ou explicasse o que que é certo e o que é errado... recebi várias cartas, vários elogio, por exemplo, de pessoa importante do Estado e até da União. Igual sobre a aposentadoria, essa aposentadoria da Declaração do Sindicato, tem vários sindicato famoso que foi processado, a entidade foi processada por presidente soltar documento ilegal, documento falso, né? E aqui a gente foi elogiado várias vezes porque a gente fazia a coisa certa, dentro da lei, por exemplo, o direito é seu, é seu! E muitas das vezes, eles dava direito pra quem não tinha! E quem tinha, eles tomava, então, podia ser minha mãe, se não tivesse direito, ela não tinha! Quantas pessoas que às vezes virou a cara, torceu a cara pra mim, porque chegava lá não tinha direito, queria comprar. Falava: 'não, aqui não compra, aqui se você tem, tem, se não tem, não vai ter!' Japaraíba⁶ mesmo foi processado, nunca mais pode soltar esse tipo de documento, porque soltava documento pra quem não tinha direito, aí perdeu o direito das pessoas que tinha direito de receber o documento. Então é aquilo, por exemplo, a gente tem que pedir a Deus que ilumina a gente pra fazer a coisa certa e dentro da lei, né, pra não ter, pra não ter prejuízo pra ninguém, porque eu acho assim, por exemplo, você representa uma entidade, se você fizer uma coisa errada, é a entidade que vai levar! Aí passa a ser uma entidade, por exemplo, que não é séria, né?

Aprender vivendo

A mais velha é aquela que você viu, né, aquela é a mais velha, aquela eu ganhei de parto normal, a primeira filha. Aí o segundo foi no hospital, a terceira que foi essa que eu falei com você que foi lá e os outros todos foi no hospital, só essas duas que foi parto normal. Parto normal e em casa, assim, sem assistência médica, porque as duas eu não tive. Agora os outros não, os outros tudo foi. E a última foi cesárea, onde eu liguei. Quando eu arranjei a última, eu tava trabalhando, me deu uma cólica de rins e daquelas mais triste do mundo, aí eles me trouxeram pro hospital aqui, chegou aqui, o médico foi atender, a primeira coisa que eles perguntam, né, 'como é que ta o ciclo menstrual?'. Eu falei: 'não tem.'; o médico é, ta aí até hoje, chama Roberto, eu falei com ele que eu não tinha, ele falou: 'mas não tem!'. Ele é

⁶ Cidade vizinha a Lagoa da Prata, onde também existe um sindicato dos trabalhadores rurais.

grande e ficou maior! Aí eu fui explicar, né. Ele falou: ‘mas nunca ouvi falar isso não!’. Aí ele não me deu remédio nenhum, enquanto não fez exame de gravidez, ele falou: ‘e se a senhora tiver grávida? Dá um remédio aí pra senhora, como diz o caso, aborta e onde é que fica eu?’’. Aí eu fiz quatro exames, fiz dois e não deu nada, no hospital mesmo, depois fiz no S.O.S.⁷, nessa época o S.O.S. muito médico ia lá, o laboratório de lá é um laboratório muito, assim respeitado, e eu fiz um no S.O.S. e deu, aí, eles mandou, falou: ‘não, vai confirmar na clínica’; aí fez na clínica, deu. Aí os nove meses dessa última, toda semana eu tinha que ir lá pra ele me ver. Falou: ‘eu nunca ouvi falar isso não, uai’. Eu falei: ‘pois é, mas eu sou diferente das outras mulheres mesmo...’. risos... aí, como diz o caso, foi até na última semana, ele garantiu que se eu ligasse, com um ano de ligação, que vinha. Falei: ‘ah, vem não! eu tenho certeza que não regularizar, porque eu fiz tratamento em Belo Horizonte e médico nenhum me deu esperança...’; ele falou: ‘não, mas eu aposto com a senhora!’. E foi mesmo! Quando fez um ano que eu tinha ligado, eu tava apanhando café, igual você lembra que eu te contei que nos intervalo das safra, a gente ia apanhar café lá na fazenda, na Laranjeira, saímo daqui de manhã, na hora que chegou lá que a gente subiu tipo um morro, na porta da fazenda assim que entrava no café, aí desceu. Aí veio aquele trem que aí eu achei: ‘agora eu vou morrer!’; eles teve que me enrolar em colcha pra me trazer de volta, ele falou: ‘não, mas é assim mesmo, vai ser desse jeito. As primeira vez vai vim muito mesmo.’; e até, até fazer a menopausa, o trem vinha certinho. E não sentia nada, antes de ligar, por exemplo, quando eu tinha, não sentia nada, depois que passou a vir, já sentia tudo quanto há, né. Aí depois ele foi me explicar por que. É porque quando eu tava pra menstruar a primeira vez, meu pai me espancou demais, aí deu suspensão, suspendeu a menstruação e ela não descia, aí ficou. Porque meu pai era muito bom, mas ele era... chegou uma certa, como diz o caso, época, ele perdeu a cabeça, é que o homem perde a cabeça e acha que os filho é culpado, né, e ele ficava brigando com minha mãe e a gente não aceitava, aí ele vinha pra cima da gente, batendo na gente. Eu falava: ‘não tem problema, pode bater, eu tenho corpo pra resistir, minha mãe não tem! O senhor não batendo nela, quanto basta!’. E nessa época ele me espancou demais, me bateu demais na cabeça, aí... nunca tinha vindo e nem não veio! Só veio depois de velha, quase 40 anos, 32 anos quando veio a primeira vez.

4.4.2 A trajetória de vida de Dimas

Infância rural: aprendendo a caminhar nos passos da religião

Eu hoje estou com 56 anos, fiz dia 3 agora passado e, nesse período todo, eu passei por vários acontecimentos, vim de família humilde, trabalhei muito na roça, trabalhei fazendo limpeza de terreno, pessoal chama de... naquele tempo nosso chamava de ‘ranca toco’, desmatar no braço com enxadão, machado, essas coisa toda. E... eu tenho mais oito irmão, nós somos nove. Onde eu nasci... não foi aqui, foi no triângulo mineiro, lá chama Santa Vitória, onde é que eu me criei. Eu nasci não foi em Santa Vitória, foi numa cidade vizinha chamada Canápolis. Aí de Canápolis meu pai mudou pra Santa Vitória, a gente lá... estabelecemos morada e eu tive até... até os 20 e... 19, 20 anos mais ou menos. Estudei numa escolinha de

⁷ Serviço de obras sociais (S.O.S.) é uma instituição fundada pela Irmã Teresa, freira holandesa que, em vida, realizou alguns projetos pela Igreja Católica. Atualmente, o SOS acolhe e cuida de idosos carentes. No período relatado por D. Alzira, além de cuidar dos idosos, a instituição oferecia serviços médicos diversos, como atendimento clínico e fisioterápico, exames laboratoriais e distribuição de remédios. Veremos no capítulo “Engajamento político e transformação nos canaviais” que, sendo o S.O.S. regularmente utilizado por determinados grupos sociais vinculados à Igreja – como as comunidades eclesiais de base (CEB’s) – foi uma instituição importante na história do sindicato dos trabalhadores rurais de Lagoa da Prata.

roça lá, naqueles período de... estuda dois meses numa escola e quando... ta começando a achar bom, a escola acaba, professor vai embora. Estudei também... depois chegou o tempo de ginásio e naquele período de admissão e aí foi que eu ingressei no ginásio.

Eu sou de igreja desde pequeno. Minha mãe sempre passou essas informação, essas coisas de reza pra nós e, enquanto a gente ta pequeno, a gente não vai por si, às vezes vai com o pai, às vezes com a mãe, às vezes escutando o rádio... minha mãe escuta muito rádio e aí as coisa de religião, mais antes a gente absorvia pelo rádio, ouvindo. Rádio Aparecida, rádio 9 de julho... essas rádio de um modo geral que já tinha uma linha mais libertadora. Rádio 9 de julho tinha uns programa muito bom! Rádio Aparecida também, o pessoal fala, os padre, os participante lá fala muita coisa boa nessa linha de libertação... e... escutava muito mais minha mãe. Tinha um programa do Padre Vítor: “ao meio-dia, os ponteiros apontam para o infinito”. E a gente sempre escutava. Nesse programa, o padre Vítor aconselhava muita coisa pra população, ele falava sobre remédio, remédio caseiro, ele falava sobre cidadania mesmo, orientando a pessoa, sobre regra de boas maneiras, o que que não deve fazer, o que que engrandece a pessoa e a sua vida, o que engrandece as suas atitudes, e os contatos que a gente deve ter com os outros, a valorização da família, dos amigos, das comunidade... ele falava sobre tudo isso. Falava do Brasil também. Da necessidade que o Brasil tinha e tem de continuar um país cada vez mais católico, aconchegante e continuar mantendo a fé em primeiro lugar, a fé esclarecida cada vez mais, onde as pessoas sejam atuantes na transformação da sociedade. E a gente cresceu ouvindo esse programa. Na rádio Aparecida tinha muita... também, muita missa. E minha mãe acompanhava as missa e a gente ouvia. Na época de semana santa, tinha uns programa... tinha um que eu lembro bem: “Entre a cruz, o céu e a terra”, alguma coisa assim, não to lembrado o nome direitinho não. Já faz um tempo e a gente começou a não seguir tanto o programa, foi modificando... mas esse programa falava, passava de cima em baixo a vida de Jesus Cristo, suas dificuldades, seus enfrentamentos, e de uma forma bem a modo de um teatro, um teatro que não tinha muita comicidade não, era mais real mesmo, aquela vida toda que ele passou de sofrimento e falando também das pessoas que o cercavam, dos discursos que ele fez. De um modo geral, uma aula sobre a vida de Jesus Cristo. E a gente foi aprendendo tudo isso junto.

Eu lembro de umas coisas pequenas... que a gente vinha até a cidade, porque a gente morava na roça, uns 8 km de distância, e é por isso que a gente ouvia mais rádio e participava mais ouvindo rádio. Agora quando chegava época de natal, ano novo, às vezes semana santa, aí meu pai trazia a gente até a cidade pra participar mais diretamente dos acontecimento religioso. E mais no começo era até mais difícil, porque as estrada era mais ruins, tinha muito cerrado, muito mato em volta das estradas todas de um modo geral, e o que meu pai tinha de mais fácil transporte era a carroça, carroça puxada por animal, cavalo. E às vezes a gente vinha na carroça. E, as dificuldade do meu pai também não dava muita folga, muita liberdade, liberação pra participar com a gente todos os domingos, por exemplo. Minha mãe também, os cuidados dela com a casa também não deixava muita folga pra fazer as participação. Então a gente tinha participação, mas era um pouco limitada. Com os vizinho, também a gente não tinha muita folga, porque quando a gente era mais criança, ficava mais por casa mesmo, não tinha muito coleguinha e o pessoal morava também a uma certa distância e nas proximidades tinha muito mato, aí tinha essa dificuldade até de sair sozinho pra visitar outros coleguinhas. Quando foi melhorando a região, porque a região toda era desse jeito, região de muito mato, de pouca cultura, aí cultura envolvendo plantio de lavoura branca, aí a gente pode falar arroz, milho, feijão. Então tinha pouco. À medida que foi aumentando esses trabalho, essa lavoura branca, foi que foi facilitando e melhorando o contato até com os vizinhos. Depois que foi vindo os irmãos e até que a gente tinha outros coleguinha na própria casa até pra brincar. Eu

sou o mais velho de uma turma de nove e depois tenho uma irmã, depois um outro irmão, e aí foi outros irmãos, a penúltima é uma mulher também e o último dos irmãos, outro homem. Então são duas mulheres e sete homens. Aí a gente brincava muito em casa mesmo. Depois mudamos de região lá pra outro córrego, mudamos de uma beira de córrego pra outra beira de córrego. Aí foi aparecendo já de pouco a pouco uns coleguinha, a gente já foi crescendo um pouco mais, já foi chegando na época de participar de escola, aí outros coleguinha na escola, aí que foi tendo outros conhecimento, outros tipos de conversa, já contato com a leitura, se bem que na nossa época de leitura, de escola, acabava uma, aí ficava às vezes um, dois meses sem escola, aí abria outra, num outro córrego, às vezes distante, 1 km, 2 Km, 3! Mas pra não ficar sem escola a gente ia pra lá também! O pai matriculava e nós tava indo atrás das informação

Vida em ensaio

Depois a gente foi passando pra adulto, pra jovem adulto, depois precisou sair de casa pra estudar, eu tive estudando até o ginásio em Santa Vitória, depois que foi pra entrar pro colégio, que eu fui fazer parte do colégio agrícola. Aí que eu saí de casa, fique longe de casa, isso por volta de 72, por aí, 73, aí estudei na escola agrícola de Igarapava, em 75 eu terminei, em 76 eu vim aqui pra Lagoa da Prata morar com uns familiares do lado do meu pai, vim morar na casa da minha vó.

Aqui eu estava imaginando que seria mais fácil eu arrumar um serviço, porque aí eu podia ficar na casa de parente até esse serviço aparecer e apareceu, foi até rápido. Cheguei no começo de 76, quando foi em julho, já comecei a participar do serviço da usina. E fiquei lá até 92, 93, me parece, acho que 94. Fiz a rescisão de contrato e aí continuei ainda no sindicato e daí a pouco eu deixei de trabalhar no sindicato, deixei de militar como diretor, passei a ser militante, mas continuo até hoje.

Voltando um pouquinho em Igarapava, lá eu conheci umas pessoas que participava de Legião de Maria, Vicentinos e junto com essa turma, eu fiz parte também desses dois segmento, Legião de Maria e do trabalho Vicentino. Na época lá como Vicentino, tinha uma turma boa e a gente visitava, fazia uns trabalho, nós fizemos até um teatro de um grupo de colega, nós fizemos um teatro apresentando algumas vezes na cidade lá e deixou muita saudade. Foi pra nós, no tempo, pra mim, por exemplo, foi emocionante! O teatro era sobre uma pessoa que teve dificuldade na vida e acabou encontrando desprazeres, encontrando dificuldade, foi ficando meio de astral baixo e nessa vida difícil que essa pessoa tava vivendo, apareceu esse grupo que era de gente mais consciente, que tinha uma religião, uma fé esclarecida, e no teatro essa pessoa encontra esse grupo de gente que consegue levar a ele luzes, consegue levar um astral melhor, apontar um caminho, uma saída e no fim, fechando, é a recuperação dessa pessoa. Ela encontra de novo o sentido de viver. Então, mesmo depois que eu vim pra aqui, pra Lagoa, eu tive alguns contatos com o pessoal, mesmo por carta, até me convidando pra voltar pra lá, pra gente apresentar de novo essa peça de teatro, mas aí já tava longe, não deu muito pra gente continuar o trabalho lá.

Mas foi uma boa recordação, uma recordação que eu tive e tenho até hoje, porque foi muito bom mesmo. E lá na escola agrícola também a gente trabalhava com práticas agrícolas, cuidando de hortaliças, tinha os talhões de roça mesmo, arroz, milho, silvicultura, que é porco, abelha, então, esse trabalho nosso tinha as aulas práticas e também as aulas teóricas e a gente preenchia lá o tempo quase todo com isso. Tinha lá o período de escola, de estudo e a

parte prática, aí que tava ligado diretamente a esses trabalhos. Fiquei dois anos e meio estudando lá e foi depois disso que eu vim trabalhar na usina Luciânia.

Vida em ação

E aí, na usina, eu entrei, tava novato, naquele vigor todo, força toda, animado, querendo fazer alguma coisa na vida. E aí, lá, a gente começou a ver a realidade de outros companheiros, de outras pessoa no trabalho. Lá na chamada Vila Luciânia, tinha bastante moradores e as famílias deles moravam lá, trabalhavam lá, tinha um vínculo bem estreito com a empresa Luciânia. Ali no entorno da fábrica era uma vila só, que tinha dois lados ali, mas... um lado da linha, o outro lado da linha de ferro, né? Era um conglomerado só, vamos dizer assim. E o pessoal morava lá e trabalhava lá e a gente entrou nesse meio também de trabalhar e estar junto... me dei bem com todo mundo lá, nunca tive desavença, essas coisas não, sabe? Todo mundo gente boa, isso foi interessante. Lá morava os cortadores de cana, os tratorista, tinha motorista... a grande maioria morava lá. Tinha gente que trabalhava nessas funções também que morava na cidade aqui, no caso o cortador, o tratorista, o motorista... até encarregado, gerente... uma parte morava lá e outra parte morava na cidade.

Bom, e aí, a gente foi vivendo e foi tomando conhecimento de algumas coisas que apertava o pessoal lá do ponto de vista de... dificuldade de vida mesmo⁸. Salário não era lá essas coisas, tinha a morada era cedida pela empresa, a empresa era dona de tudo pro pessoal praticamente não pagar, depois eles fizeram uma reforma lá e aí tinha uma pequena parcela, quase que a título de contribuição do morador para com a empresa. E junto com isso também tinha os filhos dos trabalhadores lá tinha que estudar, e, na própria empresa tinha a escola, mas não atingia todas as fases do estudo, o estudante tinha que ir pra cidade, sair pra outros lugares pra desenvolver mais a parte de estudo.

A parte profissional também lá... tinha como desenvolver, dentro da empresa, a pessoa ia passando de nível, como nas outras. Agora, tinha determinados níveis que se o trabalhador quisesse ou precisasse desenvolver, ele precisava, ou sair da empresa, ou, ou... é, mudar! Porque não tinha campo necessário ou suficiente pra todos desenvolver as suas potencialidades todas. E, junto com isso tinha a parte social. As casas eram bem juntinhas, tinha umas que tinha a parede meia e na vila lá tinha ruas, tinha a igreja também, tinha cinema, tinha barbearia, tinha armazém, essas coisas todas. Era como uma mini cidade. E nessa convivência toda, o pessoal tinha as dificuldades que eu comecei a falar e isso ia acontecendo, porque já estava vindo desde os primeiros moradores de lá. Foi a espécie de um esquema, uma forma de condução do pessoal lá. Foi vindo assim de geração em geração, então era o jeito de todo mundo lá. Eu cheguei já tinha mais ou menos uns 40 anos de empresa. Então, eu já cheguei bem à frente. E aí que eu to falando dessa dificuldade toda que o pessoal tinha, nas escolas, no trabalho... precisava melhorar bem a condição social e, falando em melhorar a condição social, daí, eu fui pra lá em 76, em 86, mais ou menos em maio de 86, a gente deu início à luta no sindicato. Observando as necessidades de lá, a gente começou a estudar, até dentro de igreja mesmo, em comunidade de base, essas coisas e aí a gente conseguiu ir melhorando a visão dos acontecimentos lá dentro da empresa e viu que a necessidade de organização estava muito grande e era urgente.

⁸ As dificuldades vividas pelos trabalhadores na produção da cana-de-açúcar estão relacionadas à violação de direitos e às más condições de trabalho. Tal realidade será demonstrada e analisada no capítulo “Cotidiano e trabalho na produção da cana-de-açúcar”, em que apresentaremos esses aspectos como uma condição imposta ao trabalhador rural.

Vou falar um pouco de mim também, eu mesmo, eu trabalhava com adubo, eu trabalhei com adubo dois anos. Aí depois desses dois anos, trabalhando com adubo, tinha um barracão grande, era um depósito e lá que a gente misturava os adubos e fazia os carregamento pra mandar pro campo pra ser aplicado onde fosse necessário. Depois desses dois anos, eu passei a trabalhar com produto químico, chamado preventivo agrícola que na verdade, ele mata os mato pra limpar as cana, mas também, se não tomar cuidado, ele mata a gente. Então é veneno o trem. E aí nessa peleja de veneno eu tive mais um, depois desses dois anos, eu tive mais uns 12, 13 por aí, acho que até mais. Então minha trajetória lá de serviço foi mais ou menos com essas duas coisas básicas: o adubo e depois os defensivos que são veneno. E aí dentro desses defensivos, eu tive muita dificuldade. Eu acabei adquirindo intoxicação e com essas intoxicação, eu tive um prejuízo de vida danado. Porque a intoxicação, ela causa muita revolução no organismo da gente. Pra umas pessoas dá muita sonolência, é o meu caso, eu dormia até, até bastantinho, parece que atrapalhou meu tipo de sono. Dá falta de apetite, descontrola o funcionamento do intestino da gente, dá problemas de funcionamento respiratório. Isso eu tinha.... inclusive hoje eu ainda tenho seqüelas desse trem que, tenho facilidade com pegar doença, tipo gripe, resfriado, essas coisas. A imunidade da gente fica baixa, eu acabei tendo baixa nas plaquetas de sangue, dor de cabeça a gente tinha demais, dor muscular, um punhado de coisa. E aí com isso, eu até tive que... teve uns afastamentos, eu fiquei afastado a primeira vez pra tratar melhor disso foi uma semana, eu fiquei internado em Belo Horizonte no Hospital das Clínicas, aí lá eu cheguei com febre, tive umas coisa doida lá, essas coisas que eu tava falando aí, falta de apetite, dor no estômago, barriga inchada, essas coiseira toda. Aí eu tive lá um tempo, aí com a saída do contato com os produtos, eu já tive uma certa... um certo interrompimento nesse agravamento das coisas, dos sintomas que eu tinha, parece que deu uma maneiradinha. Mas eu tive que ser acompanhado lá durante mais de dois anos, lá tem um ambulatório pra atender doenças profissionais, no Hospital das Clínicas, e o pessoal lá me acompanhou mais de dois anos. E aí foi fazendo exame, radiografia, exame de sangue, um punhado de coisas, aí constatou que eu tinha plaqueta baixa, que eu te falei, esses outros sintomas, seqüela do contato com o produto. E aí até me recomendaram, no fim do tratamento, me recomendaram que eu podia requerer aposentadoria e eu acabei aceitando porque me falaram assim: “você quer voltar pro seu serviço, ou você quer se aposentar, já dá pra aposentar”. “ah, voltar... vou ficar doente de novo ou agravar minha situação, aí já não compensa”, aí eu preferi então pedir a aposentadoria.

E aí, aqui a gente enfrentou essas dificuldades, chegou e logo encarou essa dificuldade dos trabalhadores e a necessidade de organizar uma cidadania mais atuante, mais próxima do pessoal. Aí teve lá a ajuda dos companheiros, dos colega que militando também, ia ajudando na organização da luta.

Sonho e vida: uma reflexão de Dimas

Na vida cada coisa, cada fato, tem lá sua função, seu valor. É uma sabedoria procurar a melhor utilidade dessas tantas coisas.

Na penetração em pensamento, em análise, ou em prática; dentro dessas sucessivas etapas de acontecimentos; acontecem muitas modificações no viver de cada um. E isso é incumbido a cada um e a todos.

Perceber os sinais de Deus no dia-a-dia não deve ser apenas uma questão de sonho, mas uma realidade que ajuda na orientação da história da vida de quem segue, neste mundo, ligado ao infinito, ao além, à eternidade vindoura, já começada aqui mesmo.

Há constantemente, sinais de Deus, ensinando o que é melhor; dando exemplos de presença, de bondade, pedindo conversão, meditação, atenção, amor...

Para entender mais esses conselhos, orientar-se por eles, chegar à alegria maior e à paz duradoura, faz-se necessário parar em atitude de meditação, de aceitação, de humildade e querer participar das mensagens adquiridas numa entrega espontânea de si a Deus, ao ritmo da oração, deixando-se encher de paz interior e de Deus.

O que você sente ante uma flor, uma ramagem, vendo-as como presente de Deus para perfumar e enfeitar o lugar onde estão colocadas?

O que acontece com você, num momento de alegria diante da janela pensando na maravilha da noite estrelada, ou um belo fim de dia cheio de raios de sol, também presente de Deus?

Você na dor, no riso, na intriga, na ingratidão, no materialismo; tendo e colocando Deus presente, o que esperará, o que pensa?

Deixando o lugar dos filmes e das revistas indecentes, para uma leitura sadia, santa como conversas instrutivas e proveitosas; o que você estará ganhando?

Em lugar da ganância, do orgulho, das injustiças; você colocando esperança, humildade, justiça, que acontecerá?

Você já imaginou o tanto que será melhor se der mais tempo para os outros e Deus e menos tempo para a TV e os falsos amigos?

Substituindo o que é prejudicial ao bem-estar de si e dos outros, por tudo o que vem de Deus e dos seus ensinamentos, você terá muitas surpresas agradáveis pra usar e até distribuir.

“Sonhar que Deus virá glorioso até às nuvens, acompanhado de anjos até as nuvens e do seu trono julgará todas as gentes reunidas diante si, com justiça de Senhor e rei”; não é, simplesmente sonho, nem é utopia, é lembrar de novo suas palavras ditas por Cristo e escritas na antiguidade. É ter novamente uma oportunidade de alertar o coração, alentar a chama de amor que dorme na alma. É aproveitar o tempo que existe para ser usado a serviço de quem precisa. É também causa de preparação, de esperança, de trabalho em Deus, até que isso aconteça. É também motivo de lembrança da preparação que se deve fazer, da esperança que se deve viver, do trabalho em Deus que se deve fazer, enquanto não chega essa hora derradeira, quando então não chega essa hora derradeira, quando então não haverá mais tempo para fazer o que foi deixado de lado. É ainda lembrança de que o amor deve ser vivido, repartido, para reunir todas as pessoas em todos os lugares, em qualquer lugar e tempo, enquanto é tempo e há tempo para amar: eliminar o ódio, a inveja, as desavenças, as rixas, as impaciências, os comodismos, as faltas de caridade e de amor.

Falar em caridade, em ajuda é muito bom. Fazer tudo isso, com amor, é muito melhor, isto porque beneficia, tanto a quem se doa, quanto a quem recebe a doação.

O tempo de agir e vigiar é o de agora, o de hoje. O de amanhã virá. Se for perdido o agora, o hoje empregado em coisas que acabam como uma árvore caída, a matéria, o que não tem vida; o que haverá ou acontecerá no amanhã? Qual será o seu lugar ante o trono de Cristo?

A sua alma tem sede de alguma coisa diferente, quando você cerca-a só de algo que encerra em matéria, em dinheiro, em prazeres, em bens materiais. Ela sente-se abatida em vários momentos e você se perguntará:

Por que estou assim?

Que há comigo?

Nada presta?

Será que há felicidade?

Isso acontece porque ela foi criada primeiramente para Deus, mas você foi com ela para outra direção. Enquanto não repousar em Deus a alma não terá sossego, paz completa, alegria duradoura...

Envolver-se com fantasias, futilidades, faturas melódicas e barulhentas, cultos vãos, arranjos descomedidos de coisas terrenas; é o caminho mais perto e o atalho mais certo para o desvio da vida, das obras da criação de Deus que devem ocupar o centro da vida da pessoa vivente. A atenção que se dá a tanta coisa desnecessária que há por aí, atrapalha a afinidade, a delicadeza, a ternura com a essência divina, digna dos filhos de Deus.

Não foi à toa que veio ao encontro dos homens, o Cristo, o Salvador. Foi para que estes fossem libertos da opressão e do pecado e assim reconduzidos ao seio do Pai, passando por Ele que veio também para ser o caminho, a Verdade e a Vida: tudo o que os homens precisavam para terem e sentirem felicidades em suas andanças pela terra, seguindo-o para além da terra, para o céu, para o Pai-Deus.

Oxalá você e eu nunca esquecêssemos de pensar, penetrar e viver essas coisas para que outros aprendessem por isso o novo sentido da vida que é profundamente mais do que o simples passar pela vida vivendo angustiado e meio de qualquer jeito, sem fé.

Em todo caso, vale muito a pena lembrar a alguém sobre importantes fatos que não devem ser deixados de lado.

Talvez você estivesse esperando apenas este toque de alerta, de amor; para recomeçar e pra valer; para ensinar muita gente a viver bem e até melhor com o seu novo modo de viver, com sua nova vontade e sua prática de repartir amor com todos.

Felicidades, irmão e amigo.

Deus é tudo, mas não se esqueça de que Ele quer que você olha também para as pessoas e as ama.

Ama muito para estar sempre vigiando, podendo chegar com paz junto do trono do Senhor, e, não se esquecer das mensagens contidas nos sinais em que Deus revela muito amor para com todos.

Queria abraçar você por ter podido te encontrar, mesmo que por pouco tempo, mas como não posso fazê-lo por ser este encontro apenas espiritual, informal, receba-o nestas linhas cheias de alegria e paz. Não vou dizer adeus, e sim, até breve, quando então, apertarei a sua mão e faremos acontecer entre nós, muitos gestos de amor em mais um encontro alegre e festivo.

Escrita em 01/12/81.

Eu só tenho o cotidiano e meu sentimento dele.

Não sei de alguém que tenha mais.

Adélia Prado.

5 COTIDIANO E TRABALHO NA PRODUÇÃO DA CANA-DE AÇÚCAR

O respaldo de nosso trabalho é a vida concreta dos trabalhadores rurais da cana-de-açúcar e, nosso objetivo, compreender o cotidiano e a experiência vividos concretamente na produção rural da cana-de-açúcar, através do recolhimento da história de vida de dois trabalhadores rurais: Dona Alzira e Dimas. Situamos nossa pesquisa em um momento histórico – anos 1970 e 1980 – período em que nossos entrevistados estiveram mais envolvidos no processo produtivo da cana-de-açúcar e que coincide também com um período de alto investimento por parte do governo e do empresariado neste setor da agroindústria.

As categorias aqui analisadas foram escolhidas a partir dos relatos dos próprios trabalhadores que, mais do que informantes, foram guias e protagonistas engajados na construção desse percurso histórico e na compreensão do universo pesquisado. Cientes da impossibilidade de esgotar o entendimento da vida na produção da cana, almejamos, contudo, apresentar algumas contribuições ao conhecimento dessa realidade que, historicamente ocultada pelo governo, é, também, pouco abordada nos estudos de psicologia em geral e do trabalho.

Os aspectos mencionados pelos trabalhadores acerca da realidade experienciada na produção da cana-de-açúcar são variados e poderiam direcionar diversos tipos de análises e reflexões. No entanto, evidencia-se a vida cotidiana do trabalhador rural envolvido na produção da cana-de-açúcar, suas dificuldades, lutas diárias e superações. Optamos por apresentar o cotidiano e o trabalho dessa população que sofre, sente e supera dia-a-dia a submissão, a opressão e a violação de seus direitos. O cotidiano revela-se fundamental no confronto entre a vida ligada concretamente ao universo produtivo da cana e a ideia de progresso e desenvolvimento repercutida pela história oficial, especialmente se compreendemos que “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social” (Heller, 2008, p. 34).

Do mesmo modo, pensamos o trabalho – categoria central para a vida humana, fonte para a construção de si e do mundo, eixo para a compreensão do ser humano e da história. Aprendemos com Marx & Engels em a Ideologia alemã, que “o homem é o que faz e como o faz” e que, portanto, o trabalho é a via mais adequada para se compreender o homem, sua vida, sua história. E, na medida em que caminhamos ao seu encontro, ele – o trabalho –

surpreendentemente se precipita em um relato: “Eu acho que a pessoa sem trabalho ela não... isso é parte, a parte mais importante da vida é o trabalho. Eu acho que a pessoa sem ocupação, sem ter um trabalho, é vazio.” (D. Alzira). Conteúdo da vida, deparamo-nos, neste estudo, com o trabalho e seus limites contraditórios: de meio exploratório do homem para o capital a caminho possível de sua realização, na constante busca pela própria humanização.

5.1 TRABALHO RURAL NA CANA: O COTIDIANO VIVIDO POR D. ALZIRA

5.1.1 Condições de trabalho

O trabalho, como diz o caso, toda vida foi escravidão, né, porque o serviço é muito pesado, muito cansativo... é muito... é um serviço pesado e porco, né, porque a pessoa suja demais! É um serviço muito... como diz o caso, não tendo outro, faz, mas eu acho que a pessoa, hoje eu penso assim, a pessoa tem que lutar pra não ir naquilo de jeito nenhum. Muito porco, um serviço muito porco, muito cansativo, desgastante... agora, depois que você acostuma também, você não acha difícil de jeito nenhum. Eu brinco com eles, que a gente acostuma com tudo que não presta, tudo que é ruim a gente acostuma. Risos...

Nessa época assim, a água que a gente tomava, era água, igual ta chovendo agora, pegava numa enchente lá pra gente tomar, no meio das cana; água que enchia, por exemplo, nas lavoura de cana, pegava aquilo e levava pra gente tomar. Água vermelhinha... teve um dia que a gente tava trabalhando, beirando assim, distância duns trezentos metros do rio, a gente tava trabalhando, tomando água, e quando ta chovendo assim, vai mais é capinar, né, cortar mato, eles medindo quadro, tinha sumido lá na colônia rural lá, tinha sumido uma que mora lá, ela tinha problema mental, e tinha já muitos dias e não encontrava ela, tava achando que ela tinha ido pra cidade vizinha, sumido, ela tinha morrido, tava no meio do canavial, eles medindo o quadro, daonde eles deu o quadro aqui, por exemplo, eles foram quebrar a cana assim e o cara pisou em cima da cabeça dela no meio da cana, e nós tava bebendo a água dela, da mulher! Difícil, né? Era assim, sem higiene nenhuma, nenhuma mesmo! O povo pra, como diz o caso, não tinha banheiro, não tinha nada, ia pro meio das cana.

Você não tinha equipamento nenhum, você não tinha ferramenta, era tudo da gente. Não fornecia equipamento nenhum pra ninguém; trabalhava quase descalço, a maior parte, bem dizer, descalço! Então era... perigoso cortar, perigoso cobra, até o próprio espinho da cobra, né, porque você mata uma cobra, o lugar que mata ela fica o espinho ali, né, e pisando descalço. A gente colocava aqueles sapato que a isola deles era de corda de bacalhau, aquilo molhava, virava, nossa senhora! A sola deles era feita de corda de bacalhau, igual esse seu aí, é plástico, não é? É plástico duro, aí era uma, era tipo um tecido, uma corda de bacalhau, aquelas corda, como é que eles fala... cheia de fiapo, aquelas fiapeira... hoje tem mais é náilon, né, corda de náilon, essas coisa... e a sola de sapato era feita disso, por cima, ao redor era pano. Tipo essas congá que vem hoje. Era aquilo que o povo usava.

Nessa época do frio agora, chegava lá, as leira de cana, aonde que joga a cana, porque corta e vai jogando; hoje é máquina que pega, mas antigamente era a gente, uma turma na frente fazendo os montinho e outros vindo atrás juntando pra encher os caminhão, você pegava, tipo, as duas mão abarcava aquele montinho, entendeu? E jogava pra cima, pros ajudante lá em cima encher e fazer a carga. Eu mesmo trabalhei desse jeito, a gente trabalhava enchendo

caminhão, ficava quatro em cima, quatro dum lado, dois do outro, uma turma jogando de lá e outra de cá do caminhão, em duas leira de cana. Ia quatro também na frente fazendo os montinho, pros outros ir atrás pegando. Era na época que era tudo manual. Não tinha luva, não tinha nada, chegava lá, a cana tava branquinha de gelo.

Dava muita neblina! Nessa época, a maior parte da seção era tudo vargem, né, era beirada de rio, essas coisa. Então, você chegava lá, aquilo tava tudo tapado de neblina. Teve uma vez que trabalhador endureceu de frio dentro do caminhão e naquilo a mão não segurava nos fueiro, porque naquela época era caminhão de fueiro. Então não segurava, as pessoa caía dentro do caminhão. Ficou acho que uns três dias sem trabalhar, aí o Luciano que era o dono na usina, mandou cobertor ‘sapecta negrinho’ pro povo enrolar. Fazia frio demais, aquilo passava na beirada das cana, nos canavial, carreador, né, cana de lá, cana de cá, o fueiro batia lá, caía aqueles cavaco de vidro na gente dentro do caminhão.

Nessa época não tinha blusa, né. Hoje eu falo assim: ‘hoje tá bom demais!’. Naquela época, como diz o caso, o povo enrolava era em pedaço de cobertor, saco de moá. Era tudo misturado, homem, mulher, aquela bagunça dentro daqueles caminhão, caminhão cheio de gente, vamos supor, cabia vinte, punha cem dentro do caminhão. Tinha nem lugar pras pessoa segurar. É... É muita coisa... É muita coisa! Ai, Jesus! Não tinha horário de chegar em casa, você saía 4 hora da manhã, no início era 4 hora, saía 4 hora da manhã, tinha dia que 9 da noite, 10 da noite, você não sabia nem onde você tava! Então saía de noite e chegava de noite. Às vezes, caminhão quebrava, eles não tinha controle, não tinha rádio, não tinha nada, né, quando quebrava um caminhão, até que conseguia um socorro, já era quase outro dia!

5.1.2 Os direitos violados

Igual eu comecei a trabalhar em 72, né, era uma verdadeira escravidão, porque você trabalhava quase em troca da comida, né, porque você trabalhava, você não via dinheiro, lá (no armazém da indústria) você pegava o alimento, pegava roupa, as coisas que você precisava, você tinha que pegar ali, por exemplo, todo mundo que chegava lá, ia comprar aquela colcha ali, todo mundo dela, não tinha outra, você ia comprar um arroz, era todo mundo que comia a mesma coisa. Tinha o... igual eu lembro, falo até hoje com os meninos, eles falam assim: “ah, eu tinha vontade de voltar aqueles anos lá trás.” Eu falo assim: cruz credo, vocês querem comer arroz ardido? E banha Chapecó com urina de rato? Que era aquelas banhas de pacote, né, porque ficava lá pro chão, o arroz era ardido, você tinha que lavar ele na água quente pra você conseguir comer com aquele gosto do arroz que ficava ardido, sabe o que é ardido, né? É o arroz que corta ele e deixa ele azedar, ele azeda antes de tirar ele da palha. Aí depois ele fica com aquele gosto. Então era desse jeito, era uma tristeza, você tinha que comer o que tinha lá. Trabalhava o mês inteiro, hoje você trabalha, dá trinta dias você recebe o pagamento e compra onde você quiser, naquela época, não. Você tinha que comprar era lá. Às vezes você precisava comer hoje, fazer sua compra hoje, eles falavam: “não, você vai fazer sua compra quarta-feira do mês que vem!”. Você tinha que ficar, uns não ia nem trabalhar, porque não tinha o que comer. Chegava aquele dia de quarta-feira, tinha dia que era 2, 3 horas da manhã, você tava no armazém ainda do jeito que você veio do serviço, pra você fazer a compra, andava a cidade inteira de caminhão de fueiro com a compra dentro que ia levar pra casa, pra você dormir, fazer a janta, pra dormir, pra no outro dia você trabalhar de novo, 4 horas da manhã você estar lá de novo, então era escravidão! Ele (o trabalhador) não mandava na vida dele, até pra ele comer, ele comia o que o patrão queria, assim: ‘olha o que você tem pra levar pra casa é isso aqui’. É diferente de você ir no supermercado e comprar o que você quer, você tinha que levar o que tava ali.

Chegava fim de safra, que eles acertava com as pessoas, eles não te dava dinheiro, te dava era boró!⁹ Você não via dinheiro, você só via dinheiro lá quando você era mandado embora, que você ia acertar conta! Você só via papel... Era um papel que você tinha que comprar deles. Então não era... era escravidão! Você trabalhava, mas como diz o caso, o seu compromisso era com eles, você não podia, você não era uma pessoa livre, uma pessoa... Politicamente, você tinha que votar nos candidatos deles, quando você não votava, você era demitido. Então era escravidão, curral! Trabalhava de 6 às 6... era uma verdadeira... ninguém tinha nada.

Você tinha hora, como diz o caso, você tinha hora de ir, mas de voltar, você não tinha... o último caminhão era 5:30, se você perdesse o último... e o último não passava nos ponto tudo, você perdia o último acabou, você perdia o dia, você perdia dois dia e conforme o dia, você perdia mais, porque eles te dava balão! Aí você ia perdendo tudo, perdia vários direito que se você tivesse falta não justificada, você perdia, então era uma tristeza! Até o domingo que é descanso, eles convocava pra trabalhar e se você não fosse, ganhava balão. Aí na segunda, você não foi domingo, na segunda-feira você chegava lá pra trabalhar, eles te mandava voltar pra trás: ‘você vai ficar três dia de balão, porque você não veio ontem’.

5.1.3 Migração

Tem um pedacinho pequenininho da época que eu morei na usina de Areado, perto de Alfenas, é uma cidade. Na época, eles buscava as pessoa aqui no município pra ir pra essa usina lá, é igual o daqui vai fora, vem com aquela proposta, você pensa: ‘Nossa Senhora, isso é uma maravilha!’. Aí chega lá é um ‘Deus nos acuda’, e quando eu fui pra lá, tava esperando a Eliana, minha menina, a segunda das mulheres, tava nos dia de ganhar ela, a gente foi pra lá. No dia que o médico fez a marca pra mim ganhar ela aqui, porque eu tinha filho, mas eu não sabia quando que eu ia ganhar, arranjava sem saber, porque eu não tinha menstruação, eu tive depois que eu liguei a última (filha), depois que eu ganhei a última. Aí no dia que o médico fez a marca pra mim, que eu ia ganhar ela naquele mês, a gente saiu pra... pau-de-arara... nós mudamo, a gente foi de Kombi na época. Eu tinha só dois, ia ganhar essa que ia inteirar três. E... nós ficamos lá dois meses só... aí chegou lá, nada que eles tinha combinado, eles cumpriram... eles combinou casa, as pessoas tinha, era tipo uma cesta, mas era um vale, que você ia no armazém da própria usina e pegava os trem. Tinha o vale da cesta, o vale do café pras criança, casa pra morar, né, e o tipo de serviço, só que chegou lá e não era aquilo. Lá era só morro, só pirambeira, sabe, aqueles morro mais horroroso do mundo, precisava de ver que tristeza! E a usina lá, ela fica dentro de, tipo uma reserva muito grande sabe, tudo quanto é

⁹ O termo “boró” é utilizado na produção da cana-de-açúcar em diferentes situações, conforme nos esclarece Dimas: “O boró era a cana que (depois de cortada) ficava pra trás, na hora que tava fazendo a carregagem. A gente chamava de motocana, a carregadeira, ela ia empurrando a cana, empurrando, empurrando, tinha dois garfos, aí a hora que enchia aquele garfo, fechava a boca daquilo, aí levantava a cana e punha no caminhão ou nas carreta, e aí, quando saía lá na frente, ficava algumas cana que caía do lado, que sobrava do lado, a hora que tava empurrando e essa cana é que eles chamavam de boró [...] o boró também, eles chamava de boró, naquele lugar que tinha a cana pra colher e ela tava muito despontada, cana fraca, que já tava precisando de reformar aquele setor, que durante o período vegetativo dela, ela enfrentou muito mato, pouca chuva, tendo dificuldade de crescimento, crescia pouco, aí na época da colheita ela tava aquelas cana miúda e baixa [...] Aí, o trabalhador quando ia cortar nessas quadra, eles não gostava não, porque o trem não rendia quase nada. Trabalhava, trabalhava, trabalhava e no fim do dia, no fim do mês, vinha menos recurso financeiro, aí falava: ‘ah, não, esse mês, essa semana, eu trabalhei muito boró, tinha muito boró no setor, então, aí, ó, não rendeu direito’”. Além desse uso na atividade de trabalho, o termo boró é utilizado também para se referir à moeda que circulava na produção da cana. Nesta situação, o boró tratava-se da forma de pagamento dos trabalhadores que, inicialmente, era em formato de moeda própria e, mais tarde, já nos anos 70, era um vale que só poderia ser utilizado no armazém da empresa. Este é o sentido empregado no relato de D. Alzira, que também é designado no Dicionário Aurélio: 1. Ficha; 2. Moeda divisionária emitida por municipalidades ou por particularidades.

bicho feroz que você pensar, tem. Cobra de asa, aquelas cobra venenosa que voa, as casa lá era casa de telha, mas era tudo fechada por causa das cobra. Sabe onde que elas batia o bico, as cobra, a árvore secava, esqueci como é que chama a cobra... sei que ninguém que foi daqui gostou de lá não, todo mundo caiu de cima do chefe lá da usina pra poder voltar o povo pra trás, porque tinha que dar condução pro povo voltar; aí com dois meses, a gente voltou, voltou pra trás.

Aí quem trabalhava era meu marido. Era meu marido que trabalhava. Ele, portanto, ele não trabalhou nem na cana, porque ele trabalhava ao redor, dentro das colônia, aí tinha a vila lá, não sei se hoje ainda tem, as vila na zona rural, aí tinha as vila, sabe, as casa onde o povo morava e ele ficou trabalhando na casa do chefe daquela seção, cada seção tinha as fazenda; por causa do jeito que eu tava, né, todo dia médico da empresa, por exemplo, médico vinha da cidade vizinha e ia no consultório da empresa, eles tinha que me buscar pra levar, eu virei, eu virei sei lá o quê lá do povo! Risos... no dia que o médico de lá, como diz o caso, ‘agora tal dia a senhora vai ganhar’, eu fui 3 vezes pra ganhar menino e não ganhava! Eu via os sofrimento das mulher lá, minha dor desaparecia todinha! Eu vinha embora, aí me buscava, no dia que o médico, o último médico que teve lá, que me olhou, falou: ‘não, tal dia, e eu vou ta aqui e a gente vai buscar a senhora e eu tenho certeza, desse dia não passa!’. A gente saiu de lá, pra cá, no dia que chegou eu ganhei a menina sozinha! Aqui. Sozinha! Aí nós chegamo aqui, né, a mudança chegou na frente, os trem, o caminhão com os trem e... não! eu to mentindo, nós chegamo primeiro, a Kombi com as mulher e os menino! E os homem veio no caminhão com a mudança, eu cheguei, eu lavei casa, porque eu tinha casa aqui, eu lavei casa, varri terreiro, arrumei tudo! Esperando os trem chegar, né, assim que o caminhão chegou com a minha mudança, que ele chegou primeiro despejou as mudança que tava por cima na cidade e a minha foi a última, quando eles chegou lá em casa e começou a descer os trem, aí eu passei mal. Ganhei ela no colchão no chão! Risos... nem prazo de arrumar a cama não deu! Enquanto ele foi buscar o carro pra me levar no hospital, eu ganhei a menina. A minha vizinha, uma dona velha que tinha lá, ela, como diz o caso, sabia, atendeu muita mulher em parto, né, ela que cortou o umbigo da menina. 5 kg e 40 g que eu ganhei a menina, eu ganhei ela sozinha... eu falei: ‘fui em tanto médico! Aqui, lá, todo dia um médico e ganhei a menina sozinha! Mas teve um dia lá que a gente teve lá, teve uma mulher que foi, ela abortou, ai que sofrimento! E lá era tudo assim junto, sabe, então você tava aqui, você tava vendo o sofrimento das outras mulher lá. Eu falei: ‘eu, ganhar menino aqui? Vou ganhar sozinha! Quem vai fazer meu parto vai ser Nossa Senhora da Aparecida, vou ganhar menino aqui de jeito nenhum!’. E acabou que eu ganhei sozinha mesmo! Risos... foi duas dor só, ganhei menino!

Ô sofrimento, Deus me livre! Lá era triste, viu... você não podia sair a porta pra fora assim, ó. Lá da vila. Você saía da porta pra fora, você achava ossada de bicho do mato que as onça comia! Ir pra um lugar desse, como é que você vai trabalhar num lugar desse? Você ta doido! Porque lá trabalhava era a turma, né, não podia trabalhar gente isolado, porque senão, os bicho, como diz o caso, atacava! Falei: ‘eu? Morar num lugar desse? Você ta é doido!’. Aí danaram todo mundo e veio embora! O chefe falava: ‘gente...’; nós era três mulher que foi pra lá, grávida, só que a que tava mais, como diz o caso, pra ganhar era eu, as outras ainda demorava. ‘espera essas mulher d’ocês desocupar, vocês não tão passando fome, o que que ta faltando pr’ocês? Aí depois a gente libera vocês, vocês vai embora’; ‘nós quer ir é hoje’. Foi pro escritório e teve que liberar pra gente vir embora. Falei: ‘nunca mais eu saio da minha terra!’. Primeira vez que fui acompanhar homem, dei cabeçada! É, uai. Porque, por exemplo, se falar assim: ‘quer ir?’ e você falar que não vai, fala que a gente ta criando caso, então vamo! Falei: ‘não tem lugar nenhum que ninguém vai ficar rico não! você vai comer e beber

em qualquer lugar que você tiver!. Vai sair da sua terra achando que vai fazer a vida e ficar rico? Bobagem!’. De vez em quando aparece açúcar de lá, eu falo: ‘a usina famosa!’. Risos... eu sei que minha história tem várias parcela... nossa! Dessa menina eu fiquei ruim demais! Assim, sabe, foi uma gravidez muito dolorosa, inchei demais, porque sempre as pessoa incha, mas mais pro fim, né, eu não, eu inchei numa época que eu vou te contar, as perna virou isso, onde que eu ficava um minutinho de prazo, a água ficava no chão! Nosso Deus, vai sofrer! E sentia dor, parece que ia ganhar menino toda hora! Não é fácil não...

5.2 COTIDIANO E OPRESSÃO PSICOSSOCIAL: UMA CONDIÇÃO RURAL

Experiência vivida e contada em primeira pessoa, o relato de D. Alzira remete-nos a uma reflexão sobre a condição do trabalhador – condição que, imposta na atividade de trabalho, não se limita a ela, mas perpassa toda cotidianidade do trabalhador, ocupando seu dia-a-dia, seu modo de viver.

Por isso, trataremos, em seguida, da opressão psicossocial e de sua intrincada relação com o trabalho configurado no modo capitalista de produção. Trataremos, especialmente, do trabalho rural na produção da cana-de-açúcar, de suas próprias especificidades e de suas consequências na vida do trabalhador.

Sabemos que as causas da opressão estão nas condições objetivas da organização social e que ela se estabelece como uma necessidade para que o sistema produtivo do capital mantenha-se vivo. Como esclarece Weil (1979), foi Marx quem descreveu, em seus estudos, o surgimento do mecanismo da opressão no modo capitalista de produção. Tal mecanismo é realizado, primariamente, através da extorsão da mais-valia¹⁰ e, conforme afirma a autora, Marx foi capaz de perceber que “a verdadeira razão da exploração dos trabalhadores não é o desejo que os capitalistas teriam, de gozar e de consumir, mas a necessidade de aumentar a empresa o mais depressa possível para que ela se torne mais poderosa do que as concorrentes” (p. 238).

Entretanto, originado e estabelecido objetivamente por uma necessidade econômica do modo capitalista de produção, o mecanismo da opressão não se limita a ela, pois, se assim o fosse, tal fenômeno não existiria em outros modos de organização social. Outro fator é apontado por Weil (1979) como fundamental na organização de uma sociedade opressiva: o poder como

¹⁰ A mais-valia caracteriza-se como uma categoria central de análise do modo de produção capitalista, já que se configura como a base sobre a qual se ergue o lucro. Sendo assim, a mais-valia é um eixo estruturador na sociabilidade do capital, preponderante na articulação e no ordenamento deste modo de produção. (Fortes, 2008)

meio mantenedor dos privilégios de um grupo, por um lado, e, por outro lado, da obediência e submissão de outro grupo em relação ao primeiro. De modo semelhante, István Mészáros¹¹ (2002) considera que o problema social está nas relações hierárquicas, pontuando que

capital e capitalismo são fenômenos distintos e a identificação conceitual entre ambos fez com que todas as experiências revolucionárias vivenciadas no século passado, desde a Revolução Russa até as tentativas mais recentes de constituição societal socialista, se mostrassem incapacitadas para superar o ‘sistema de sociometabolismo do capital’, isto é, o complexo caracterizado pela divisão hierárquica do trabalho, que subordina suas funções vitais ao capital. Este, o capital, antecede ao capitalismo e é a ele também posterior. O capitalismo é uma das formas possíveis de realização do capital, uma de suas variantes históricas. (pp. 15 e 16)

Assim, compreendemos que a necessidade da extorsão pela mais-valia é a origem da opressão no modo capitalista de produção. A partir deste fato econômico, criam-se as péssimas condições de trabalho, como forma de otimizar os lucros e a performance da empresa no mercado correspondido. Percebemos que, operando inicialmente como necessidade econômica, a mais-valia concretiza-se em uma relação social hierarquicamente imposta, cujo cerne é o poder – base fundamental da opressão.

Concretizada nas relações sociais, a opressão é qualitativamente diferente da estrita condição econômica colocada. Dizemos que se trata de uma opressão psicossocial, pois significa experiências subjetivas em relação ao trabalho e à vida como um todo. Com este termo, cuidamos de pensar as repercussões do mundo social sobre a subjetividade e de perceber os processos psicológicos decorrentes dessa condição.

Obviamente, a relação entre o psíquico e o social não é compreendida, aqui, como mecânica e linear, mas como uma complexa e imbricada ligação “entre ‘o’ social –que apresenta dimensões emocionais, subjetivas, afetivas e inconscientes – e ‘o’ psiquismo – enquanto modelado pela cultura, pela língua, pelo simbólico e pela sociedade”. (Gaulejac, 2001, p. 37)

Dizer que o mundo social modela o ser e que a relação econômica estabelecida no trabalho reverbera e produz experiências subjetivas e psicológicas é compreender o sujeito inserido em

¹¹ Filósofo graduado na Universidade Budapeste, que trabalhou com Georg Lukács no Instituto de Estética e possui uma extensa produção bibliográfica. Uma de suas obras mais importantes é ‘Para além do capital: rumo a uma teoria da transição’. Ricardo Antunes, em sua apresentação à edição brasileira afirma que o livro consiste em “uma atualização de O capital de Marx. É uma reflexão sobre o capital em suas formas, engrenagens e mecanismos de funcionamento sociometabólico. O autor traz reflexões instigantes, provocativas e densas sobre a sociabilidade contemporânea”.

uma objetividade, com todos os seus anseios e particularidades. Nesse sentido, Gaulejac (2001) alerta-nos, ainda, que, aquilo que se inscreve em uma relação social, pode fazer eco às dimensões subjetivas e cada indivíduo reage ao seu modo, em função de seus próprios componentes psíquicos.

Assim, Weil (1979), em seus diários sobre sua experiência como operária de fábrica nos anos 1930, revela o alcance psicossocial da opressão vivida no trabalho:

Me levantava com angústia, ia para a fábrica com medo; trabalhava como uma escrava; a pausa do meio dia era uma aflição; voltava às 5:45, preocupada em dormir logo e o bastante (o que não acontecia) e em levantar-me bem cedo. O tempo era um peso intolerável. O receio – o medo – do que ia se seguir, não parava de apertar o coração até chegar o sábado de tarde e o domingo de manhã. E o motivo do medo eram as ordens¹² (p. 88).

Na produção da cana-de-açúcar, uma condição semelhante nos é apresentada por D. Alzira, quando trata do trabalho como uma escravidão e descreve a realidade dos canaviais. Neste contexto, o termo escravidão aparece, sim, como uma forma de caracterizar as condições de trabalho, mas refere-se, sobretudo, a uma relação de trabalho extremamente hierarquizada, em que o trabalhador rural, reduzido em suas escolhas profissionais, acaba por submeter-se à condição imposta, o que remete a cumprir ordens, assim como descreve Weil.

As relações de poder no sistema produtivo do capital são traduzidas, portanto, nas condições e na organização do trabalho. Diante desta compreensão, identificamos, na produção da cana-de-açúcar, os motivos da violação dos direitos e do desrespeito operado por meio das ordens e da recusa por parte da direção da empresa em estabelecer um diálogo com o trabalhador¹³. Dimas, em seu relato, é quem nos conta um pouco sobre a relação do trabalhador rural com o seu chefe:

¹² O medo é uma dimensão psicossocial que também é comum no trabalho rural da produção da cana-de-açúcar. Isso ficou claro quando, como pesquisadoras, procuramos trabalhadores que não se envolveram na luta sindical. Inibidos pelo poder da empresa, tais trabalhadores recusaram a proposta e, ainda que garantissemos o sigilo, revelaram ter medo de relatar sobre suas condições de vida e de trabalho.

¹³ Como veremos no capítulo “Engajamento político e transformação nos canaviais”, é justamente contra este desrespeito que o sindicato dos trabalhadores rurais de Lagoa da Prata organiza a sua luta, trabalhando no cumprimento dos direitos sociais e do direito de negociação entre trabalhadores e chefes da indústria.

O chefe, ele chegava e falava: ‘olha, hoje, tem os talhões tais e tais, tem que ir pra tal lugar’. Aí a gente começava, pegava as coisas, na condução tinha que levar a água, tinha que levar os venenos, ia um caminhão pipa, tanque, e tinha que levar nossas coisas e os outros companheiros ia no trator, aí chegava naquele determinado lugar, fazia a determinada, o que a gente chamava de quadra, fazia as quadras tais e tais, aí antes da gente terminar, ele já ia e falava: ‘olha, tem mais o lugar tal e tal’, às vezes até longe e precisa fazer... então, isso aí, era uma forma de pressionar pro serviço ta rendendo e ta saindo. E, nas condições que a gente tinha, não tinha muito jeito de fazer o serviço sair, porque a aplicação, ela tem que obedecer uma velocidade do trator, obedece uma aceleração normal, e obedece também a necessidade, a troca de água no caminhão, porque a gente tinha um caminhão, ia ele cheio, acabava aquela água, tinha que voltar em algum lugar, num posto pra pegar mais água, então não era sempre que tinha à disposição pra fazer o serviço continuamente. Mas mesmo assim, ele ficava pressionando: ‘ó, mas ainda não acabou ainda aqui, o que que foi?’, ele era bravo de energia ali, ele era enérgico, ‘ ah, não acabou ainda, o que que foi? E tem lugar tal e tal que ta passando da hora!’[...] Então, eu tinha essas dificuldade que faz parte do serviço, porque são grupos de pessoas, uns mandando, outros obedecendo, um executando as funções, outro também executando uma outra função, numa outra esfera, no caso dele, como encarregado fazia o máximo de empenho do lado de lá pro serviço render do lado de cá que era a nossa posição.

Certas de que o trabalho é o centro da vida humana e, portanto, da sociedade, as condições nele impostas habitam o cotidiano vivido, dando conteúdo às experiências subjetivas. Weil (1979) lembra que, colocado em uma situação de opressão, o ser humano não sofre, somente. Para a autora, “o fato capital não é o sofrimento, mas a humilhação” (p. 89). E, humilhado, o homem é submisso e, sendo assim, há o perigo de impotentemente aceitar a sua dramática condição.

Não seria diferente com os trabalhadores rurais envolvidos no processo produtivo da cana-de-açúcar. Trabalho que por si só já é “cansativo e porco”, vimos no cotidiano vivido por D. Alzira que a dificuldade enfrentada na realidade dos canaviais vai além de uma atividade sacrificante – trata-se de um trabalho negligenciado em seus direitos básicos. Sem proteção social e submetido a uma relação hierárquica em que não há nem o poder da palavra, o trabalhador rural da cana está sujeito a uma realidade opressiva que determina toda a sua cotidianidade vivida.

Percebemos que, estando o ser humano vulnerável e desprotegido socialmente em seu trabalho, assim será também em sua vida cotidiana. É o que vimos no capítulo anterior em relação às dificuldades enfrentadas por D. Alzira e seu marido diante do acidente que sofreu no trabalho – passaram-se quatro anos entre erros e negligências médicas até que se elaborou o diagnóstico corretamente e se pôde, enfim, amenizar o seu problema.

Outro problema semelhante nos é apresentado por D. Alzira que, ao relatar sobre as situações em que o caminhão estragava, demonstra como o trabalhador rural, sem condições de voltar para casa, ficava submetido às decisões da empresa e acabava por não ter o tempo necessário

para o descanso. Dimas, em um de seus relatos, expressa bem como o trabalho rural na cana pode ocupar toda a vida cotidiana do trabalhador, ainda que não haja imprevistos:

A maioria do corte de cana, do plantio, a maioria tinha que esquentar o almoço, porque quando levava cedo, a maioria levava cedo, mas até chegar a hora do almoço mesmo, aí já estava ficando frio, não tava mais com o gás, com o calor de ter arrumado cedo, então a maioria do pessoal dava uma esquentada. Aí pra fazer essa comida e chegar com ela cedo, morninha, quentinha tinha que levantar bem de madrugada, aí sobrava pras mulheres. As mulheres tinham que levantar bem de madrugada pra fazer os almoços e ajudava também os companheiros, os filhos no preparo da roupa, tinha que fazer um esforço danado, lavar roupa, às vezes, a casa tinha três que trabalhavam, quatro ou dois e a coitada da mulher acabava tendo a jornada mais dificultada, mais apertada e a gente ouvia bastante que ela tava bem cansada, porque... de tanto trabalho e... arrumar roupa, fazer o comê de madrugada, levantar de madrugada e às vezes ainda a jornada era interrompida ou parava pra descanso mais no domingo e dia de sábado também trabalhava, às vezes, no sábado não trabalhava o dia inteiro, não era todo sábado que ia o dia inteiro, mas normalmente até a hora do almoço, isso aí já era mais comum. Agora, quem trabalhava no corte de cana, na safra mesmo, às vezes tinha o sábado quase que comum, igual os outros dias da semana, às vezes domingo também, quando eles chamavam pra ir, falava assim: “ó, ta precisando de cana cortada, podemos falhar não, vamos lá!”. Aí, o pessoal lá ia domingo também, a jornada ficava mais extensa e mais cansativa ainda. Agora, quando às vezes tinha uma folga de corte de cana durante a semana, e aí no sábado e no domingo tinha mais cana cortada, sem ser transportada ainda, aí às vezes até dava folga pro pessoal do corte num domingo, ou mesmo na parte da tarde de sábado, alguma coisa assim.

Neste estudo, entendemos que “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro” (Heller, 2008, p.31) e que é, ainda, a vida de todo homem. Significa que, subjetivamente, o homem está inteiramente colocado em sua cotidianidade; nela o homem expressa todo o seu ser, com as dificuldades e habilidades que lhe são particulares. Significa também que não há homem que viva fora do cotidiano e não esteja estritamente ligado a ele, pois, segundo Heller (2008),

o homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo *adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade* (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. (p.33). Grifos da autora.

Podemos compreender desta afirmação que na cotidianidade o homem aprende a ser homem, torna-se homem. Na vida cotidiana, o homem aprende as regras sociais e, ao mesmo tempo que delas se apropria, manifesta o seu ser, sua individualidade. É pertencendo a uma dada sociedade, com suas heterogeneidades e classes sociais, que o homem forma a si mesmo, tornando-se *único e irreduzível*. Sendo assim, é na própria dinâmica da vida cotidiana que o ser humano manifesta suas necessidades particulares, nos termos de Heller, as necessidades do “Eu”.

Na realidade opressiva imposta pela produção da cana, as necessidades do “Eu” são manifestas como forma de driblar as precárias condições de trabalho e de vida. A essas necessidades do “Eu”, denominamos ‘soluções cotidianas’ que, praticadas pelos

trabalhadores, têm a finalidade de contornar os direitos violados e a dura realidade da vida rural na cana. Assim, percebemos a escolha de D. Alzira e sua família pela migração orientada pela promessa de uma vida sem opressão. Como sabemos, a promessa não se concretizou e D. Alzira é quem conclui: “não tem lugar nenhum que ninguém vai ficar rico não! Você vai comer e beber em qualquer lugar que você tiver! Vai sair da sua terra achando que vai fazer a vida e ficar rico? Bobagem!”.

As tentativas de mudança de vida através da migração são historicamente comuns entre os moradores de áreas rurais. Silva (1999), em seus estudos, demonstra que as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pela expropriação de terras de pequenos produtores em função da modernização do campo. Tal expropriação foi realizada amplamente pelo Estado sob a proteção e o respaldo legal, induzindo a densa migração dessa população para as áreas urbanizadas e caracterizadas pela produção agroindustrial da cana. Nesse sentido, a produção rural da cana é repleta de homens e mulheres vindos de outra terra, errantes (Silva, 1999), que apostam nesse trabalho a possibilidade de construção de uma nova vida.

Entretanto, não há fuga na realidade rural da cana-de-açúcar. Pelo menos não no caminho das necessidades do “Eu” orientado pelas soluções cotidianas. É o que percebemos no relato de Dimas a respeito das medidas tomadas pelos trabalhadores por receberem em forma de boró:

Tinha uma chamada macaca. Macaca era... o trabalhador comprava alguma coisa no armazém da empresa, mas o que ele comprava era o material, o produto pra levar pra casa. Ele não tinha dinheiro; pra ele ter dinheiro, ele vendia esse produto para um terceiro e aí nessa venda, ele acabava tendo um, um déficit naquilo que era o valor que ele tinha dado. E aí essa redução de valor pegava 10%, 20%. O trabalhador acabava sendo penalizado por isso aí; não tinha dinheiro na época, na hora, aí comprava dos outros e depois revendia com esse déficit e aí que ele tinha dinheiro. Aqui na cidade já teve muita gente que acabou controlando a situação financeira com esse trabalho de negócio com os trabalhador da empresa.

Na produção da cana, todas as soluções orientadas pelas necessidades do “Eu” são superficiais e não combatem a origem do problema. Enquanto o trabalhador tenta adquirir o dinheiro por meio da *macaca*, a empresa não muda sua postura e continua usurpando os direitos dos trabalhadores. Desse modo, as relações de subordinação e de opressão permanecem intactas, sustentadas pelas más condições de trabalho e pela forte relação hierárquica.

Apresentamos esta condição de opressão como uma condição rural, já que no processo produtivo da cana-de-açúcar, havia uma clara distinção hierárquica: “pra comprar no armazém, primeiro ia o pessoal da diretoria, depois, os trabalhadores da indústria e só então que todo mundo tinha comprado, era que o trabalhador rural podia fazer a sua compra do mês”. (D. Alzira)

Diante de tal análise, constatamos que a realidade do trabalho rural na cana revela uma face não explicitada na história oficial da produção da cana-de-açúcar. Diante da condição vivida cotidianamente por trabalhadores rurais, questionamos a versão oficial dessa história amplamente proclamada pelo governo, pois, nesta versão, a produção da cana-de-açúcar configura-se como uma promessa, um setor fundamental para a promoção do desenvolvimento do País.

Nesse sentido, verificamos, em nossos estudos, que, no Encontro Nacional dos produtores de Açúcar realizado em 1977, representantes do governo, empresários do setor e alguns cientistas brasileiros e estrangeiros reuniram-se com o objetivo de discutir problemas como: A) perspectiva do álcool no mercado internacional; B) relação entre o aumento da produtividade e a redução de custos; C) uso dos recursos naturais e ecológicos e D) possibilidade do álcool ser o substituto hegemônico do petróleo. (Associação, 1977)

Como podemos notar, o encontro não contemplava a participação dos trabalhadores e os principais temas abordados eram debatidos unicamente nas perspectivas do governo e dos empresários. Ambos convergiam em suas ideias e propostas com o objetivo de fortalecer o Programa Nacional do Álcool (Proálcool), que, criado em 14 de novembro de 1975 pelo decreto nº 76.593, estimula a produção do álcool, através do aumento da produção agrícola e da ampliação e implantação de usinas, visando atender os mercados interno e externo.

No mencionado encontro dos produtores de açúcar, uma atenção particular foi dirigida ao recurso da exportação como fonte de crescimento e desenvolvimento para o País. Em conferência orientada pelo tema “Mercado externo – uma estratégia de desenvolvimento brasileiro”, o economista Eduardo Pereira de Carvalho proferiu da seguinte maneira:

[...] somos uma nação pobre e devemos ter a coragem de dizer e em reconhecendo que somos uma nação pobre, desejarmos e tentarmos ser uma nação rica [...] Ora, isso me faz dizer que todo o enfoque do raciocínio que vou apresentar hoje está calcado em minha visão de que, sem rápido desenvolvimento econômico, como base de um desenvolvimento mais completo, social e político, nada pode ser feito [...] Um aspecto essencial é um processo de abertura do comércio externo, a ampliação das relações econômicas com o mundo externo que obrigam o sistema econômico a um aumento de eficácia. (pp. 120 e 124)

Segundo o economista, a exportação é uma necessidade econômica e uma mola propulsora do enriquecimento, na medida em que seus lucros atendem à demanda interna de importação e possibilita a acumulação de capital, em poupança.

Exposta no contexto do encontro, a palestra do economista fortalece a necessidade da exportação do álcool para o amplo desenvolvimento do Brasil, que sairia de uma situação marcada pela pobreza e se tornaria, enfim, “uma nação rica”. A lógica da produção de bens para a exportação visando ao enriquecimento do País incentivou ainda mais a expansão das plantações de cana, o que, de fato, já vinha ocorrendo desde 1975, através da implantação do Proálcool.

Vale lembrar que, até este momento, o produto principal derivado da cana era o açúcar e que o álcool era considerado um produto secundário e, por isso, menos importante no contexto econômico. Essa situação se reconfigurou justamente nos anos 1970, quando, da crise mundial do petróleo, o Brasil vislumbrou a oportunidade de se estabelecer competitivamente no mercado mundial.

O planejamento do Governo Federal para a agricultura canavieira, neste período, foi estudado por Szmrecsányi (1979) que esclarece sobre as expectativas do Estado e das empresas em relação ao Proálcool: “abrir extraordinárias perspectivas de expansão para a agroindústria canavieira, gerar novas alternativas para o cultivo de produtos agrícolas e *criar novas possibilidades de desenvolvimento para regiões vazias ou deprimidas*”. (p. 437). Grifos nossos.

Em seguida, o autor apresenta os objetivos almejados pelo programa. Dentre eles, destacamos:

Reduzir as disparidades regionais de renda, visto que praticamente todas as áreas do país, inclusive as de baixa renda, dispõem das condições mínimas necessárias para a produção de matérias-primas para o álcool em volume adequado; reduzir as disparidades individuais de renda, através do apoio ao setor agrícola e, dentro deste, a produtos altamente intensivos quanto ao uso de mão-de-obra e aumentar a renda interna, pelo emprego de fatores de produção ora ociosos, ou em desemprego disfarçado (terra e mão-de-obra) principalmente considerando que se pode orientar a localização das culturas para onde haja disponibilidade. (p. 437)

A expansão da agroindústria da cana exercia uma dupla função: fortalecimento do País no mercado internacional e desenvolvimento do mercado interno. Tudo isso, porque ambos são aspectos complementares e conduzem a uma única direção: o enriquecimento do País. (Associação, 1977)

Portanto, para se estabelecer no mercado das exportações, a agroindústria da cana procurou se instalar em diferentes regiões do País, especialmente em terras vazias e improdutivas, gerando o emprego de mão-de-obra ociosa e renda para a população, o que minimiza as desigualdades econômicas regionais e individuais.

Por esse motivo, em seu prefácio ao livro do encontro dos produtores de açúcar, Antônio Delfim Netto reconhece que o “‘plano do álcool’ talvez seja um dos projetos mais inteligentes concebidos no país nos últimos anos, pelos reflexos que deverá produzir sobre o setor agrícola, sobre o setor químico, sobre o nível de empregos e sobre o balanço de pagamentos”. (s.n.). E, referindo-se aos economistas mais descrentes e preocupados com a progressiva dívida externa, afirma:

[...] os banqueiros internacionais e os industriais dos países desenvolvidos sabem que nossas contas externas são *perfeitamente manejáveis*, que são distribuídas no tempo e que *serão ajustadas*, como *sempre foram no passado*, com um aumento das exportações brasileiras, vale dizer, *com nosso próprio trabalho* [...] O pessimismo [...] não passa de lamento mal ensaiado de cérebros que ao contrário do vaso de Pandora, podemos abrir à vontade, porque não contém nada, a não ser, talvez, um pouco de gás butano, que infelizmente não pode sequer ser utilizado como combustível... (s.n.). Grifos do autor.

Ora, se pudermos afirmar que houve trabalho para a conquista do desenvolvimento do país, arriscamos dizer que é na produção rural da cana-de-açúcar que ele se fez mais presente. Dizemos de um trabalho realizado em condições precárias, cujos direitos são violados; um trabalho marcado pela opressão e que, como vimos, não emprega humanamente a dita “mão-de-obra ociosa”.

Apenas estudando a vida concreta dos trabalhadores rurais envolvidos na produção da cana-de-açúcar é que percebemos que os resultados dos esforços voltados para a exportação não são complementados pelo desenvolvimento econômico interno e, menos ainda, pelo desenvolvimento político e social.

As medidas de implantação de novas usinas e ampliação daquelas já existentes não promoveram o enriquecimento equânime do País e as desigualdades regionais e individuais não foram amenizadas, mas, sim, radicalmente intensificadas.

Nessa análise, não adotamos a postura de que o desenvolvimento econômico seja, necessariamente, oposto ao desenvolvimento político e social. Mas identificamos, nesta postura econômica, a expressão de uma contradição - se por um lado há a produção do enriquecimento e da acumulação de capital, por outro, testemunhamos a vida concreta marcada pela pobreza e pela opressão.

Desse modo, compreendemos que, nessa busca pelo desenvolvimento econômico, “o homem deixa de ser o destinatário direto do desenvolvimento, arrancado do centro da história para dar lugar à coisa, ao capital, o novo destinatário fundamental da vida”. (Martins, 2003, p. 20)

Sendo o capital considerado o fundamento da vida, erguem-se, sobre ele, as ações governamentais e, conseqüentemente, a construção de sua história. História que não corresponde à única verdade inquestionável do processo produtivo da cana-de-açúcar. Basta olharmos para a vida concreta dos trabalhadores rurais.

Nesse sentido, a nossa pesquisa reforça os estudos de Silva (1999) sobre homens e mulheres envolvidos no trabalho rural da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto, São Paulo. A autora retrata a “saga” de trabalhadores rurais, que, vulneráveis “[...] às mais duras condições de trabalho, são negados e discriminados e produzem, ao mesmo tempo, as bases materiais da enorme riqueza da região [...] trabalhadores nus, desprovidos de condições objetivas prévias e negados enquanto trabalhadores possuidores de direitos.” (pp. 16 e 18)

A negação dos direitos se expressa, também, por meio da vulnerabilidade aos riscos da atividade que afetam dramaticamente a vida desses trabalhadores. Um desses riscos é o uso dos agrotóxicos, extremamente prejudicial à saúde do trabalhador.

Ressaltamos, ainda, que essa prática comumente operada no setor agroindustrial não agride apenas o trabalhador diretamente relacionado à produção da cana, mas todo o meio ambiente - compreendido amplamente como os seres vivos e recursos naturais necessários à manutenção da vida – que também é sensível à alta toxicidade desses produtos.

No entanto, a história oficial e os discursos governamentais na atualidade atribuem à produção da cana o *status* de fonte de energia limpa e renovável. Sendo assim, no capítulo seguinte apresentaremos o estudo dos desgastes humanos e ambientais provocados pelo abuso dos agrotóxicos e a necessidade urgente de se pensar este processo produtivo como uma violência ao meio ambiente.

*Viver para contar é viver contando, em todo
lugar, que o belo lago da encosta flui do monte
e desce como mensageiro anunciando a
realidade da vida.*

Dimas Ferreira.

6 OS DESGASTES DA CANA: SAÚDE DO TRABALHADOR E MEIO AMBIENTE

Apresentamos, no capítulo anterior, como a realidade do trabalhador rural envolvido no processo produtivo da cana é marcada pela violação de direitos e pelas péssimas condições de trabalho, mantidas por uma organização rigorosa. Vulnerável às determinações da empresa, o trabalhador sucumbe impotentemente à opressão e a experiencia cotidianamente.

Entretanto, nossas considerações sobre essa condição não termina nesta reflexão, pois, somados a ela e vividos como uma de suas formas de expressão, manifestam-se os desgastes dessa produção sobre a saúde do trabalhador e do meio ambiente, especialmente aqueles provocados pelo uso de agrotóxicos. À exposição e análise desses desgastes, dedicamos este capítulo.

Nesse sentido, a trajetória de vida de Dimas é particularmente importante para compreendermos o problema do uso do agrotóxico na produção da cana-de-açúcar e seus efeitos sobre a saúde do trabalhador. Como sabemos, a sua função no processo produtivo da cana envolvia a administração de adubos e agrotóxicos. Em relato, Dimas lembra que

[...] minha trajetória lá de serviço foi mais ou menos com essas duas coisas básicas: o adubo e depois os defensivos que são veneno. E aí, dentro desses defensivos, eu tive muita dificuldade. Eu acabei adquirindo intoxicação e com essas intoxicação, eu tive um prejuízo de vida danado. Porque a intoxicação, ela causa muita revolução no organismo da gente¹⁴.

Os efeitos dessa atividade em sua saúde foram devastadores; Dimas foi acometido por problemas como: baixa imunidade, queda de plaquetas no sangue, falta de apetite, sonolência, dores de cabeça e musculares, dermatose, entre outros. O adoecimento progressivo conduziu a uma internação no Hospital das Clínicas de Belo Horizonte e o consequente encaminhamento da aposentadoria, já que a única maneira de controlar os agravos provocados pela intoxicação era o afastamento imediato dos produtos nocivos.

Amplamente utilizados em praticamente toda produção agrícola, os agrotóxicos agem no processo produtivo eliminando fatores indesejáveis, como fungos, insetos e até mesmo plantas que possam vir a atrapalhar a produção. O uso dos agrotóxicos é, atualmente,

¹⁴ Relato recuperado do capítulo “Notas sobre a história”, onde apresentamos a trajetória de vida de Dimas.

considerado fundamental ao empreendimento agrícola, tornando a produção mais eficiente e menos susceptível à perda de produtos e de investimento financeiro. O maior uso dessas substâncias é na monocultura de grandes extensões, (Domingues, et. al., 2004), onde identificamos a produção da cana-de-açúcar.

Os sujeitos responsáveis pela aplicação do agrotóxico estão a ele expostos e os riscos à saúde dependem de fatores como: toxicidade do produto em humanos, condições e níveis de exposição. Os efeitos dessa exposição são caracterizados como agudo, em que a reação é imediata ao contato com a substância; subagudo, cuja sintomatologia é vaga e subjetiva e o aparecimento é lento; ou crônico, que se determina por uma exposição prolongada, com danos como paralisias e neoplasias. (Domingues, et. al., 2004)

De acordo com a sintomatologia apresentada por Dimas, percebemos que o contato com produtos tóxicos ao organismo resultou em uma seqüela do tipo subaguda e, se a sua exposição ao produto não tivesse sido interrompida, o quadro clínico poderia evoluir para uma intoxicação crônica, com consequências irreversíveis.

Outro fator de risco importante inerente ao manuseio dos agrotóxicos é a instalação do adoecimento mental. Embora grande parte dos estudos sobre a relação entre o uso do defensivo agrícola e os problemas psíquicos seja inconclusiva, e mesmo que o estabelecimento do nexos causal entre situação de trabalho e doença mental seja complexo, as evidências e as constantes demandas em instituições de saúde mental e do trabalhador têm alertado médicos e psicólogos. Nesse sentido, Araújo, Pinheiro & Greggio (2011) evidenciam que as intoxicações por agrotóxicos

[...] podem desencadear episódios semelhantes aos aspectos delirantes (ou outros) de um quadro esquizofrênico, mesmo quando nenhum traço clínico de psicose conste nos prontuários médicos desses sujeitos ou em seus próprios relatos, por ocasião dos atendimentos médico e psicológico. Com efeito, quando os produtos organofosforados atingem o sistema neuropsicológico, diversos sintomas aparecem, evidenciando que a estrutura psíquica do indivíduo foi gravemente afetada. Aqui aparecem condutas como tentativas de suicídio, abandono familiar, abandono do trabalho, além de outras, que refletem o estado de desalento ou de “sem-saída”, face a uma situação de vulnerabilidade estrutural, no plano psicossocial, geradora de intenso sofrimento. (p. 50)

Os autores ponderam ainda que, além do contato com agrotóxicos, é preciso atentar aos demais fatores que envolvem o trabalho e a vida do sujeito rural, tais como: a precária condição sócio-econômica, o excesso de atividades e os riscos de adoecimento e acidentes

que lhe são inerentes, a impossibilidade de controlar as forças da natureza, entre outros. Ou seja, o diagnóstico de adoecimento mental em um trabalhador do campo deve considerar os diferentes aspectos presentes no seu cotidiano, em que se configura um quadro de vulnerabilidade psicossocial marcado por problemas nas condições e na organização do trabalho¹⁵.

Os problemas relacionados à organização e condições de trabalho afetam, inclusive, o uso dos agrotóxicos, potencializando a exposição do trabalhador e prejudicando ainda mais sua saúde. O relato de Dimas evidencia sua experiência a este respeito:

[...] o tempo, quando ta de mais chuva, os mato cresce com uma velocidade espantosa, então pra atender uma demanda de uma usina de, na época tinha uns 18 mil hectares... assim, se fosse contar tudo, tudo, não passava nos 18 mil, mas uma boa parte precisava passar e tinha onde era capinado com ferramenta manual, enxada, outros lugar arrancava moita com enxadão, mas tinha outras parte, mais ou menos 1/3 desse terreno era passado o veneno, então tinha que correr bastante mesmo. Agora, esses, às vezes até mais de 1/3, porque 2/3 era mais ou menos de cana que se cortava durante o ano, agora quando era os tratos culturais, seja no plantio também, ou pra cana que foi plantada ou até no plantio, tinha que jogar também os produtos, então podia ser 1/3, mas às vezes até mais que 1/3, porque a gente acompanhava também esses setores de plantio, jogando os veneno, ou pra não nascer o mato, ou pra matar o mato que nascesse dentro da cana plantada. Então era muita terra que a gente precisava acudir e acompanhar pra não dar mato. Então no que a gente ta falando de andar depressa, mas os cuidados que a gente tinha que ter, esses cuidados preliminares, eu sempre tive, embora os equipamento, em princípio a empresa não fornecia também não, aí quando a gente começou a ter consciência, começou a perceber que o trem era perigoso, aí eu mesmo, da minha parte, comecei a comprar alguns equipamentos, uma mascarazinha, algumas luva e fazia esse cuidado de ta usando esses EPI¹⁶. Mas a dificuldade foi muito grande nesse tempo de ter que trabalhar com rapidez num produto perigoso desse tanto. Eu trabalhava domingo, dia santo, feriado, enrolava tudo! Às vezes, num domingo até não ia, mas era difícil não ir, normalmente ia até meio-dia, duas horas, pelo menos isso.

A exigência de um intenso ritmo produtivo, com o manuseio de um produto nocivo à saúde e ainda sem a devida proteção, configura um meio e uma série de normas no trabalho que não correspondem àqueles necessários à vida humana ou, nos termos de Canguilhem (2001), aos valores humanos.

Analisando os estudos de Friedmann sobre os problemas humanos do maquinismo industrial, Canguilhem (2001) ressalta que o mundo do trabalho moderno é repleto de ilusões – tecnicista e cientificista – cujas pretensões igualam o progresso social e humano aos progressos industriais e científicos, respectivamente.

¹⁵ Demonstramos no capítulo “Trabalho e Cotidiano na produção rural da cana-de-açúcar” como a configuração do trabalho pode gerar uma relação de opressão que se impõe e determina a vida cotidiana do trabalhador rural.

¹⁶ Equipamento de proteção individual (EPI).

Ora, as atitudes advindas dessas pretensões foram nefastas, especialmente se refletirmos sobre a condição do trabalhador operário de fábrica, regido pelo modelo de organização científica do trabalho elaborado por Taylor, no princípio do século XX.

De sorte que as consequências da racionalização do processo produtivo implantada por Taylor no interior das fábricas são amplamente conhecidas, salientamos apenas que tal modo de produção não se privou de se estabelecer em diferentes setores produtivos da sociedade, determinando, inclusive, os processos e etapas envolvidos na produção rural da cana-de-açúcar.

Prova disso, é o depoimento de Dimas que nos alerta para aspectos como o ritmo e a intensidade de sua atividade, exercida de forma a expor inadequadamente sua saúde e segurança. As normas impostas para a sua produção envolviam a rapidez e a apresentação de resultados de acordo com as determinações da empresa e com a velocidade das máquinas.

Em relação ao problema da imposição de normas ao trabalhador, as considerações de Canguilhem (2001) são claras e diretas: para o autor, não existe a possibilidade dos trabalhadores tomarem

[...] como autenticamente normais senão as condições de trabalho que eles mesmos teriam instituído em referência a valores próprios e não emprestados, é que o meio de trabalho que eles tomariam como normal seria aquele que eles teriam feito eles mesmos, a eles mesmos, para eles mesmos. Todo homem quer ser sujeito de suas normas. A ilusão capitalista está em acreditar que as normas capitalistas são definitivas e universais, sem pensar que a normatividade não pode ser um privilégio (p. 120).

Desse modo, não só o processo produtivo da cana-de-açúcar, mas toda a produção de bens e materiais para o uso do homem seria outro se as normas operadas nas etapas da atividade fossem construídas pelo próprio trabalhador. O erro de Taylor e de toda a produção regida pelo modo capitalista de produção reside na tentativa de definir as condições e a organização do trabalho, sem ponderar a incapacidade de se prever inteiramente o trabalho humano, desconsiderando, ainda, a possibilidade de renormatizações protagonizadas pelos trabalhadores.

Ou seja, a rigidez de um modo de produção conduzido pelo ritmo das máquinas e da acumulação, e ditado hierarquicamente pelos gestores da empresa, pretende ao rigor e ao cumprimento de tarefas que eliminam toda subjetividade. Neste contexto, o trabalhador é

mero objeto de produção e não um sujeito capaz de intervir e criar as próprias normas; mas não é assim no trabalho real, que exige tais renormatizações. Como nos ensina Schwartz (2007), o meio é infiel, porque irrepetível e imprevisível; e é imerso nessas infidelidades que o ser humano faz “usos de si”, cria, transforma e intervém com suas próprias capacidades, utilizando-se dos recursos e escolhas que lhe são particulares.

Nesse sentido, compreendemos a atitude de Dimas que, consciente dos riscos de sua atividade à saúde, providenciou o seu equipamento de proteção, estabelecendo, assim, as próprias normas e agindo de acordo com os seus valores. Entretanto, Dimas não escapou das rigorosas exigências de produção que se faziam presentes nesta realidade laboral:

Eu até fiz umas extravagância, que não devia, já misturei trem com a mão também, mas sempre esticava o braço mais que pudesse, virava o rosto pro outro lado, e aí então, fazia as mistura, colocava os produto dentro d'água e ficava contra o vento também toda situação que pudesse, pra não ter tanta incidência em cima da gente. Mas mesmo assim, teve algumas problemáticas quanto a essas situações. Tinha um outro jeito de aplicar também, até na época, ele chamava de canhão, é uma bomba de 400 litros, acho que 400 mesmo... 200! 200 litros. E ela tinha uma boca grande, com um diâmetro duns 30 cm, 20, 30 e aquela boca grande dirigia o jato pra jogar nos mato, e aí era mato grande, e esse trem jogava longe, uns 40 metros, 30, por aí! E aí tinha de o operador sentar no paralamas do trator e ia dirigindo aquele jato, jogando pra trás, jogando aquilo pra trás nos mato alto. E esse também era muito difícil porque com esse jato forte, com essa boca larga desse jeito, muitas vezes o vento virava e jogava os produto em cima do operador e do tratorista e tudo. E mesmo que tivesse os chamado EPI, a proteção não é aquela que precisa pra esse tanto de produto. Eu também já dirigi esse jato algumas vezes, não foi poucas vezes não, e já tomei saraivada de produto, por causa do vento virar pra cima da gente; então, tudo isso acabou acarretando pra minha saúde algumas debilidades que a gente carrega até hoje.

Na situação vivida por Dimas, as normas e os valores imbricados no processo do trabalho não se abriram em debate, como propõe Schwartz (2007). As exigências da empresa não foram dialogadas com as necessidades dos trabalhadores (pelo menos não neste momento). Desse modo, Dimas agiu, em sua atividade, do melhor modo possível, a fim de exercer o papel que lhe era designado e responder às metas da produção ao mesmo tempo em que tentava proteger-se dos perigos inerentes à sua função.

A normatização do processo produtivo da cana-de-açúcar não prioriza a saúde e a segurança do trabalhador rural, além de impossibilitar a realização de uma atividade bem feita, orientada pela vontade e pelas determinações autônomas do trabalhador.

Em seu “Manifesto por um ergoengajamento”, Schwartz (2011) ressalta que, apesar das normas que predeterminam as atividades serem fruto da história humana e, de fato, necessárias à realização da tarefa, a antecipação da atividade, a partir das normas

antecedentes, é sempre impossível. Isso porque a realidade, que escapa ao prescrito, é repleta de imprevistos que fazem o trabalho acontecer, pois convocam a subjetividade e convidam à renormatização da tarefa pelo trabalhador.

Diante da necessidade de renormatização, é que Dimas age nos limites de sua possibilidade e escolhe proteger-se com os equipamentos necessários e evitar sua exposição ao produto. Entretanto, as medidas de proteção são insuficientes para que se possa evitar o adoecimento e, para realizar a tarefa, Dimas permanece, em algumas situações, exposto aos perigos da sua atividade.

As pontuações de Schwartz (2007) a respeito das escolhas no trabalho ajudam-nos a refletir sobre esta dramática condição vivida por Dimas:

É verdade que, no trabalho, há sempre uma espécie de destino de viver. Não há outro jeito, sempre é necessário fazer escolhas. Se fazemos escolhas, por um lado elas são feitas em função de valores – mas, por outro, essas escolhas são um risco, já que é preciso suprir os ‘vazios de normas’, as deficiências de orientações, de conselhos, de experiências adquiridas, registradas nas regras ou nos procedimentos. (p. 193)

Não precisamos discorrer novamente sobre como os riscos bancados por Dimas lhe custaram a saúde; ressaltamos somente que as propostas elaboradas por Schwartz (2007) para a solução deste problema supõem uma gestão empresarial do trabalho aberta às normas e valores criadas pelos trabalhadores, promovendo, desse modo, os debates e as constantes renormatizações do trabalho.

Assim, é retomando o pensamento de Canguilhem, que Schwartz (2007) assevera e justifica esta urgente e necessária mudança, pois, “o fato de viver é forçosamente algo que diz respeito a uma atividade, uma tentativa de esboçar, de desenhar um meio de vida no trabalho que esteja mais de acordo com suas próprias normas de vida”. (p. 192)

Infelizmente, essa possibilidade não é ao menos vislumbrada na produção rural da cana-de-açúcar; embora não seja objetivo deste estudo abordar a configuração atual deste processo produtivo no Brasil, valemo-nos do trabalho de profissionais e pesquisadores engajados na proteção do trabalhador rural e na garantia dos direitos nos canaviais, para pontuar que a

exigência de resultados prevalece como uma norma irrevogável cumprida sob a pena da violação dos direitos e do abuso dos agrotóxicos¹⁷.

A respeito do uso de produtos agroquímicos, o jornal Estado de São Paulo publicou, no dia 09 de junho de 2010, a informação de que o Brasil é o principal destino de agrotóxicos proscritos em diferentes países. O aumento dessa importação, no período de um ano (2008 a 2009), computou o dado alarmante de 29%, com a previsão de crescimento gradual para os anos subsequentes.

Obviamente, não é todo o agrotóxico importado pelo País que se destina à produção da cana-de-açúcar, entretanto, cientes do plano de expansão e do investimento por parte do governo brasileiro nesse setor produtivo, constatamos, imediatamente, que parte da distribuição desses produtos contempla a indústria sucroalcooleira.

Nesse sentido, lembramos que o uso dos agrotóxicos não afeta apenas o sujeito que lida diretamente com esses produtos. O meio ambiente, assim como o trabalhador, também é prejudicado, na medida em que a toxicidade dos resíduos químicos atinge a terra, o ar e os lençóis freáticos.

Estudos realizados em diferentes áreas de cultivo da cana-de-açúcar revelam o alto índice de contaminação dos recursos hídricos presentes nas regiões adjacentes às plantações. Essa contaminação é atribuída à heterogeneidade de tipos e classes de agrotóxicos utilizados em quantidade exagerada. As consequências desse uso são alarmantes, pois a persistência desses produtos no ambiente é alta e o prejuízo das águas repercute na vida dos animais e dos seres humanos que delas dependem. (Corbi, et. al., 2006; de Armas, et. al., 2005)

As reflexões de D. Alzira sobre a progressiva degradação ambiental provocada pela produção da cana-de-açúcar surgem de sua experiência e dispõem da legitimidade de quem vive concreta e cotidianamente a realidade dessa produção. Para D. Alzira, nos canaviais

¹⁷ A Rede Social de Justiça e Direitos Humanos publicou, em abril de 2008, o documento: Direitos Humanos e a Indústria da Cana, que analisa “os desdobramentos do agronegócio e da indústria da cana nos direitos humanos, incluindo direitos civis, sociais e ambientais”. (p. 3) Este material apresenta dados alarmantes sobre a realidade dos canaviais, marcada pela intensificação do trabalho e da produção, com o uso imponderado dos agrotóxicos.

[...] têm tanta química que acaba com a saúde do povo e, pra se produzir, como diz o caso, eles põem aí, a gente não tem certeza, por exemplo, quantas quantidade, quantas qualidade de agrotóxico pra eles tirarem a produção de um hectare de terra, mas são várias e acaba, por exemplo, não só com a saúde do trabalhador, o meio ambiente tá aí, como diz o caso, a perigo. O ecológico, a gente... nem se fala, porque onde tem usina de cana, usina açucareira, você não vê mais, você não vê um animal, você não vê um passarinho, não vê nada, acaba com tudo, destrói, né, é uma destruição total.

Os defensores dos Direitos Humanos no Brasil atribuem o problema da degradação ambiental ao processo de modernização da agricultura inerente à implantação do modelo de desenvolvimento adotado pelo governo. Tal modelo é caracterizado pela monocultura de exportação e sustentado pela concentração de renda e de terras.

Segundo Pádua (2003), a sociedade brasileira sofreu um processo de transformação significativo a partir da década 1940, devido ao intenso êxodo rural impulsionado por uma crise que impossibilitou a sobrevivência de milhares de famílias nesse meio. O autor afirma que, nesse período, grande parcela da população vivenciou um processo de “desruralização”, sem que se conseguisse transformar a realidade agrária brasileira, historicamente dominada pela concentração de poder e de riqueza. Desse modo,

no complexo contexto histórico da segunda metade do século XX, [...] o crescimento da urbanização e da industrialização se superpôs a uma estrutura agrária essencialmente concentrada e desigual. Foi sobre esse quadro que também se implantou uma rápida dinâmica de transformação da economia rural, expressa no desenvolvimento de complexos agroindustriais fundados na motomecanização, na irrigação e no uso crescente de insumos químicos. Essa dinâmica de crescimento da grande propriedade capitalista e empresarial gerou uma série de problemas socioambientais para as populações que vivem nos espaços rurais e florestais, especialmente nas fronteiras de expansão do agronegócio. (p. 51)

O relato de José Mendes Macedo, ex-prefeito de Lagoa da Prata e responsável pela implantação da usina na cidade, mostra-nos que as afirmações de Pádua (2003), de fato, correspondem à realidade – a má distribuição de terras em nosso país está intimamente relacionada com a concentração do poder, que, unidas, fizeram-se a base geradora do agronegócio¹⁸.

Evidenciamos, para os fins deste estudo, que os resultados dos direcionamentos desenvolvimentistas operados por meio do investimento agroindustrial ameaçam o meio ambiente e as fontes naturais essenciais à vida. Especificamente no processo produtivo da

¹⁸ O depoimento a que referimos foi apresentado no capítulo “Notas sobre a história”, como versão da história oficial da usina de Lagoa da Prata/MG. Não nos cabe, neste momento, repetir o relato, mas lembrar que foi como homem público influente, empresário e proprietário de extensas terras nessa região que José Mendes Macedo articulou a implantação da agroindústria canavieira naquela cidade.

cana-de-açúcar, o uso dos agrotóxicos ocorre em meio à monocultura que provoca a perda da biodiversidade natural e o esgotamento progressivo dos recursos biológicos próprios àquele meio.

Segundo Roseiro & Takayanagui (2004), a prática da monocultura da cana induz ao dano ambiental, “pondo em desequilíbrio toda a fauna e a flora e as condições físico-químicas do solo, na viabilidade de novas culturas”. (p. 81) As autoras ressaltam, ainda, os riscos que a queima das plantações de cana-de-açúcar conferem ao meio ambiente. Necessária ao corte da cana, a combustão da cana libera poluentes que prejudicam a qualidade do ar e trazem danos ao solo, às plantas, à fauna e até mesmo à população, especialmente grupos vulneráveis, como crianças e idosos.

Desse modo, a monocultura associada à aplicação de agrotóxicos e à prática da queima é uma atividade ecologicamente devastadora, pois, desgastado em sua diversidade biológica, o meio ambiente torna-se incapaz de reagir às agressões provocadas pelo uso de produtos químicos e pelos resíduos da combustão.

Por isso, a preocupação com o emprego dos agrotóxicos nos canaviais é sentida por Dimas em todo o seu processo – do manuseio ao descarte –, já que esse trabalhador sofreu e sabe das consequências desses produtos em todo organismo vivo.

Outra coisa também que é difícil desse trem, desse veneno, as embalagens, por exemplo, se você junta as embalagens pra fazer uma queima, você vai poluir o ambiente, o ar, se você pega as embalagens e deixa ao ar livre, é a mesma coisa, fica atrapalhando o ar, a atmosfera. Se joga num buraco, enterra aquilo, você está atrapalhando o lençol freático. O trem vai, a chuva vai caindo em cima, o trem vai descendo, vai descendo, até encontrar o lençol freático. É o caso de região que joga muito veneno, as águas são poluídas com esse negócio, porque não tem como segurar nas parte alta ou longe das águas, onde tem um córrego, onde tem uma nascente, uma lagoa, um rio, não tem como segurar isso fora, se você joga perto. Se você jogar por perto desses lugares, a chuva que cai leva parte desses produtos pra dentro das águas e se não tem nesses lugar o que eu to falando, córrego, rio, lagoa, noutros lugar tem lençol freático também. Então, você joga sempre, joga todo mês, ou joga tantas vezes por ano, ta sempre jogando, jogando, jogando, aquilo vai descendo na terra, descendo até um determinado tempo vai encontrar o lençol freático e aí vai atrapalhando tudo, vai contaminando.

O raciocínio de Dimas sobre as proporções que o descarte de produtos tóxicos pode alcançar é realmente assustador. A possibilidade de contaminação da população e do ambiente próximos às plantações de cana-de-açúcar parece-nos evidente. Resta saber se tal possibilidade restringe-se às mediações dos canaviais ou se a dispersão dos agrotóxicos pode ser ainda mais abrangente, atingindo o meio mais distante.

Considerando que a aplicação dos agrotóxicos ocorre em vários estágios de cultivo da cana-de-açúcar, compreendemos que os impactos sobre o ambiente podem atingir uma amplitude maior do que as áreas diretamente ligadas e mais próximas aos canaviais. Isso porque o processo de lixiviação do solo faz com que esses produtos químicos se espalhem, atingindo rios e seres vivos, mesmo que não estejam imediatamente relacionados com essas plantações. (Corbi, et. al., 2006)

Entretanto, a postura do Governo Federal e do Estado desconsidera abertamente os problemas humanos e ambientais que advêm da produção de cana-de-açúcar. Sob a bandeira da proteção ambiental, a política nacional tem investido em programas de ampliação da agroindústria canavieira, que é apresentada como uma fonte geradora de energia limpa. Limpa, porque renovável, energia provinda da luz solar convertida pelas plantas e que, ao contrário do petróleo, é inesgotável.

Anunciando o cuidado e a preocupação com o meio ambiente, o Brasil lidera o grupo de países que investem em energia limpa e renovável. A preservação justifica, para os líderes do nosso país, os programas de implantação e expansão dos canaviais. Por isso, os discursos que apresentam esses programas são repletos de conteúdos direcionados à conservação do planeta. Nesse sentido, a presidente Dilma Rousseff, em sua posse realizada no primeiro dia do ano de 2011, endossou sua postura:

Somos e seremos os campeões mundiais de energia limpa [...] Uma nação em que a preservação das reservas naturais e das suas imensas florestas, associada à rica biodiversidade e à matriz energética mais limpa do mundo, permite um projeto inédito de país desenvolvido com forte componente ambiental.

Embora o apelo ambiental seja mais evidente na última década, historicamente a implantação e o estímulo à produção de usinas sucroalcooleiras são justificadas pelo governo como uma forma de cuidado com a natureza e preservação dos recursos naturais. Por isso, no Encontro dos produtores do açúcar realizado em 1976, o pesquisador americano Melvin Calvin foi convidado a expor sua pesquisa sobre as vantagens ambientais da extração de energia da cana-de-açúcar.

A primeira vantagem apresentada pelo pesquisador está relacionada à compreensão de que se trata de uma energia com fonte ilimitada. Conforme explica Calvin, todas as maneiras

elaboradas pelo homem para a obtenção de energia são ineficientes, pois vulneráveis ao esgotamento dos recursos naturais capazes de fornecer a energia e manter a vida na Terra. Assim, o pesquisador caracteriza a energia obtida por meio do petróleo, do gás natural, do carvão e das águas como limitada.

Entretanto, sobra outra alternativa que continua a crescer a cada dia, qual seja o sol e essa é a mensagem que trago a vocês hoje. Precisamos usar a energia solar que vem a nós todos os dias [...] Agora, como podemos fazer isto? Como podemos usar o sol? Quais são as maneiras de usá-lo? [...] As plantas verdes, a cana-de-açúcar e outras sabem como usar essa energia, sem graduá-la, sem transformá-la em energia térmica, aproveitando-a diretamente. A cana-de-açúcar pode fazer isso, e é o meio mais eficiente de energia solar que temos hoje. (p. 13, 16)

Desse modo, a energia obtida por meio da cana-de-açúcar é comumente referida como renovável, pois capta diretamente a luz solar – uma fonte inesgotável – e a transforma em recurso energético para a humanidade. Colhida e utilizada para as necessidades humanas, replantam-se as mudas e renova-se, assim, o ciclo.

Trata-se de energia retirada das plantas e que demanda da natureza apenas o sol e as terras. Nesse sentido, Calvin declara: “isto me trouxe ao Brasil, porque ele tem, não só grande quantidade de sol e de terra, mas também porque produz mais cana-de-açúcar que qualquer outro país do mundo. Tem sido assim por muitos anos”. (p. 17)

A segunda e terceira vantagens ambientais da energia provinda da cana-de-açúcar são apresentadas rapidamente pelo pesquisador americano que afirma que o uso do álcool combustível diminuiria a emissão de monóxido de carbono na atmosfera, tornando o ar menos poluído e prejudicial ao ser humano e ao meio ambiente. Calvin afirma, ainda, que “o índice de produção de oxigênio em um campo de plantação de cana, é certamente maior do que em qualquer floresta [...] Há uma quantidade, relativamente grande, que é liberada para cada tonelada de carboidrato”. (p. 33)

Sendo assim, a exposição desse pesquisador no Encontro Nacional dos produtores do açúcar legitimou o discurso da proteção ambiental que já se fazia presente nas iniciativas governamentais voltadas à produção da cana-de-açúcar nos anos 1970. Não é de se surpreender que o conteúdo apresentado por Calvin tenha acabado por inspirar, naquele momento, a declaração do então representante da Associação de engenheiros e arquitetos do norte do estado do Rio de Janeiro, Aldo Peixoto:

Acreditamos que Deus criou o mundo para nós, sua criação principal, e assim, acho que a vida terá de ser preservada por nós, que devemos conservá-la na superfície da Terra. O senhor tem dedicado sua vida ao estudo dos meios de preservação, por isso agradecemos ao senhor. (p. 31)

Contudo, as afirmações de Calvin realizadas nesse encontro não resistem ao mínimo conhecimento sobre as etapas produtivas da cana-de-açúcar e, menos ainda, à experiência concretamente vivida por trabalhadores rurais. Por isso, realizaremos, a seguir, uma análise sobre os fatores declarados pelo pesquisador norte-americano como positivos. As considerações serão breves e pontuais, já que as consequências humanas e ambientais dessa produção foram evidenciadas no decorrer do capítulo.

A vantagem prioritariamente considerada – a plantação de cana como fonte ilimitada de energia – é imediatamente desacreditada, quando compreendemos que o abuso dos agrotóxicos e das terras conduz ao empobrecimento do solo e ao desgaste do meio ambiente. Conforme já mencionamos neste estudo, alguns pesquisadores demonstram que esse abuso progressivo, somado ao plantio da monocultura, afeta a biodiversidade e, a longo prazo, pode se estender de forma irremediável.

De fato, o álcool combustível emite menos monóxido de carbono do que a gasolina, como declara Calvin. Entretanto, a prática das queimadas nas plantações, anterior ao corte da cana, foi e ainda permanece bastante comum nesse processo produtivo, o que torna o argumento da alta produção de oxigênio nos canaviais falacioso ou, pelo menos, amplamente questionável.

Nossa intenção, neste capítulo, foi mostrar os desgastes humanos e ambientais presentes na produção da cana-de-açúcar. Verificamos que esses problemas são intensos, ao contrário do que nos mostram a história oficial e a postura atual do governo em relação aos impactos ambientais dessa produção.

Ambos – governos dos anos 1970 e atual – referem-se à cana como uma fonte de energia limpa e renovável, denotando, com o uso desses termos, uma proteção ao ambiente que não corresponde à realidade. Conforme mostramos, a experiência de Dimas e D. Alzira revela os impactos desse processo na saúde dos trabalhadores e na diversidade biológica, tão necessária à manutenção da vida.

Não intencionamos, com essas ponderações, defender outros recursos energéticos como aqueles fornecidos pelo petróleo, carvão, gás natural e água, pois sabemos que eles também são prejudiciais à plena vida do homem e da Terra. Entretanto, afirmamos, com base na vida dos trabalhadores e em estudos científicos, que a produção de cana é mais prejudicial do que nos conta a história oficial e do que tem sido anunciado com tamanha convicção pelo governo.

As pesquisadoras Roseiro & Takayanagui (2004) alertam que a prática da cultura da cana vivenciada em diferentes regiões do Brasil significa um

[...] processo de degradação, não apenas ambiental, mas o evidente impacto causado na saúde e qualidade de vida de uma população, em troca de um suposto progresso [...] Não deveríamos buscar um processo de crescimento que propiciasse riquezas, sim, mas sem, todavia, causar impactos negativos na saúde humana e, conseqüentemente, na qualidade de vida? (p. 82)

O processo produtivo da cana-de-açúcar, tal como tem-se configurado ao longo da história, representa uma agressão ao ser humano e às diversidades naturais. Por isso, essa produção é uma ameaça ao direito fundamental de todo ser - o direito à vida.

Em nosso estudo, surpreendentes são os caminhos percorridos por D. Alzira e por Dimas que, entre tragédias e adoecimentos, sofrimento e opressão, transformaram as experiências particulares em representação coletiva e mudança das condições de trabalho. Quando, ainda que em péssimas condições e submetido à opressão, encontramos o ser humano na atividade e sua ontológica capacidade de transformar e atuar no seio da coletividade. Quando, mesmo debilitado em sua saúde e ciente das degradações que a agroindústria da cana impõe, encontramos Dimas, capaz de ver a beleza do rio¹⁹ e do trabalho que anunciam a vida.

Aí era um barulho danado de podão cortando, parecendo uma formigada, derrubando folha da árvore. Era até interessante de ficar ouvindo os barulho do podão, os podão perto um do outro, dava um barulho até interessante. Era quase como uma música, tinha podão que fazia um barulho de tinido, conforme o jeito que bate na cana, dá um tinido, dava pra escutar de uma certa distância. E também tinha o vozerio do pessoal, tinha muitos que cantava no serviço e músicas variadas, cada um escolhia a sua e ia no eito fazer o serviço e divertindo. O pessoal era engraçado também, porque ninguém ficava chateado com o outro não, porque o outro tava cantando, o outro tava conversando e também ninguém atrapalhava um ao outro, porque tava sempre preocupado em fazer a produção. E aí, tinha uns que era mais colega do que os outros, aí pegava junto no eito, aí facilitava, quem tinha facilidade de ir junto, já ia junto.

¹⁹ Aqui, fazemos referência à frase “*Viver para contar é viver contando, em todo lugar, que o belo lago da encosta flui do monte e desce como mensageiro anunciando a realidade da vida*”, que foi escrita por Dimas em uma de suas reflexões e utilizada como epígrafe deste capítulo.

Ao engajamento militante dos trabalhadores rurais de Lagoa da Prata dedicamos a parte que se segue neste estudo – capítulo também negligenciado na história da produção da cana-de-açúcar, em sua versão oficial.

Vai caminhão...
Sem gente, sem gente, sem gente...
E deixe brotar aqui a liberdade
Para que a vida comece outra vez
Nos sonhos e na realidade,
De uma gente muito ferida
Pelo verde dos canaviais.

Osmari Clarinda de Oliveira.

7 ENGAJAMENTO POLÍTICO E TRANSFORMAÇÃO NOS CANAVIAIS

As análises realizadas nesta pesquisa debruçam-se sobre a vida concreta envolvida na produção da cana-de-açúcar e a confronta com a história oficial amplamente divulgada pelo governo. Nos capítulos anteriores, ressaltamos, a partir dos relatos de Dimas e D. Alzira, as condições e a organização do trabalho rural, bem como os desgastes provocados pela indústria sucroalcooleira na saúde do trabalhador e no meio ambiente.

Entretanto, parte da vida desses trabalhadores foi dedicada à transformação dessas condições de trabalho e à busca pelo cumprimento de seus direitos básicos. Seus relatos são permeados por essa luta e movimentos reivindicatórios, que implicaram o envolvimento coletivo e o engajamento político desses trabalhadores.

Por isso, neste capítulo, dedicamos ao engajamento político de Dimas e D. Alzira, à compreensão de sua vida e trabalho como experiência que motivou a busca pela transformação de um cotidiano opressivo. Apresentamos, ainda, como as mudanças almejadas tornaram-se possíveis a partir da representação coletiva e reivindicações mediadas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa da Prata.

7.1 EXPERIÊNCIA E LUTA: SABER DA VIDA E DO TRABALHO

7.1.1 Sem medo de assombração

No meu tempo mesmo, igual fala hoje: ‘ah, a criança não pode trabalhar, tem que brincar, criança tem que fazer isso...’ , na nossa época não tinha nada disso! Estudar, a gente não estudou, porque, igual eu falo assim, por exemplo, a gente era, como diz o caso, responsável, porque meu pai batia demais pra gente estudar, sabe. Cobrava demais, porque ele falava assim: ‘eu não posso dar nada vocês, mas pelo menos estudo, vocês têm que estudar!’. A gente queria era trabalhar, pra ganhar dinheiro, pra comprar roupa bonita, pra comprar as coisa... risos... Igual teve uma época, eu não lembro, assim, mais ou menos a data que era não, a gente lá ia, pegava o caminhão pra poder ir pra usina era quatro hora da manhã e era longe, o ponto era longe, nessa época eu morava lá na Vila Mendonça e eu contratei uma safra escondido do meu pai, ele não queria de jeito nenhum, ele ficou sabendo depois que eu já tinha contratado e a gente lá ia pro ponto de madrugada pra pegar o caminhão, o antigo campinho, era um campo, campo da Manga que eles falavam, no meio do campinho aparece uma assombração, um homem baixinho, calça escura e paletó marrom e aquilo veio chegando pro lado da gente, a gente andando e ele chegando. Você só via buraco, boca você não via, nem nada, coisa, só buraco, no olho, na boca, aqueles buracão! E vem aquele trem, quando

tinha assim uns 4 metro pra ele chegar pertinho de mim, eu peguei e falei: ‘se quiser falar alguma coisa, fala, mas não chega perto de mim!’. Aí ficou parado, quieto assim, quando desapareceu! Aí chego lá no ponto, os homem tudo contando que tinha visto também, um correu, teve gente que voltou pra trás, não foi trabalhar... risos.... O “Seu” Mário, ta vivo aí até hoje, “Seu” Mário falou assim: ‘ah, eu corri! Eu vi aquilo, eu corri, o trem mais horroroso do mundo!’. Eu falei: ‘não, eu também vi’. Aí eu falei com ele assim: ‘ah, “Seu” Mário, você não comenta essas coisa com meu pai não’, que a gente era vizinho, ‘porque se ele ficar sabendo disso e ficar sabendo que eu vi, que aconteceu desse jeito, ele não deixa eu trabalhar mais!’. E passado tempo, eu acho que ele esqueceu e comenta com meu pai, ele não deixou eu vim nem pra tirar conta! Nem pra acertar eu não fui lá mais! Nessa época não tinha carteira assinada não, era na época sem carteira assinada, não tinha carteira não. Deixou eu ir lá não, minha filha. ‘Esse trem uma hora ainda mata isso, porque isso não tem medo de nada!’. Risos... eu falei: ‘medo pra quê?’; e isso foi um punhado de gente que voltou pra trás. O Osair mesmo voltou pra trás, não foi trabalhar não, perdeu o dia. ‘mas o que que você fez?’. Eu falei: ‘não fiz nada, só falei que se quisesse falar alguma coisa que falava, mas que não vinha pra perto de mim não!’; ‘e o que que o trem fez?’. Eu falei: ‘ficou parado, quando desapareceu!’. Isso 4 hora da manhã, era só um caminhão essa época, se você perdesse esse acabou, tinha que voltar pra casa. Toda vida fui meia... não tenho medo de nada não... o povo tem medo das coisa, eu não tenho não, nem de vivo, nem de morto... o povo fala assim: ‘ah, a gente tem que ter medo de vivo!’. Tem nada! Teve um dia que eu vinha, a gente tinha ido pra Belo Horizonte, não lembro mais o que que é que tinha lá, se era reunião, eu sei que tinha alguma coisa lá no Ministério do Trabalho, nós chegamo era mais de meia-noite aqui, Dimas queria me trazer, eu falei: ‘não, precisa me levar não, pode deixar que eu vou!’, aí uma turma queria me encarar no meio da rua! Só peguei a bolsa e fui mexendo na bolsa assim, mas vê esses menino, mas vai correr, aquela turma de homem, menina, falou assim: ‘ela vai pegar é arma!’. Vai correr! Não tenho medo não. Eles falam: ‘mãe, mãe, uma hora eles vai matar a senhora!’. Se matar, matou, não to nem aí! Mas medo pra quê? Saiu aquela turma de homem correndo. ‘Vou mostrar p’rocês o que é isso que vocês ta falando!’ Aí pensou, é arma, né, só pode ser! Risos... é igual na época da greve também, uai, um monte de, lembro na época foi 18 militar, sargento, capitão, na mesa de... eles eram, como é que fala? Os suspeito de ter batido no Fenelon e no Dimas, e eu é que fui como testemunha, pra indicar quem é que era. O sargento que deu ordem pra eles quebrar eles no pau, tinha 24 anos de serviço, perdeu a farda com 24 anos de serviço. O povo falava assim: ‘eles vai te matar!’. Mas é a verdade, e a verdade tem que ser dita! Não adianta eu falar mentira! Eles tudo lá e eu falei: ‘foi fulano, ciclano, ciclano, ciclano’. Até hoje eles fala assim: ‘uma hora eles te pega’, eu falo: ‘pega nada!’. Então, não tem, sabe, eu acho que assim por exemplo, eu tenho uma coisa comigo, eu gosto da justiça e eu pela justiça, eu não importo de morrer, eu morro feliz se eu fizer uma justiça contra a injustiça, porque a injustiça é muito triste! Eu falo assim: ‘se existisse pessoa desse tipo, não existia, por exemplo, gente inocente atrás das grade’. Se foi você que fez aquilo, aí vai falar que foi outro fulano? Aquela outra pessoa vai pagar por aquilo? Tem que ter alguém pra falar a verdade não tem? E quem fala a verdade, eu falo assim, por exemplo, ‘pode até morrer, igual muitos aí já morreu por conta de fazer esse tipo de coisa, mas eu tenho certeza que eles tão felizes e que eles ta com Deus, porque eles falou a verdade! (D. Alzira)

7.1.2 Experiência e história

Escolhemos este depoimento de D. Alzira para iniciar a análise sobre a experiência de vida e trabalho e o saber que dela se constrói. Um saber que organiza atitudes, pensamentos e produz valores; saber que atribui sentidos e significados a toda uma biografia, uma história pessoal.

Para Bondía (2002), a experiência é aquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. (p. 21) Depende de uma abertura do sujeito aos acontecimentos, de disponibilidade e receptividade que o expõem aos riscos e às vulnerabilidades, mas garantem que seja afetado e que as coisas lhe ocorram, ou seja, que o sujeito viva a experiência.

O autor alerta que experimentar é atravessar “um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião”. (Bondía, 2002, p. 25) A experiência tem algo de estar exposto, de viver sem armaduras, de se dispor ao mundo e de se deixar tocar. Por isso,

o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos. (Bondía, 2002, p. 24)

Não se delinea um objetivo até a experiência e não se prepara uma meta até ela. Viver a experiência é padecer sem ser simplesmente passivo e, padecer é assumir publicamente a sua paixão – seja um testemunho, uma prova ou um martírio em nome de algo. A paixão envolve, ainda, uma responsabilidade pelo outro e diz de uma liberdade fundada em algo que está fora do sujeito. Por isso, a paixão flerta com a morte, “mas de uma morte que é querida e desejada como verdadeira vida, como a única coisa que vale a pena viver, e às vezes como condição de possibilidade de todo renascimento”. (Bondía, 2002, p. 26)

Em nossa pesquisa, os relatos de Dimas e D. Alzira configuram-se como expressão de suas experiências vividas nas relações familiares, na comunidade religiosa, no trabalho e, posteriormente, no sindicato. Todos esses “lugares” da experiência foram vividos

cotidianamente em suas casas, na cidade e nos canaviais, aos quais foram atribuídos sentimentos e significados.

À experiência vivida decorre, também, o saber que é próprio e que orienta ações. O saber da experiência refere-se ao modo como o sujeito dá sentido ao que lhe toca. Não se trata de um conhecimento objetivo, irrefutável e universal, mas

[...] de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude [...] O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (Bondía, 2002, p. 27)

Dimas, lembrando sua experiência de luta e reivindicação por melhores condições de trabalho e salário, relata que, por muitas vezes, sentiu que sua categoria era mal vista pela sociedade, considerada como um conjunto de trabalhadores que tinha a intenção de explorar a empresa. Nesse sentido, Dimas expõe o saber de quem viveu e compartilhou a experiência de ser trabalhador rural de uma indústria canavieira:

[...] a gente sempre teve consciência do que a gente precisava fazer e tinha consciência também do que o trabalhador tinha direito e do que a empresa estava fazendo com relação aos direitos que os trabalhadores tinham. [...] E a gente conhece muito bem, sabe que a empresa é forte, sólida, tem os seus valores como vantagem, então o que ela pagasse mais devidamente ao trabalhador, pra ela não fazia falta nenhuma. E a gente negociava também, não era questão de exigência que tem que ser assim, que tem que ser dessa forma ou daquela. Era tudo negociado, então tinha bom senso entre nós do sindicato e a empresa também. A gente não era aquele intransigente não. A gente conhecia as necessidades das pessoas, passou a conhecer as necessidades e a gente tem também um senso que a gente pode chamar de cristão, que é o senso cristão, que a gente vai na direção do que é melhor para a população, para o povo sem perder de vista também o que é bom pra empresa, o que é bom pra economia, o que é bom pra sociedade, porque se a empresa ta crescendo, ta desenvolvendo é graças ao trabalhador e o trabalhador, que tem também a empresa crescendo, ele vai ser beneficiado, porque ela continua tendo a condição de atender aquilo que o trabalhador precisa. Nessa perspectiva, nesse sentido, que a gente observava, que a gente trabalhava. Agora, a gente, eu, por exemplo, não tive tanta preocupação com o que falava um ou outro nesse sentido entre os colegas, uma parte da sociedade, no executivo, no legislativo, esse povo todo, nunca tive preocupação com as opinião deles não. A gente sempre tinha relacionamento com eles, mas um relacionamento sadio e também sabendo o que é que estava acontecendo de um lado, o que tava acontecendo do outro e dentro das reivindicação o que a gente fazia era sempre com esses possíveis, coisa que não tava fora do limite, mas que a gente tinha tranquilidade na condução do pensamento, condução do trabalho e condução da luta dos trabalhadores, que a gente representava.

O receio da sociedade em relação aos trabalhadores rurais passa, claramente, por um desconhecimento de sua realidade e da natureza de sua luta. Desconhecimento este, que pode

ser atribuído, entre outros aspectos, ao fato de que esta sociedade não viveu a condição de trabalhador rural, não experimentou de maneira particular e concreta tal condição.

A experiência recheia a história de vida e é o centro, onde se congregam questões sociais e subjetivas. A abertura à experiência exige uma apropriação das coisas, dos acontecimentos e das peculiaridades do mundo social. Exige uma reflexão do sujeito sobre si mesmo, enquanto sujeito que vive e sofre, sujeito que se expõe e padece.

Dimas explica o seu processo de refletir e pensar sobre o vivido, momento em que interrompe as ações e estabelece uma pausa para escrever e se dedicar ao sentido da experiência: “tem alguns momentos que a gente começa a pensar em algumas situações que aconteceram, que está passando ou vivendo e vai refletindo nesses casos e começa a escrever sobre aquilo”. Nesse sentido, Bondía (2002) afirma que viver a experiência

[...] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (p. 24)

Embora não seja nossa intenção investigar as dimensões subjetivas de como e por que um trabalhador se engaja politicamente, arriscamos afirmar que só é possível apreender esse processo através do resgate da experiência e da compreensão de como os acontecimentos sociais são vividos pelo sujeito. Trata-se de analisar como esses acontecimentos tocam o sujeito e o transformam.

Na história de Dimas e D. Alzira, evidenciamos, entre outros aspectos, a participação nas comunidades eclesiais de base, como experiência religiosa e militante.

7.1.3 As comunidades eclesiais de base (CEB's)

As comunidades eclesiais de base foram experienciadas de maneira singular e transformadora pelos trabalhadores rurais de Lagoa da Prata, especialmente por Dimas, que se engajou na luta coletiva e buscou pelo cumprimento de seus direitos.

Não intencionamos, com esta consideração, diminuir a importância da trajetória de vida deste trabalhador – suas experiências familiares e de formação no colégio agrícola, bem como sua origem rural e, principalmente, o trabalho – mas pontuamos as comunidades eclesiais de base como o momento em que todas as demais vivências culminaram em uma escolha pela militância e pelo engajamento político. Como o próprio Dimas relata,

[...] quando a gente começou a conhecer as CEB's, começou a participar, a gente começou a entender que era um novo jeito, inclusive a gente tinha essa frase, era “um novo jeito de ser Igreja” [...] então foi um tempo de muita conscientização, consciência nova, diferente do que a gente tinha de costume, as coisas começaram a ter uma outra forma de servir e de ser passado pra nós, então, esse grupo, essa turma discutia a realidade e à luz da palavra de Deus, à luz do Evangelho, à luz das discussões, a gente foi vendo que precisava fazer alguma coisa, porque o povo estava sofrendo, tava na dificuldade e através daí que nasceu uma liderança aqui no bairro, outra no outro bairro, outra no outro lugar, às vezes no mesmo bairro tinha mais gente, e foi esse pessoal que foi sendo trabalhado e que foi encontrando um ao outro, trocando idéias, e que foi daí que surgiu a equipe diretora do sindicato.

As comunidades eclesiais de base são, de acordo com Frei Betto (1985), pequenos grupos organizados em torno da igreja, seja rural ou urbana. Esses grupos são referidos como comunidades porque reúnem pessoas que compartilham a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram na mesma região. Comunidades que se organizam em torno da igreja, têm natureza religiosa e caráter pastoral e, por isso são chamadas eclesiais. O termo base é atribuído à população que participa e atua em seus encontros e reuniões: vidas marcadas pela expropriação da terra e pela exploração do trabalho – operários da cidade e trabalhadores do campo que encontram “um espaço de discernimento crítico frente à ideologia dominante e de organização popular capaz de resistir à opressão”. (p. 8)

As reuniões das CEB's organizam-se em torno dos problemas e dificuldades reais vividos por esses trabalhadores, que compartilham suas questões com o grupo e escolhem aquelas que se evidenciam como mais importantes. A esse momento do encontro segue a reflexão orientada pela Bíblia, que busca se pautar no exemplo de Jesus e de suas ações. Após os comentários, formas concretas de se enfrentar o problema são dialogadas e planejadas coletivamente.

Pelas etapas que o compõem, Frei Betto (1985) caracterizou este modo de condução das reuniões, como método ver-julgar-agir, cujo eixo condutor foi exposto por Dimas: refletir a realidade à luz da palavra de Deus. Nesse sentido, as CEB's,

por adotarem um método que parte da realidade [...] suprimem a dualidade fé-vida encontrada em grupos cristãos que partem da doutrina e reduzem o 'ser cristão' ao domínio intelectual-moral das verdades reveladas e explicitadas pelo magistério eclesiástico [...] as comunidades permitem à Igreja retomar sua índole evangélica: ser fermento na massa, luz no mundo, sal na comida. Espaço de expressão da palavra do oprimido, nas comunidades emerge a consciência crítica do povo, a crítica à ordem social injusta. (Frei Betto, 1985, p. 10)

Nas CEB's utilizam-se, ainda, os círculos bíblicos que, criados por Frei Carlos Mesters, são folhetos em linguagem popular e concreta, onde os fatos da vida são comparados aos da Bíblia. Frei Betto (1985) pontua que os círculos bíblicos ajudam os trabalhadores a se localizarem na história, fazendo emergir a reflexão sobre os problemas e dificuldades cotidianos.

O esforço das CEB's orienta-se para a autonomia daqueles que delas participam e, em uma metodologia inspirada na pedagogia de Paulo Freire, prioriza a experiência vivida pelo trabalhador e dialoga com o seu saber. Nesse sentido, as comunidades de base caracterizam-se como um momento em que as vidas são compartilhadas com o grupo e lançadas ao pertencimento coletivo.

Por isso, as CEB's são, prioritariamente, o lugar da experiência: onde se pode parar para refletir sobre a própria vida e condição, possibilitando o sujeito a se pensar no mundo e a encontrar as dimensões sociais dos seus sofrimentos e dificuldades. Os problemas refletidos em grupo ganham novas dimensões e perspectivas, superando, assim, o olhar individual e restrito.

A possibilidade de reflexão e diálogo amputada no trabalho encontra o seu espaço nas comunidades de base, onde as experiências são ressignificadas pelos sujeitos que as vivem, gerando uma atitude transformadora diante do mundo social. Assim, Dimas explica como sua postura em sua atividade foi modificada pela experiência das CEB's:

[...] eu acredito que eu fui tomando consciência também com a participação na época das CEB's, comecei a participar de reflexão nas CEB's, comecei a trocar idéia com outras pessoas, militar junto com outros companheiros, começar a ver os folhetinhos que a gente tava falando das reflexão, Bíblia gente, e outros tantos livros, então foi tendo mais informação a respeito do perigo que era estar em contato com esses produtos químicos e aí foi tomando mais cuidado, tomando mais cuidado, estudando mais e ver a dificuldade que era continuar do jeito que estava.

Conforme já sabemos, as atitudes de Dimas não se restringiram aos cuidados e à proteção individual em relação aos agrotóxicos, mas ampliaram-se ao engajamento militante na luta

pelos direitos dos trabalhadores rurais como um todo. Desse modo, Dimas foi um dos responsáveis pela criação do sindicato local, cuja representação foi realizada também por D. Alzira, um ano depois de sua fundação.

7.2 O SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE LAGOA DA PRATA/MG

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa da Prata é uma instituição fundamental na história dos trabalhadores rurais da cidade. Criado e conduzido pelos próprios trabalhadores, o sindicato oficializou a representação dessa população junto aos poderes público e privado, tornando-se o principal mediador na luta e conquista de direitos, tanto na produção rural da cana-de-açúcar, como nas demais áreas rurais da região.

Por isso, neste momento, apresentamos a história do sindicato, as tentativas que antecederam à fundação liderada por Dimas, uma das principais lutas, travada na greve de 1989 e as conquistas mais importantes.

7.2.1 História da luta sindical de Lagoa da Prata/MG

A história do sindicato foi escrita por Dimas que, preocupado em manter essa trajetória viva entre os trabalhadores, delineou as diferentes tentativas de criação da representação institucional dos rurais, até aquela que, impulsionada pelas CEB's, resultou em sua fundação.

O texto “Caminhada longa nas lutas sindicais de Lagoa da Prata” foi transformado em documento do sindicato e, sempre que possível, é mostrado aos trabalhadores, que conhecem e se apropriam deste lugar, desta luta. Reproduzimos, em seguida, o texto, pois também nos é necessário compreender essa longa caminhada.

*

No começo dos anos 60 existiam no Brasil muitos clubes, associações, movimentos populares, ligas camponesas e um crescimento das organizações com participação dos trabalhadores.

Com a subida de João Goulart à Presidência da República, esse clima de abertura continuava na sociedade. Em 1963, com autorização do Governo Federal, Padre Lage vem a Lagoa da Prata para fundar o Sindicato.

A primeira reunião aconteceu em frente a casa 512, da Rua Getúlio Vargas. Naquela tarde de domingo, com a rua cheia de gente, uma mesa servindo de palanque, Padre Lage e sua comitiva falam ao povo e fundam o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa da Prata.

Tião da Horta, muito ligado à usina, recebe a documentação pronta e fica presidente de um sindicato forte com 400 filiações.

Os defensores do Luciano, dos fazendeiros, se juntaram e forçaram a saída imediata de Padre Lage da cidade. Assim era mais fácil abafar o sindicato e fazer continuar a exploração. Foi isso que aconteceu, pois Tião da Horta, que se juntou a usina, não leva o sindicato pra frente e abandona os trabalhadores. Em 64 veio o regime militar. Aliado ao capital, o governo dos militares perseguiu, maltratou as organizações dos trabalhadores. Com isso, as desigualdades continuaram. Continuaram crescendo a concentração de terra, de riqueza nas mãos da usina e de outros poucos. O município perdeu inúmeras pequenas propriedades. A monocultura (cana por todo lado) cercou a cidade. Aumentou muito o trabalho avulso e assalariado. Muitas famílias vieram pra cidade aumentando os problemas urbanos. Os salários continuaram caindo. As leis trabalhistas não eram cumpridas. No campo, alastrava-se o desmatamento e as águas das lagoas e pântanos acabavam para os peixes e para as terras.

Os anseios de liberdade foram silenciados, mas não morreram. Continuou a resistência de vozes de alguns partidos políticos, de entidades como a OAB²⁰, que aos poucos foram recuperando espaço para a abertura democrática. A ditadura militar estava chegando ao fim. Era o momento de se organizar para reconstruir. Reparar os estragos do uso das forças armadas que vitimaram muitas lideranças e sonhos.

No vazio de organizações, a vida dos trabalhadores seguia com muitas dificuldades: carteira sem assinatura, salários baixos, carga horária muito grande, transporte precário, pagamento era mais em vale (boró), não se respeitava os direitos trabalhistas, gestante nem recebia o salário maternidade e nem tinha licença legal, não se forneciam os EPI's de proteção, havia irregularidade nos acertos das contas...

²⁰ Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Em meio a esses e outros sofrimentos, surge uma luz no horizonte: Em 1982, Lélis Vidal, candidata a prefeita, reúne carteiras de trabalhadores e faz mais uma tentativa de fundação do Sindicato. Depois disso, foi ser assistente social na usina.

Em 1985, Hélio, assessor da FETAEMG²¹, iniciou nova movimentação para fundação do tão sonhado Sindicato dos Rurais. Essas tentativas indicavam a continuidade dos anseios de organização e liberdade.

Em 8 de janeiro de 1986, um grupo de nove pessoas começa a se reunir no Casarão, com o objetivo de achar uma saída para a situação precária em que se encontravam os trabalhadores. Nos dias 9 e 20 do mesmo mês, o grupo voltou a se reunir no Casarão (museu)²².

No dia 16 de fevereiro, cinco membros do grupo visitam o vizinho Sindicato de Japaraíba, onde conversam com representantes da entidade local e da FETAEMG.

No dia 3 de março, na casa do G. Magela, na Cerâmica, o grupo havia aumentado para quatorze pessoas. Alguns nomes: Paulo, G. Magela, Marines, Waldemar, José Rosamir, José Soviano, Veríssima, Otaviana, Fátima, Dimas.

As reuniões se sucederam: Casa da Amizade do Alto Forno, Centro Catequético, Igrejinha do Rosário, já contando com a presença de Osmari, visitas a Belo Horizonte, Poliesportivo Francelino Pereira... era a arrancada para uma nova ERA em Lagoa da Prata.

No dia 18 de maio de 1986, no poliesportivo F. Pereira, em meio a muito entusiasmo, dança, participação, foi fundado o SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE LAGOA DA PRATA.

*

Atentamos, aqui, para a percepção de Dimas quanto à necessidade de documentar esta trajetória, que, sendo construída pelos trabalhadores, não se faz presente na história local da produção da cana-de-açúcar.

²¹ Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (FETAEMG).

²² O Casarão ou Museu foi construído pelo Coronel Carlos José Bernardes Sobrinho no final do século XIX. Proprietário de uma grande extensão de terras na região, o coronel foi responsável pela fundação do povoado São Carlos do Pântano, que se tornaria, posteriormente, a cidade de Lagoa da Prata. (Santos, 1980)

Em relato, Dimas explica que as intenções de Padre Lage incluíam a organização dos trabalhadores e, por isso, é considerado um dos pioneiros nesta luta. Entretanto, o fato de Tião da Horta ter entrado como presidente enfraqueceu e disseminou a representação da categoria.

Evidenciamos que havia, nesse período, uma clara separação entre os trabalhadores rurais e da indústria – por isso, Dimas refere-se a Tião da Horta como “muito ligado à usina”, o que significa privilégios não compartilhados com os trabalhadores rurais e uma ligação política com os proprietários da empresa.

Em relação às tentativas que se sucederam, Dimas pontua que a representação não partiu dos trabalhadores, embora sempre reforce o anseio e a vontade que carregavam de ter os seus direitos efetivamente atendidos.

Atentos à força patronal que impediu a formação de uma efetiva representação dos trabalhadores rurais, o grupo que impulsionou o surgimento do sindicato realizou as reuniões de maneira discreta e em locais que lhes eram seguros e confiáveis.

Segundo Dimas, a história de fundação do sindicato

[...] foi bem cheia de acontecimentos pequenos, mas que somando tudo depois, deu uma grande história, que hoje a gente consegue ver um punhado de detalhe importante fazendo parte dessa história, milhares de trabalhadores, digo milhares porque começou com poucos nessas reuniões, como a gente viu lá nos caderno, e aí foi aumentando o grupo de estudo, foi aumentando o grupo de trabalhador atendido nas assembleia, nas reuniões e ainda hoje continua esse trabalho no sindicato, então por isso que eu falo milhares e milhares fazendo parte dessa história.

A riqueza de detalhes mencionada por Dimas refere-se às vivências cotidianas e à experiência da sua trajetória no sindicato, impossível de ser exposta em um breve percurso histórico. Dimas refere-se, ainda, àqueles que se uniram à luta a partir da fundação do sindicato e deram continuidade ao trabalho iniciado por um pequeno grupo de trabalhadores e participantes das CEB's.

Nesse sentido, este trabalhador se vê “um” entre muitos que resistem à opressão imposta na produção rural da cana-de-açúcar. Por isso, embora não participe mais da direção do sindicato, reitera a necessidade de que a luta perdure e caminhe, em outras mãos, na defesa dos direitos dos trabalhadores.

E a luta é grande porque tem o objetivo de continuar mantendo a animação do grupo, mantendo as orientações, mantendo as reuniões, as representações diante do poder público, diante das empresas, o trabalho é bem árduo. Mas com... com a ajuda do próprio trabalhador, que é o direto interessado na entidade, esses trabalhos vêm continuando ao longo desse período todo. E acredito que deve funcionar, crescendo e melhorando por muitos e muitos anos. No meu período, Graças a Deus, teve muita luta, mas eu achei que valeu a pena, é como chegar perto de uma terra que tá precisando de dar uma desbravada, e fazer dali um canteiro e fazer alguns plantios, e colher muita coisa boa, então eu considero assim o meu período de luta no sindicato. (Dimas)

As lutas travadas pelo sindicato incluíam desde as reivindicações pelo cumprimento de direitos até as negociações anuais de salário. Além disso, todas as decisões da empresa eram amplamente discutidas no sindicato, que buscava as medidas mais adequadas e justas para o trabalhador. Dentre as lutas, destacamos aquela que culminou em uma greve geral, em 1989.

7.2.2 A greve de 1989

O movimento de greve que ocorreu em 1989 foi um dos mais importantes na história do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa da Prata, pois, embora os acordos com a empresa já houvessem sendo feitos desde a fundação do sindicato, este foi o momento em que os trabalhadores se uniram em uma paralisação, atribuindo um novo sentido à luta coletiva.

O início desse movimento foi especialmente interessante, já que emergiu entre os trabalhadores que se solidarizaram com uma família que foi impedida de trabalhar. Dimas, que se lembra bem deste episódio, explica:

Tinha esses trabalhadores da mesma família, parece eles era uns quatro ou cinco, o pai, os filhos... e... tudo trabalhava lá. Uns cortava cana, outros parece que, parece que era tipo serviços gerais e a mãe cuidava em casa e arrumava, colocava a moçada em forma e fazia o que era necessário pra eles empenhar os seus trabalhos. Aí, um determinado dia, a mãe chega lá no pátio toda preocupada, aflita e foi atrás da gente, querendo conversar dizendo que a direção da empresa tava mandando os filhos dela embora e como é que ela ia fazer e precisava manter a família e com os filhos desempregados, como é que ia ser? E aí foi pra gente... ver se dava um encaminhamento, conversava com a direção, pra reverter o quadro. Aí a gente foi conversar com o chefe na época, Marco Antônio que ele chamava, aí ele simplesmente: ‘não, não tem mais conversa com esse povo não! Eles não tá querendo trabalhar!’. aí a gente insistiu, tentando conversar com ele, convencê-lo e demovê-lo da ideia de não concordar. ‘Não, mas o pessoal tá aí, Marco, tá aí, já tá com as vasilhas...’. Eles tava com as coisas nas costas já pra trabalhar e foi barrado no pátio. ‘não, pelo amor de Deus, aí não, uai...’. ‘ah, não, esse povo não quer trabalhar não! Não, não tem assunto não!’. ‘Vamos ver, vamos tentar controlar isso aí!’. ‘não, não tem conversa não!’. Com essa história de não ter conversa, aí o pessoal empinou, aí que começou a empinar mesmo. E esse assunto rendeu, porque foi passando de um pro outro, pro outro, pro outro. Essa forma estranha do diretor: ‘não, não tem conversa. Eles não quer trabalhar, tá é com preguiça!’. E aí houve a tomada de posição de todo mundo. Aí, pouco pra frente, aí já teve mesmo, aí parou tudo lá. Aí eles já começaram a querer dizer que a gente tava intransigente, que a gente tava levando pra um lado meio difícil de entender, perigoso... que aí tinha conseqüências e tal. É, na verdade, ia ter e teve, mas a gente do nosso lado acha que a intransigência e a falta de perspectiva no caso de querer resolver a coisa foi da empresa. Ele podia muito bem ter concordado com essa proposta, deixando o pessoal ir trabalhar e continuar normalmente. Mas foi intransigente e o outro lado também ficou nervoso e a coisa ferveu mesmo.

A articulação entre os trabalhadores cresceu e se transformou em uma greve, que durou 12 dias. Às reivindicações pela família demitida acresceram-se as exigências de salário, tornando a adesão dos trabalhadores ainda mais significativa: ruas foram tomadas pelos manifestantes em assembleias e passeatas de protesto.

As tentativas de negociação eram insistidas pelo sindicato, entretanto, de acordo com Dimas, a empresa, irredutível em suas determinações, “mandou comunicação pras polícia aqui da cidade, depois entrou policiamento de Bom Despacho, de Japaraíba, das cidadezinhas aqui mais próxima”, para conter o movimento. Algumas pessoas foram agredidas e presas²³ e, por fim, as negociações ocorreram sob a tutela de policiais armados, que fizeram a proteção dos representantes da empresa.

Um vídeo realizado pelos trabalhadores mostra que um dos armazéns da empresa foi saqueado durante as manifestações²⁴. A destruição desse ponto comercial fica evidente nas imagens e revela de forma concreta como, a partir da intervenção da polícia, os trabalhadores passaram a viver “em clima de guerra”. (Dimas)

Em relato, Dimas expressa de maneira a compreender que a greve significou certo rompimento de uma determinada situação opressiva, historicamente experimentada pelos trabalhadores nos canaviais.

Pessoal reuniu e destampou a tampa da panela, que tava tipo uma panela de pressão (risos). Aí teve muita coisa interessante, o... aquele chamado grito... grito forte, grito sindical quer dizer grito forte. E o pessoal gritou forte e juntou forte também e conseguiu umas vitórias muito importantes.

Com esse movimento de greve, houve uma mudança na relação entre a empresa e o sindicato. As negociações coletivas passaram a ser realizadas anualmente, houve a possibilidade de uma maior atenção do conselho diretor para com o sindicato, além do fato de que o pagamento tenha passado a ser em forma de salário quinzenal.

De um modo geral, percebemos que houve, enfim, um reconhecimento da empresa em relação à representação dos trabalhadores e à necessidade de entrar em diálogo e de cumprir os seus

²³ Lembramos, aqui, do relato de D. Alzira que iniciou este capítulo, quando declara que em um momento posterior, ela foi chamada a identificar os policiais responsáveis pelas agressões ao Dimas e ao Fenelon, outro diretor do sindicato.

²⁴ A empresa tinha três armazéns na cidade, onde os trabalhadores deveriam trocar os seus vales por alimentos, roupas e demais produtos que lhes eram necessários.

direitos trabalhistas. Identificamos, neste movimento, um marco divisório de uma mudança que vinha sendo construída desde as CEB's – a luta coletivamente organizada pela superação de uma condição de vida marcada pela opressão.

7.3 COTIDIANO EM TRANSFORMAÇÃO: TRABALHO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

O engajamento político dos trabalhadores rurais de Lagoa da Prata representou uma importante mudança na vida de todos os envolvidos no processo produtivo da cana-de-açúcar na cidade. A participação efetiva desses trabalhadores na defesa dos direitos resultou em uma transformação das condições e da organização de trabalho e nas próprias relações de poder que mantinham determinada condição opressiva.

É-nosevidente que essa transformação só foi possível a partir do momento em que os trabalhadores começaram a se organizar coletivamente e a agir, não apenas por si, mas pela categoria rural e, em última análise, pelo próprio ser humano que experimenta, vive e sofre aquela condição. Nesse sentido, esta postura revela uma superação das ações orientadas pelas necessidades do “eu”, como individualidade restrita, para uma consciência de “nós”, grupo de indivíduos pertencentes ao gênero humano. (Heller, 2008)

Essa orientação para o “nós” é claramente demonstrada nos depoimentos de Dimas e D. Alzira, que justificam o engajamento político e a escolha pela luta sindical como forma de fazer operar a justiça e de ajudar naquilo que lhes cabe e lhes é possível. A postura guiada pelo “nós” é orientada para e pelo outro, atribuído de diferenças e singularidades, mas igualmente humano – homem que trabalha, age e intervém no mundo, mas que também é vulnerável às determinações sociais.

Por isso, o ser humano é singular, único e irreduzível, ao mesmo tempo em que é, este mesmo homem em sua particularidade, pertencente ao gênero humano. O indivíduo contém, em si, o singular e o genérico e, desse modo, ele “se encontra em relação com sua própria individualidade particular e com sua própria genericidade humana”. (Heller, 2008, p. 37)

O homem contém, em si, o singular e o genérico; entretanto, a estrutura da vida cotidiana pode tornar muda a coexistência entre os dois elementos, ou seja, o ser humano pode passar uma vida inteira atuando pela sua particularidade e nunca se elevar às orientações humano-

genéricas. A muda coexistência entre esses dois elementos significa que, na individualidade, as indagações pelo gênero humano não são elevadas à consciência, tornadas objeto de reflexão e motivo para a ação.

Para Heller (2008), assim vive a maioria das pessoas: coexistindo mudamente o singular e o genérico; respondendo espontaneamente às demandas do dia-a-dia, sem a devida reflexão que inclui o outro, o “nós”.

Por isso, a cotidianidade é propícia à alienação, aqui compreendida como “o abismo entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos, entre a produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção”. (Heller, 2008, p. 58)

Em nosso estudo, a alienação é representada pelas soluções cotidianas orientadas pelo “eu”, em que os trabalhadores deixavam-se levar pelas determinações da empresa, solucionando individualmente os problemas e dificuldades impostos. Em um movimento contrário, orientados pela reflexão e ação pelo ser humano, Dimas e D. Alzira representaram esses trabalhadores e se dispuseram à luta pela mudança de uma condição rural por meio do sindicato.

Nesse sentido, a vida cotidiana, embora propícia à alienação favorecida pelo poder e pela relação hierárquica é, de outro modo, a possibilidade de elevação do indivíduo ao pertencimento humano-genérico.

Assim compreendemos a postura de Dimas e D. Alzira: o engajamento não lhes foi suficiente para a abolição do conflito relacional entre capital e trabalho, mas a luta em nome do gênero humano lhes permitiu o que Heller (2008), inspirada em Goethe, denomina condução da vida - apropriar-se da realidade e impor a ela a marca de si.

Desse modo, a condução da vida pressupõe a relação consciente do indivíduo com o humano-genérico, proporcionando uma autoconstrução que ordena os diferentes aspectos da realidade e opera algumas transformações no meio social, no cotidiano vivido.

As transformações conquistadas pela luta coletiva dos trabalhadores rurais de Lagoa da Prata foram significativas para a melhoria das condições de trabalho e de vida, através do exercício de seus direitos. As mudanças no trabalho são evidenciadas por Dimas:

[...] a partir do sindicato, aí passou a ter, aí começou a ter acordo sindical e todo ano era renovado e desses acordo sindical, era registrado as conquistas dos trabalhadores. De ano a ano foi tendo as melhoras, foi adequando mais as lutas com a constituição, CLT²⁵ e os trabalhadores passaram a ter seus direitos mais respeitados e eles também tiveram mais vontade de lutar, porque tava conquistando algumas coisas básicas aí necessárias. O caso de ferramenta, os trabalhadores antes compravam as ferramentas, a partir da negociação, eles passaram a ter a ferramenta de acordo com a CLT, que rege que o empregador forneça aquilo que é de uso do trabalhador fazer, executar suas tarefas. As horas extras passaram a ser mais designada e paga. O balão também foi uma outra peça que saiu de cena. O transporte melhorou bastante também, o trabalhador antes era levado pro serviço ou do serviço pra empresa, em até carretas de transporte de cana, carreta de trator, caminhão cheio de fueiro, era de transportar cana, às vezes ele saía do transporte de cana, dava só uma rapada na carroceria com enxada pra tirar o excesso de terra e aquilo serve também pra levar os trabalhador e trazer e outros não tinha prazo de limpar direito e tinha com terra mesmo que subir em cima daquilo (risos)... ah... uma dificuldade danada. A compra, comprava no armazém e o armazém era da empresa mesmo, então, o que ele adquiria da empresa, já comprava, o salário já era diminuído por causa da compra na própria empresa com o chamado boró.

Atentamos, neste momento, para outra transformação realizada pelo engajamento dos trabalhadores – aquela ocorrida na própria cidade de Lagoa da Prata, nesse espaço apropriado e ressignificado por eles.

Segundo Lefebvre (2008), o espaço é político, porque produzido historicamente pelo homem e, enquanto produto do homem, contém e dissimula as relações sociais. O espaço reproduz a lógica da produção, em nosso tempo, a capitalista, e conserva, em si, as contradições que lhe são inerentes.

Nesse sentido, a dominação do capital abrange, inclusive, a produção agrícola, cujo uso do espaço e do solo possui características amplamente diferentes da produção agrícola em outros modos de produção. Desse modo, “a produção agrícola tornou-se um setor da produção industrial, portanto, capitalista”. (Lefebvre, 2008, p. 154)

Na produção capitalista, o trabalho rural é encadeado pelos processos industriais e o espaço dessa produção é tão contraditório quanto ela própria o é: se, por um lado, as máquinas assinalam o desenvolvimento econômico e as imensas plantações de monocultura denotam a abundância da fabricação, por outro, as desigualdades são aguçadas diante das precárias condições de vida e trabalho impostas.

²⁵ Consolidação das leis trabalhistas (CLT).

Na produção rural da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata, o lugar dessas condições eram as vilas que pertenciam à empresa e ficavam próximas a ela, abrigando parte dos trabalhadores rurais e suas famílias. Em seu relato, D. Alzira expressa o sentido atribuído a essa moradia:

Eu falo assim, a colônia que tinha lá, né, a maioria do povo... eu falo que eu sou uma pessoa, como diz o caso, tem que agradecer a Deus, porque eu nunca morei no curral deles, simplesmente trabalhei, né. Porque tinha muitos que moravam lá dentro da colônia deles, né. Lá, como diz o caso, você morava ali, você pagava aluguel, pagava água, pagava tudo. Se tinha dez na casa que trabalhava, por exemplo, dois, três, que tivesse na casa, que trabalhava, todos dez pagava o mesmo aluguel, chamava a tal in natura, descontava de todo mundo. E aquilo era parede e meia, por exemplo, era uma casa dividida em quatro, pra quatro morar. Quatro famílias...

Essas vilas localizavam-se nas proximidades da indústria, bem distantes da cidade, o que, com a precariedade do transporte, dificultava o acesso da família à educação ou a outro tipo de trabalho. Por isso, famílias inteiras trabalhavam para a usina canavieira e a permanência dos filhos dos trabalhadores rurais nesse tipo de serviço era vista como um processo natural e óbvio.

[...] a gente foi vivendo e foi tomando conhecimento de algumas coisas que apertava o pessoal lá do ponto de vista de... dificuldade de vida mesmo [...] As casas eram bem juntinhas, tinha umas que tinha a parede meia e na vila lá tinha ruas, tinha a igreja também, tinha cinema, tinha barbearia, tinha armazém, essas coisas todas. Era como uma mini cidade [...] Foi a espécie de um esquema, uma forma de condução do pessoal lá. Foi vindo assim de geração em geração, então era o jeito de todo mundo lá. Eu cheguei já tinha mais ou menos uns 40 anos de empresa. Então, eu já cheguei bem a frente. E aí que eu to falando dessa dificuldade toda que o pessoal tinha, nas escolas, no trabalho... precisava melhorar bem a condição social.

As vilas eram a concretização dessa condição social no espaço e, por esse motivo, contradiziam toda a aparência de desenvolvimento e progresso dos canaviais. Não podemos deixar de apontar ao modo como Dimas relaciona o espaço aos problemas sociais da produção da cana-de-açúcar. Isso só é possível porque, “o homem se apropria do mundo através da apropriação de um espaço-tempo determinado, que é aquele da sua reprodução na sociedade”. (Carlos, 2007, p. 21)

A fabricação da cana-de-açúcar, assim como toda produção capitalista, serve-se do espaço como instrumento para a sua produção: expande as suas plantações pela propriedade do solo e extingue as suas riquezas naturais. Na produção de cana em Lagoa da Prata, as vilas também eram a instrumentalização do espaço, já que significavam a garantia da mão-de-obra atravessando as gerações e a manutenção do poder sobre os trabalhadores. Mesmo na cidade,

a indústria da cana sinalizava o seu domínio sobre o espaço, pelos armazéns, onde os trabalhadores trocavam os seus vales.

Consideramos que o engajamento político dos trabalhadores de Lagoa da Prata produziu uma transformação desse espaço, cujo uso foi além da dominação e da instrumentalização.

Quando Dimas, em seu registro histórico das lutas sindicais da cidade, relata que as reuniões para a articulação da representação dos trabalhadores foram realizadas em diferentes locais, Casa da Amizade do Alto Forno, Centro Catequético, Igrejinha do Rosário, testemunhamos o momento em que esses lugares passaram a ter outro significado – abrigo para a luta coletiva dos trabalhadores rurais.

Dimas lembra, ainda, que algumas reuniões foram realizadas também no museu e no poliesportivo, onde foi fundado, enfim, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa da Prata. Em relato, ele atenta para a importância do espaço do Serviço de Obras Sociais (S.O.S.), local acolhedor para as demandas e discussões da categoria rural.

O uso do espaço, a apropriação para a articulação e o engajamento político dos trabalhadores demonstram que “o espaço contempla simultaneamente as possibilidades concretas de realização da sociedade e as suas virtualidades”. (Carlos, 2007, p. 22). Ou seja, a cidade e seus espaços são, para além do uso que deles se faz, o lugar do possível: onde se contempla a Deus, efetiva-se a sua presença na vida cotidiana; onde se pretende guardar a história, transforma-se e se constrói uma nova; onde se praticam esportes, concretiza-se a representação sindical de uma categoria em busca dos direitos e de melhores condições de vida.

Após a fundação do sindicato, outro espaço foi apropriado. Dimas lembra que “a primeira sala de funcionamento do sindicato foi na rodoviária, aqui mesmo na cidade, foi cedida pela Prefeitura, então cedeu pra nós essa sala, a gente teve uns tempo funcionando e trabalhando lá”. Nesse sentido, a rodoviária foi efetivamente transformada para atender às necessidades dos trabalhadores.

Entretanto, a produção do espaço realizada pelos trabalhadores rurais, que talvez seja a mais importante, é a construção da sede do sindicato dos rurais:

E, na luta, na peleja também, desenvolveu-se o ideal de ter uma sede própria. E aí nas conversação, nas luta, o trabalhador entendeu que era mesmo interessante. E aí, o sindicato mesmo comprou o lote, fez mutirão, donativo que vinha, tudo era bem-vindo, trabalhador contribuindo e foi trabalhando, trabalhando até que conseguiu fazer a sua sede própria. Ta aqui também, perto da rodoviária, não é longe, está na Rua Alagoas, 878. E aí, Graças a Deus, foi também um período, uma fase de bem mais tranquilidade. Quem antes tinha que pedir chave a uma entidade, a um cômodo ou outro, pedir espaço pra fazer reunião, aí passou a ter o seu lugar próprio de reunião. Tinha mais comodidade, mais tranquilidade de conversação e orientação dos trabalhador. Pessoal achou muito bom também, porque quando o trabalhador vê, percebe que tem avanço na sua luta, tem conquista, ah, ele empenha mais, fica animado, apesar de ter no grupão todo às vezes uns que nem tanto, mas a maioria, uma boa parte empenha e segue em frente e as diretoria também. (Dimas)

Além do sindicato, o movimento de greve e as assembleias que ocuparam as ruas de Lagoa da Prata retiraram os trabalhadores do isolamento das colônias e os trouxeram para a cidade, dando visibilidade à contradição e aos problemas sociais do processo produtivo da cana-de-açúcar.

A transformação espacial operada pelos trabalhadores, acrescida do fim das vilas e dos armazéns, revela uma nova fase do processo produtivo da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata.

A produção ainda permanece dominando os solos, expropriando recursos naturais e, sim, fazendo o uso do espaço como instrumento para a capitalização e a produção industrial. Entretanto, na companhia de Dimas em um passeio pela cidade – antiga sede da rodoviária, ruas de manifestação e sindicato – e em meio aos resíduos de queimada da plantação trazidos pelo vento, compreendemos este mesmo espaço do domínio do capital como o lugar de uso e de condução da vida dos trabalhadores.

Por isso, se o espaço revela, em si, este duplo uso, ele também contém e reproduz as histórias da produção da cana-de-açúcar: oficial e concreta.

Em nosso estudo, tentamos abordar, de um modo especial, a história concreta que, envolvendo os trabalhadores rurais da cana-de-açúcar, não se faz presente na repercutida história oficial. No entanto, ela está lá, presente no espaço e na vida dos trabalhadores que tanto tiveram o que contar. Nesse sentido, o sindicato significa mais do que uma construção, mas possibilidade da cidade revelar-se

[...] concretamente através do uso que dá sentido a vida, revelando o conteúdo da prática sócio-espacial. É pelo uso (como ato e atividade) que a vida se realiza e é também através uso que se constroem os “rastros” que dão sentido a ela, construindo os fundamentos que apóiam a construção da identidade revelada como atividade prática capaz de sustentar a memória. (Carlos, 2007, p. 30).

8 AS IMAGENS DA HISTÓRIA CONCRETA

Ecléa Bosi (1987; 2003), em seus estudos sobre a memória de velhos, mostra que a memória se enraíza no concreto, representado pelo espaço e pelos objetos que fizeram e fazem parte da história de uma vida, de uma classe. Por isso, o espaço e os objetos contam as trajetórias dos sujeitos e nos lançam ao seu vivido social.

Os objetos, especialmente, quando compõem a experiência de um sujeito, carregam, em si, os sentidos daquela história. Esses objetos são, nos termos de Ecléa Bosi (2003), *biográficos*, e, guardados cuidadosamente ao longo dos anos, conservam o significado de toda uma vida. Não raro, compartilhando uma história, resgata-se o mundo material que a concretiza: um vídeo, uma reflexão, a carteira de trabalho, o livro de canções das CEB's²⁶...

Dentre os diversos materiais compartilhados pelos trabalhadores durante a construção desta pesquisa, as fotografias revelaram-se fundamentais para a compreensão através do olhar, da contemplação que se desdobra em imaginação e nos leva a um lugar, um momento, uma vida. A fotografia fixa uma imagem e, nela, eterniza um tempo, uma situação, um sentimento. Nesse sentido, a fotografia fala ao seu admirador, que, por ela, imerge em um mundo social, em uma historicidade concretizada em objeto.

As fotografias compartilhadas por Dimas registram a história concreta do mundo da cana, de um modo especial, as experiências vividas nas CEB's, as lutas abraçadas pelo sindicato e o movimento da greve de 1989. Parte da trajetória desses trabalhadores apresenta-se em forma de imagem nesses registros fotográficos. Eis, portanto, a nossa oportunidade de enriquecer o conhecimento da realidade rural da produção da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata, Minas Gerais.

²⁶ Dois momentos foram marcantes durante o recolhimento das histórias de vida: no primeiro deles, D. Alzira busca pela carteira de trabalho guardada entre outros objetos e mostra as diferentes contratações realizadas no decorrer dos anos. Naquele período, era comum a contratação por safra, que durava, em média, três meses. Com a carteira em mãos, D. Alzira lembra, ainda, de quando foi dispensada da indústria pelo seu envolvimento na luta sindical. Outro momento foi compartilhado por Dimas, que, ao resgatar o livro de canções das CEB's, canta os ritmos e as palavras que entoaram os encontros religiosos e os movimentos reivindicatórios.



FOTO 1 – *A experiência das CEB's*. A imagem retrata uma mobilização realizada pelo grupo das CEB's. Ao centro, com a cruz e os cartazes vemos Dimas e, ao fundo, algumas casas da vila em que morava grande parte dos trabalhadores rurais da usina de Lagoa da Prata/MG. Fonte: Arquivo pessoal.



FOTO 2 – *O Casarão ou Museu*. Local que, abandonado pelo poder público, foi utilizado para as reuniões que visavam à fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa da Prata/MG. Fonte: Arquivo pessoal.



FOTO 3 – *Representação sindical.* Retrato do grupo que concretizou a luta coletiva, no dia da fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa da Prata (18/05/1986). Dimas, sentado no alto de boné branco, está ao lado de sua esposa, Otaviana. Fonte: Arquivo pessoal.

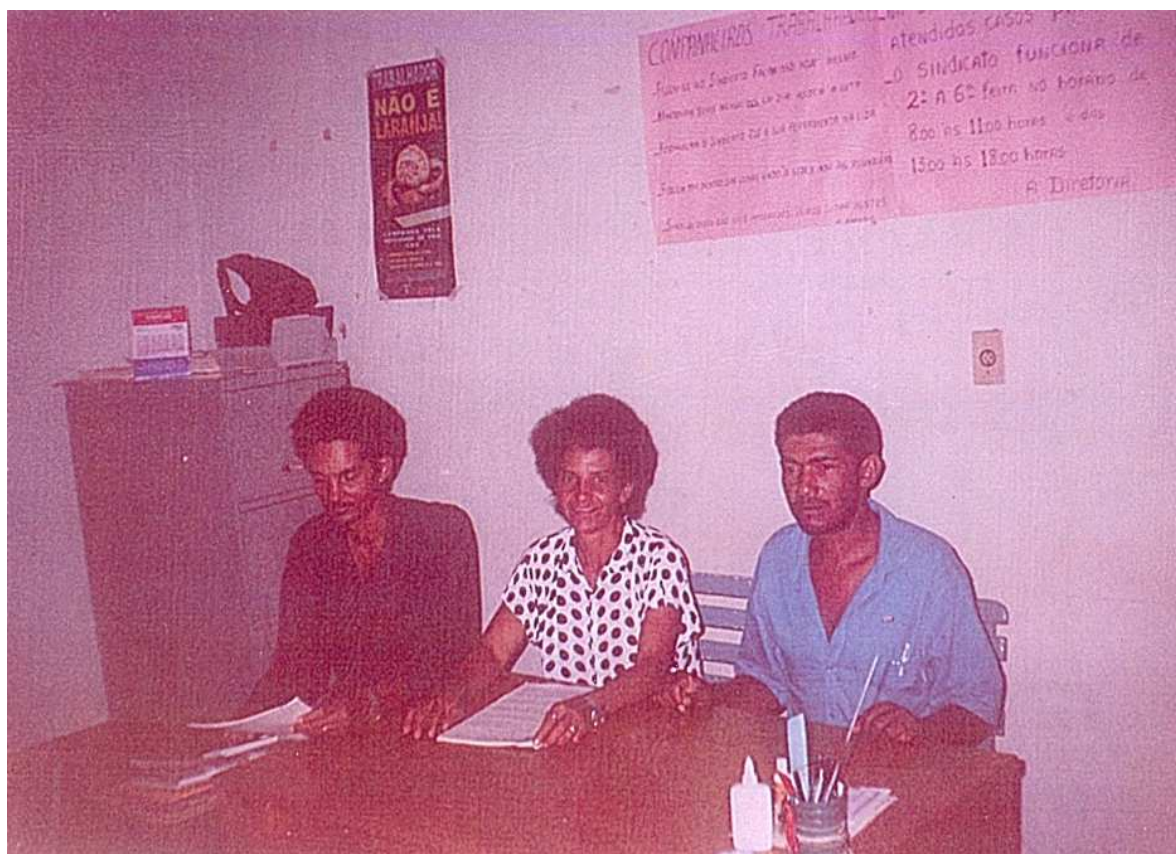


FOTO 4 – *Uma sala na rodoviária, uma luta pelos trabalhadores rurais.* Retrato de uma das primeiras diretorias composta por Dimas (à esquerda), Dona Alzira (ao centro) e Rui (à direita). Fonte: Arquivo pessoal.



FOTO 5 – *A luta toma as ruas*. Retrato da greve de 1989, importante movimento reivindicatório que mudou a relação da empresa com os trabalhadores e sua representação sindical. Fonte: Arquivo pessoal.



FOTO 6 – *Os alicerces da independência*. Retrato da obra de construção da sede própria do sindicato. A transformação exercida e vivida pelos trabalhadores através da luta coletiva concretiza-se no espaço da cidade, que contém e revela a história concreta. Fonte: Arquivo pessoal.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho pretendeu à compreensão do universo rural da produção da cana-de-açúcar: do cotidiano e da experiência vividos pelos trabalhadores nos canaviais. O acesso a esse universo foi possibilitado pelas histórias de vida relatadas por D. Alzira, cortadora de cana, e Dimas, trabalhador responsável pelo manuseio e aplicação de adubos e agrotóxicos nas plantações.

As trajetórias compartilhadas por esses trabalhadores muito nos revelaram sobre as condições e a organização do trabalho rural na cana, os desgastes humanos e ambientais provocados pela agroindústria e, finalmente, o engajamento político e a luta pelos direitos – sinal de que, apesar de todas as agruras do trabalho, ainda havia a vida em criação, em transformação.

Nossa tentativa foi produzir um conhecimento que nos fosse oferecido pela realidade historicamente datada – anos 1970 e 1980 – e espacialmente delimitada – cidade de Lagoa da Prata, Minas Gerais. Somos limitadas, sabemos, no tempo, no espaço e nas singularidades das trajetórias desenhadas. Entretanto, reconhecemos: a história de um trabalhador e de uma trabalhadora pode nos contar e nos fazer pensar sobre a condição humana que se produz e reproduz, atravessando tempos e espaços de nossa sociedade.

Provavelmente, a maior contribuição de nosso estudo tenha sido reivindicar para o trabalho rural um lugar ao centro, onde ele próprio (o trabalhador) se revela, delineia caminhos e guia o conhecimento. Isso porque, uma história (a oficial), formulada conforme os interesses políticos e econômicos, reverbera-se entre nós e, nela, os trabalhadores rurais não se contam e, quando muito, são mencionados “por cima” e “por fora”.

A história oficial alia a produção da cana-de-açúcar ao desenvolvimento do país e à conservação da diversidade natural e biológica. No entanto, confrontada com a vida concreta que se configura nos canaviais, essa história não permanece como tem se esforçado em manter: verdade única e inquestionável do universo produtivo da cana.

Imersas no mundo rural da cana, muito (para além da história oficial) descobrimos: a opressão sustentada pelo poder e os sentimentos que dela decorrem, as normas e os valores

agroindustriais impostos e o sujeito em sua atividade – suas escolhas e postura. Recuperamos o vivido social que, composto pelo trabalho, família e religião, configura o universo de Dimas e D. Alzira e define a experiência que orienta ações e postula saberes.

A própria pesquisa configurou-se como uma experiência, uma possibilidade de olhar para si e para o vivido; rever, repensar, revisitar esse passado construído a cada dia, sofrido e transformado a cada passo. Momento de parar, contemplar a vida desde o seu início e se perceber sujeito de uma história repleta de acontecimentos, geradora de mudanças no mundo social do trabalho, da cidade e no próprio ser. Como Dimas, ao final de seu relato, demonstra: “é engraçado, a gente vai vivendo a vida do jeito que a gente acha melhor e, de repente, quando chega alguém e faz a gente olhar pra trás, a gente vê que fez muita coisa e que tudo valeu a pena.”

O sentimento de que “tudo valeu a pena” atribui sentido a toda uma trajetória e confere significado às escolhas do caminho, à postura diante do que é oferecido pelo mundo social. De um modo especial, esse sentimento nos faz lembrar que a beleza da vida humana reside na relação entre *aquilo que se faz do sujeito e aquilo que o sujeito faz com o que foi feito dele*. (Sartre)

Nosso encontro com Dimas e D. Alzira nos proporcionou o testemunho da vida em criação (do mundo das coisas e de si). Interessante notar como o ser humano é capaz de trabalhar sobre o material social que lhe é dado e não se submeter a ele, mas apropriar-se dele, moldando-o ao seu modo e maneira de ser. Ser que não aceita a condição de objeto, mas que é sujeito que conduz o mundo, a própria vida.

Como sabemos, a transformação operada por esses trabalhadores em seu meio foram significativas para a melhoria de determinada condição de trabalho e de vida, por meio da conquista de direitos. As mudanças historicamente alcançadas pelos trabalhadores convivem, atualmente, com a produção industrial da cana, cujas características próprias ainda estão por ser compreendidas.

Com esta pesquisa, tentamos, ainda que de maneira limitada, impedir que o trabalho e a luta no mundo rural da cana sejam tomados pelo esquecimento. E, embora saibamos de sua

presença no espaço e na vida cotidiana dos trabalhadores, na maioria das vezes, assombradas pela história oficial, essas histórias, concretamente construídas, não conseguem ser vistas.

REFERÊNCIAS²⁷

- Alves, A. J. L. (2010). A história da exclusão e a exclusão da história. *Verinotio – revista on-line de educação e ciências humanas. Espaço de interlocução em ciências humanas*, n. 11, ano IV, abr. 2010, p. 5-13. Recuperado em 20 de julho de 2011, de: http://www.verinotio.org/Verinotio_revistas/n11/artigos/art1_antonio.pdf
- Araújo, J. N. G.; Pinheiro, T. M. M.; Greggio, M. R. (2011). Notas sobre o adoecimento mental em trabalhadores rurais. In: Zanelli, J. C.; Silva, N.; Tolfo, S. R. *Processos psicossociais nas organizações e no trabalho*. SP: Casa do Psicólogo, p.46-60.
- Arfuch, L. (2007). *El espacio biográfico: Dilemas de la subjetividad contemporânea*. Buenos Aires: Ed. Fondo de cultura Econômica de Argentina.
- Associação Promotora de Estudos da Economia (1977). Cooperativa Fluminense dos Produtores de Açúcar e Alcool. IV Encontro Nacional dos Produtores de Açúcar. *Canade-açúcar: energia e desenvolvimento para o Brasil*. Rio de Janeiro: APEC: COPERFLU.
- Barros, V. A., & Silva, L. R. (2002) A pesquisa em história de vida. In: Goulart, I. B. (org). *Psicologia Organizacional e do Trabalho; teoria, pesquisa e temas correlatos* (pp. 133-146). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Becker, H. (1996). Conferência: A Escola de Chicago. *Mana*. 2 (2), p. 177-188.
- Benjamin, W. (1994). Sobre o conceito de história. In: *Obras escolhidas, volume 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Betto, F. (1985). *O que é comunidade eclesial de base*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, p. 20-28.
- Bosi, E. (1987). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Cabanes, R. (2000). Quelle approche biographique? *Revue Internationale de Psychosociologie*. Vol. VI, 14, 11-27.
- Cabanes, R. (2006) Viagem a Montbéliard. (Trad. Paulo Neves). *Tempo Social, revista de Sociologia da USP*. V. 18, n. 1, 105-113.
- Canguilhem, G. (2001). Meio e normas do homem no trabalho. *Pró-posições*. v. 12, n. 2-3 (35-36), jul.-nov. p. 109-121.

²⁷ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

- Carlos, A. F. (2007). *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Labur edições, 123 p.
- Chasin, J. (Locutor). (1993). *O que é trabalho?* Palestra proferida na FAFICH, UFMG.
- Chasin, J. (2000). A via colonial de entificação do capitalismo. In: *A miséria brasileira: 1964-1994 – do golpe militar à crise social*. Santo André (SP): estudos e Edições Ad Hominem, p. 37-58.
- Chasin, J. (2009). *Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo.
- Corbi, J.J.; et. al. (2006). Diagnóstico ambiental de metais e organoclorados em córregos adjacentes a áreas de cultivo de cana-de-açúcar (estado de São Paulo, Brasil). *Quim. Nova*, Vol. 29, No. 1, 61-65.
- de Armas, E. D.; et. al. (2005). Uso de agrotóxicos em cana-de-açúcar na bacia do rio Corumbataí e o risco de poluição hídrica. *Quim. Nova*, Vol. 28, No. 6, 975-982.
- Domingues, M. R.; et. al. (2004). Agrotóxicos: risco à saúde do trabalhador rural. In: *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, Londrina, v. 25, p. 45-54, jan./dez.
- Ferrarotti, F. (1990). *Histoire et histoires de vie: la méthode biographique dans les sciences sociales*. Paris: Méridiens Klincksieck.
- Fortes, R. V. (2008). Procedimento investigativo e forma expositiva em Marx – duas leituras: Lukács e Chasin. *Verinotio – revista on-line de educação e ciências humanas. Espaço de interlocução em ciências humanas*, n. 9, ano V, nov. 2008, p. 73-105. Recuperado em 20 de julho de 2011, de: <http://www.verinotio.org/conteudo/0.16253103610364.pdf>
- Furtado, C. (1971). *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Nacional.
- Galeano, E. (1979). *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gaulejac, V. (2001). Psicossociologia e Sociologia Clínica. In: Araújo, J. N. G; Carreteiro, T. C. (orgs.) *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: FUMEC. p. 35-47.
- Gaulejac, V; Marquez, S. R; Ruiz, E. T. (2006). *Historia de vida: Psicoanálisis y Sociología Clínica*. México: Universidad Atónoma de Querétaro.
- Godoy, M. M. (2004). *No país das minas de ouro a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócio: um estudo das atividades agroaçucareiras tradicionais mineiras, entre o Setecentos e o Novecentos, e do complexo mercantil da província de Minas Gerais*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/USP.
- Guttman, M. C. (1994). Los hijos de Lewis: la sensibilidad antropológica y el caso de los pobres machos. *Alteridades*. 4 (7), p. 9-19.
- Heller, A. (2008). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.

- Lefebvre, H. (2008). *Espaço e política*. Belo horizonte: Editora UFMG.
- Lejeune, P. (2008). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Lévy, A. (2000). Les récits de vie: entre histoire et mémoire. *Revue Internationale de Psychosociologie*. Vol. VI, 14, 47-59.
- Lispector, Clarice (1977). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: J. Olympio.
- Löwy, M. A filosofia da história de Walter Benjamin. In: *Estudos avançados* (16) 45, p. 199-206.
- Martins, J. S. (2003). *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus.
- Mészáros, I. (2002). *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- Oliveira, O. C. (1992). *O meu braço*. Lagoa da Prata. Sem editora.
- Oliveira, R. C. (1996). O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, v. 39, nº 1.
- Oliveira, S. R. O. (1998). *Lagoa da Prata: Retiro do pântano*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias.
- Pádua, J. A. (2003). Desenvolvimento humano e meio ambiente no Brasil. In: Moser, C.; Rech, D. (orgs.) *Direitos humanos no Brasil: diagnósticos e perspectivas: olhar dos parceiros de Misereor*. Rio de Janeiro: CERIS/ Mauad.
- Roseiro, M. N. V. & Takayanagui, A. M. M. (2004). Meio ambiente e poluição atmosférica: o caso da cana-de-açúcar. In: *Saúde*, Vol. 30 (1-2): 76-83.
- Schwartz, I. (2007). Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana. Niterói: Universidade Federal Fluminense (EdUFF).
- Schwartz, I. (2011). Manifesto por um ergoengajamento. In: Bendassolli, P. F; Soboll, L. A. P. (orgs.). *Clínicas do Trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Santos, Ciro dos. (1980). *40 anos de Lagoa da Prata*. Lagoa da Prata: Clínica Nossa Senhora de Guadalupe.
- Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico. (2009) *Governo de Minas debate o etanol na Assembleia Legislativa*. Belo Horizonte, MG: Autor. Recuperado em 20 de julho de 2011, de: http://www.desenvolvimento.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=287.
- Silva, M. A. M. (1999). *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

- Sindicato dos trabalhadores rurais de Lagoa da Prata/MG. *A greve de 1989*. [Filme-vídeo]. Lagoa da Prata: Sem produtora.
- Sydow, E; Mendonça, ML; Melo, M. (2008). *Direitos Humanos e a Indústria da Cana*. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.
- Szmrecsányi, T. (1979). *O planejamento da agroindústria canavieira no Brasil (1930-1975)*. São Paulo: HUCITEC, Universidade Estadual de Campinas.
- Weil, S. (1979). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.